

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim 127

Língua e Literatura Inglesa n.º 1

HIGINO ALIANDRO

**JOHN DONNE NO MOVIMENTO
LITERÁRIO METAFÍSICO**

★



SÃO PAULO

1951

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim 127

Língua e Literatura Inglesa n.º 1

HIGINO ALIANDRO

**JOHN DONNE NO MOVIMENTO
LITERÁRIO METAFÍSICO**

★



SÃO PAULO

1951

Os Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, são editados pelos Departamentos e Cadeiras das suas diversas secções.

Toda correspondência deverá ser dirigida para o Departamento ou Cadeiras respectivas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Caixa Postal 8.105, São Paulo, Brasil.

The "Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo" are edited by the different departments of the Faculty.

All correspondence should be addressed to the Department concerned, Caixa Postal 8.105 São Paulo, Brasil.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:

Prof. Dr. ERNESTO MORAES LEME

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor:

Prof. Dr. EURIPEDES SIMÕES DE PAULA

CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA INGLESA.

Professor J. F. TUHOY

Assistente: Higino Aliandro

JOHN DONNE

NO

MOVIMENTO LITERARIO METAFISICO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim 127

Língua e Literatura Inglesa n.º 1

HIGINO ALIANDRO

JOHN DONNE NO MOVIMENTO LITERÁRIO METAFÍSICO

★



SÃO PAULO

1951

D U A S P A L A V R A S

Em junho de 1947, Mr. Kenneth John Swann, então professor desta Cadeira de Língua e Literatura Inglesa, sugeriu-me o presente tema para uma tese de doutoramento *, para o qual forneceu-me um plano de trabalho. Em janeiro de 1948 o professor Kenneth J. Swann regressou à Inglaterra e desde então, apesar da solicitude de Mr. Geoffrey Wile e de Mr. Leonard Downes, vi-me sempre na situação de trabalhar sózinho em tão intrincado tema; acrescentando às minhas naturais dificuldades críticas uma intransponível impossibilidade de obter toda a bibliografia atinente a êste estudo, pois grande parte das obras indicadas não as pude até hoje obter, por estarem esgotadas e inacessíveis em bibliotecas inglesas.

Apesar de todas as dificuldades, que não quero aqui encarar, realizei como pude, dentro da honestidade crítica, o trabalho que se me impôs. Em face de JOHN DONNE, poeta complexo e ainda mal estudado, procurei pôr em evidência os seguintes temas:

a sua biografia, nos fatos elucidativos da sua obra; os aspectos gerais dessa obra, quer em prosa, quer em verso; o movimento metafísico seiscentista, onde particularmente procurei focalizar Donne, seus principais discípulos, e Shakespeare; as imagens, os conceitos e as atitudes mais caracterizadoras da poesia de Donne.

Sei que muitos outros temas sugere a obra de Donne, e sei que poderia ter-me restringido a um tema mais específico dessa obra; mas senti que sendo o poeta ainda mal conhecido entre nós, no mundo de sua obra, não deixaria de ser oportuno um estudo geral da mesma com destaque de seus mais vivos acentos. Usei para a leitura e para as citações o seguinte texto de Donne: *The Complete Poetry and Selected Prose of John Donne and The Complete Poetry of William Blake*, A Random House Book. Consigno aqui meus agradecimentos a todos que de um modo ou de outro me orientaram, e particularmente a Mr. K. J. Swann, a Mr. Geoffrey Wile e a Mr. Leonard Downes.

São Paulo, abril de 1950.

(*) Tese apresentada ao doutoramento na Cadeira de Língua e Literatura Inglesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo.



P R E F Á C I O

Na catedral de S. Paulo, em Londres, se encontra, esculpido em mármore branco, representando um corpo envolto em mortalha, com os pés sobre uma urna funerária, a estátua de um dos filhos diletos da igreja anglicana. Poucos dias antes de sua morte e por sugestões de amigos, aquiesceu o apóstolo da igreja da Inglaterra aos rogos do Dr. Fox (1) em posar para um pintor a fim de que fosse possível, mais tarde, a construção de um monumento (2). A originalidade, o temperamento e a humildade de Donne levaram-no a escolha de uma urna como pedestal mortuário, e de uma mortalha, como veste derradeira. De olhos fechados, pacientemente, submeteu-se ao sacrifício.

Interessante é notar que, no fim da vida, continuava o mesmo homem, sempre inspirado por independência absoluta e originalidade impressionante, reveladas não só na sua vida como também na sua obra poética e prosística. Era o mesmo indivíduo que, durante a supremacia da tradição petrarquiana, desafiou-a e com ela rompeu, dando origem a uma nova era, na história da lírica amorosa dos ingleses.

1 — "I must here look so far back, as to tell the Reader that at his first return out of Essex, to preach his last Sermon, his old friend and Physician, Dr. Fox — a man of great worth came to him to consult his health; and that after a sight of him, "That by cordials, and drinking milk twenty days together there was a probability of his restoration to health"; but he passionately denied to drink it. Nevertheless, Dr. Fox, who loved him most entirely, wearied him with solicitations, till he yielded to take it for ten days; at the end of which time he told Dr. Fox, "He had drunk it more to satisfy him, than to recover his health; and that he would not drink it ten days longer, upon the best moral assurance of having twenty years added to his life; for he loved it not; and was so far from fearing Death, which to others is the King of Terrors, that he longed for the day of his dissolution".

(Izaak Walton's Lives, págs. 77 e 78).

2 — Dr. Henry King (1591-1669), grande amigo e testamenteiro de Donne; foi ele quem conseguiu a execução do monumento em uma só peça de mármore branco. Bispo de Chichester em 1641. Pertenceu a Escola Donniana, tendo, com suas poesias, honrado o mestre. Izaak Walton, págs. 52 e 53, dá maiores esclarecimentos.

(3). De quando em quando Petrarca (4) ressurgue na sua poesia, especialmente quando dedica a sua musa a uma representante do sexo fragil: A Sra. Herbert (5), por exemplo; porém Petrarca se encontra alterado na estrutura e colorido, no tom e temperamento, na imagem e ritmo. Donne foi fonte de onde emanou a lírica "metafísica". O espírito de suas melhores poesias amorosas se difundiu pelas elegias e pelos poemas divinos. Ainda nele encontramos o primeiro importante satírico, de inspiração clássica, de tão grande projeção no cenário intelectual que Dryden e Pope não puderam escapar à sua influência. "Em certos aspectos intelectuais e práticos é êle o mais medieval dos poetas, em temperamento o mais moderno e com Jonson o principal inspirador dos contemporâneos mais jovens, e o mais potente arauto e pioneiro do movimento literário de argumento poético e de eloquência" (6). Eis o nosso poeta JOHN DONNE.

-
- 3 — Thomas Carew emitiu o seguinte parecer sobre Donne:
- The Muses' Garden, with pedantic weeds
O'er-spread, was purged by thee: the lazy seeds
Of servile imitation thrown away
And fresh invention planted, thou didst pay
The debts of our penurious bankrupt age;...

("An Elegy upon the death of the Deane of Pauls, Dr. John Donne").

- 4 — "Petrarca formou uma escola poética; e bem que não tivesse discípulo que lhe fosse comparavel imprimiu seu cunho no gôsto da época. Não inventou o soneto, foi porém causa eficiente de sua propagação. Deu pureza, elegância e sensibilidade à língua italiana que menos mudanças tem feito durante os cinco últimos séculos do que fizera desde o tempo de Guido Guinizelli até seus dias. Não se lhe pode outrossim recusar a honra de restaurador do verdadeiro sentimento da antiguidade clássica na Itália, e por consequência em toda a Europa".

(Hallan, Introduction to the Literature of Europe in the Fifteenth, Sixteenth and Seventeenth Centuries, vol. I.).

Mas para Donne a poesia de Petrarca era por demais açucarada e, por isso, preferiu conduzir a poesia amorosa, de algum modo, de volta para a Natureza.

- 5 — Lady Magdalen Herbert, mãe de George Herbert, poeta da Igreja Anglicana, por excelência, e de Edward Lord Herbert, of Cherbury. Os três foram grandes amigos de Donne.
- 6 — "John Donne", por Herbert J. C. Grierson, The Cambridge History of English Literature, vol. IV, pag. 192, Cap. XI.

I — BIBLIOGRAFIA

Poeta e orador sacro inglês, viveu durante os reinos de Izabel, Jaime I e Carlos I. Nasceu em 1573, na paróquia de St. Nicholas Olave, na cidade de Londres. Filho de ferrageiro, talvez de origem galês e de Elizabeth Heywood Donne, filha de John Heywood, famoso dramaturgo do reino da rainha Mary, e da Sra. Elizabeth Rastall ou Rastell. Esta Elizabeth Rastell era filha de John Rastell e de Elizabeth More Rastell, irmã de Sir Thomas More. De maneira que pelo lado materno, John Donne descende de uma ramo profundamente católico apostólico romano.

Num ambiente de religião romana, Donne cresceu, tendo sempre preceptores particulares ministrando-lhe não só ensinamentos de acôrdo com a fé cristã, mas também educação primorosa. Com 11 anos de idade, em 1584, foi encaminhado para Hart Hall, na Universidade de Oxford, já conhecendo bem o francês e o latim. Por isso foi cognominado Picus Mirandola (7). Aos 14 anos, em 1587, passou para a Universidade de Cambridge, onde permaneceu até aos 17 anos (1590), mas não tirou diploma nem de uma nem de outra universidade, por causa da aversão natural de sua crença de algumas partes do juramento baseado na nova fé (8). Contudo na Universidade de Oxford, em 1610, foi registrado como já possuindo o diploma de M. A. (Master of Arts) de Cambridge.

Os documentos relativos a estes anos escolares são muito falhos; Por volta de 1590 Donne foi para Londres e, em 6 de maio de 1592, entrou para o Lincoln's Inn, tendo já passado por Thavies's Inn, com a intenção de estudar direito. Como os jovens estudantes da época, entregou-se aos praze-

7 — João Picus, Príncipe de Mirândula, aos 18 anos de idade, dizem, entendia 22 idiomas e aos 24 discursava sobre qualquer ramo do conhecimento humano.

8 — Depois da bula papal "*Regens in Excelsis*" (1570) os católicos não podiam reconhecer a supremacia real em matéria eclesiástica proveniente de juramento de fidelidade ao Rei, obrigatório para todos estudantes de 16 anos de idade, por isso era costume dos católicos entrarem na Universidade com 12 anos.

res mundanos, ao lado de um estudo intenso e, provas tanto de uma como de outra atitude, encontramos em seus poemas. Segundo sua própria afirmação a Jonson (9), as canções, as elegias e as primeiras sátiras já se encontravam escritas antes dos 25 anos. Nos poemas desta fase notam-se abundantes metáforas de cunho jurídico, o que demonstra a influência do Direito sobre o seu espírito.

Sendo grande a polêmica entre os defensores da nova e velha fé cristã, resolveu Donne estudar, aos 20 anos de idade, Teologia. Leu a obra do Cardeal Bellarmine, considerado um dos maiores defensores da Igreja Católica Apostólica Romana: "*Disputationes de Controversis Christianae Fidei, adversus sui temporis Haereticos.*" Nesta obra escreveu sérias observações. Cremos que, embora jamais deixasse de ser influenciado pela fé romana, Donne, diante da perseguição que os católicos sofriam (10), resolveu, a fim de viver em

9 — Do livro — "Notes of Ben Jonson's Conversations With William Drummond of Hawthornden, 1619, first printed 1711",

"Affirmeth Done to have written all his best pieces ere he was 25 years old".

10 — Augustus Jessop, na obra "John Donne", dá-nos a relação dos parentes de Donne, perseguidos e mortos por serem católicos apostólicos romanos:

"On his mother's side, Dr. Donne was descended from the family of Sir Thomas More, whose judicial murder, when he was Lord Chancellor of England, is only too well known to us all.

1. He died for conscience' sake upon the scaffold in 1536.

2. Elizabeth, a sister of Sir Thomas More, had married John Rastall, one of our early printers and a barrister of Lincoln's Inn. He too suffered much for his vehement opposition to the Reformation; he is said to have witnessed the barbarous execution of his brother-in-law, and he himself appears to have died in prison that same year. He too a sufferer for conscience' sake.

3. Margaret Griggs, another inmate of the house of Sir Thomas More, and a kinswoman and adopted daughter of the illustrious Chancellor, became the wife of Dr. John Clement about the year 1530, and her husband, also an exile for conscience' sake, survived her two years, he too dying in the foreign land a confessor for the faith for which he suffered.

4. Winifred, the daughter of these two last-named persons, married William Rastall, the son of John Rastall mentioned above, who was Sir Thomas More's brother-in-law. William Rastall became one of the judges of the Common Pleas. He too, under the pressure of the Elizabethan laws enforcing conformity upon all,

paz, bem como para que tivesse meios de galgar à posições cobiçadas, entregar-se à nova fé religiosa. Não foi, a nosso ver, uma mudança de religião por motivos teológicos mas, se-jamos francos, por interesse (11).

Veremos mais adiante (página n.º 30) que Donne sempre foi o mesmo homem. Diante da necessidade, não vacilava em dedicar sua Musa a quem o pudesse amparar, mas também é verdade que depois de ingressar na carreira eclesiástica se torna, pelas circunstâncias, fervoroso pastor, graças a transmutação dos objetos de seus desejos e cobiças.

Julga-se que Sir Henry Wotton, amigo de Donne desde os anos escolares, em Oxford, induziu-o a entrar para os serviços do Conde de Essex, como voluntário, na expedição à Cadiz, em 1596, e aos Açores, em Julho de 1597. Destas duas viagens, a primeira com grande sucesso para a armada britânica (e que Macaulay diz "ter sido o feito mais brilhante que o exército inglês obteve, no continente, durante o longo intervalo que decorreu entre a batalha de Azincourt e a de Blenheim") e a segunda, conhecida pelo nome de "A Viagem

abjured the realm for the second time in 1563. He ended his days at Louvain in 1565, and was buried there beside Winifred, his wife, who had died there ten years before. They were both exiles in the foreign land for 'conscience' sake, as so many of their kindred had been before them and after them.

5. Elizabeth, the daughter of William Rastall, the judge, and Winifred, his wife, married John Heywood, the epigrammatist. John Heywood narrowly escaped being hung by Henry VIII., was high in favour under Queen Mary, but at the accession of Queen Elizabeth he felt himself compelled to retire to Malines, where he too died an exile. There was no place for men of his opinions in his native land.

6. John Heywood had by his wife Elizabeth (Rastall) three children — two sons and a daughter. The sons were Jasper and Ellis Heywood, two of the first Englishmen admitted to the Society of Jesus. They too were banished from the realm and died in exile. Let us not grudge them, too, the credit of having died far away from home for 'conscience' sake.

7. The sister of these two eminent brothers was the mother of Dr. Donne. She was notorious as a "stubborn Papist" all her

11 — W. S. Scott, na obra "The Fantasticks", ao recapitular a biografia de John Donne, diz:

"For many years he suffered poverty and neglect, and finally, seeing no hope of advancement in any other direction, took holy orders at the urgent solicitation of King James I., shortly becoming a Royal Chaplain and Reader in Divinity at Licoln's Inn". (pag. 10).

das Ilhas”, de total fracasso, por causa de ventos contrários e de tempestades (12), datam alguns dos seus poemas e epístolas poéticas a Christopher Brooke, “The Storm” e “The Calm”. Graças à amizade com o filho de Sir Thomas Egerton, outro voluntário, Donne foi recomendado ao Chanceler-mór, em 1597, tornando-se secretário do influente estadista e, em 1601, renunciava indignadamente “o amor de uma religião corrupta.”

Assim começava para Donne uma carreira promissora, mas o casamento, após sequestro, com Anne More, sobrinha do Chanceler-mór, interrompeu-lhe inesperadamente o curso da vida. Sem dúvida alguma, ao lado do amor que a eleita de seu coração lhe inspirava, havia a esperança de manter

life. She is said to have been seriously despoiled of her substance for her nonconformity, though she lived long enough to see the cruel laws of the previous reign greatly relaxed by the more tolerant lenity of James I. But as she had lived, so she died in conscientious communion with the Church of Rome.

8. To this long and miserable catalogue of sufferers for their faith, sufferers to whom we cannot deny the merit of sincerity and a certain measure of heroism — though their beliefs were not as ours are, and though we may assert with firm insistence that they were on the wrong side, the side of error — one more name must be added.

In May 1593 a Roman priest named William Harrington was arrested in Thavies Inn — one of the Inns of Law in Holborn at the chambers of Donne's younger brother, Henry, who there — upon was committed to the Clink Prison for the crime of concealing the proscribed Seminarist. A few weeks later young Henry Donne (he was hardly nineteen) caught jail fever, and died in the prison.

Thus it appears that, during four generations, at least five blood relations of Donne had suffered cruelly in their persons or their estates for what they believed to be the true faith of a Christian.

12 — Expedição constando de uma armada de 150 navios, com 22 navios holandeses, e 7.000 soldados; Charles Howard, Conde de Nottingham, era o Lord High Admiral, e o Conde de Essex, general das forças terrestres. No dia 21 de junho a esquadra espanhola foi destruída, e Cadiz tomada com toda a imensa riqueza. Além disso os habitantes tiveram de pagar 520.000 ducados. A viagem à Ilha foi também uma expedição para evitar que o rei da Espanha invadisse a Irlanda, em 1597. Constatou-se de 120 navios e 6.000 soldados sob o comando do Conde de Essex. Era a intenção do Conde destruir primeiramente os navios em preparativos, e, em seguida seguir para os Açores, ou Ilhas Ocidentais, para esperar e capturar a Ar-

as vantagens do posto de secretário e ainda aumentá-las. Enganou-se, no entanto, o poeta, pois Sir George More não só mandou prendê-lo juntamente com os amigos (Christopher e Samuel Brooke) que o ajudaram no casamento, como também exigiu a sua demissão do cargo de secretário de Sir T. Egerton (13).

Ao escrever à esposa dando-lhe a má notícia, terminava a missiva com o seguinte trocadilho:

“John Donne, Anne Donne, Un-done.”

Pouco tempo depois foi posto em liberdade e não pôde dedicar-se a mais nada até conseguir a libertação de seus amigos. Sofreu não apenas necessidades materiais, como também o afastamento de sua esposa por parte do sogro. Mais tarde, após demandar com Sir G. More, conseguiu rehavê-la. Mas os gastos foram tais que o casal ficou numa total miséria. Graças ao espírito filantrópico de Sir Francis Wolly (ou Wolley), primo da esposa, foram morar em sua residência, em Pytford, no Surrey. Conseguiu ainda Sir Francis Wolly a reconciliação de seu tio com Donne. Mais tarde passou para Mitcham, perto de Croydon, no Surrey. Nova-

mada Espanhola das Indias. Este plano, contudo, falhou, por causa de ventos contrários, tempestades, e disputa entre o Conde de Essex e Sir Walter Raleigh.

(John Donne, Izaak Walton, pag. 8, nota 8).

“Elegy V — HIS PICTURE”, refere-se às expedições à Cadiz e aos Açores.

.....

When weather-beaten I come back; my hand,
Perhaps with rude oars torn, or Sun-beams tann'd,
My face and breast of haircloth, and my head
With care's rash sudden storms being o'erspread,
My body a sack of bones, broken within,
And powder's blue stains scatter'd on my skin;

Quando batido pelo tempo eu voltar; minha mão
Talvez com rudes remos dilacerada, ou pelos raios solares
[tostada,
Meu rosto e peito semelhantes ao cilício e minha cabeça
Com tempestades temerárias e repentinas do cuidado estando
[repleta,
Meu corpo um saco de ossos, quebrados internamente,
E manchas azues de polvora espalhadas pela minha pele.

13 — Ele (chanceler-mór) estava inexorável, e Donne foi demitido com deshonra do cargo para o qual possuía todas as qualidades para ocupá-lo, e foi lançado ao mundo a fim de começar vida nova, com uma nódoa em seu nome.



mente a necessidade se lhe apresentava da maneira ameaçadora. Para dar uma idéia da real situação é suficiente citar um trecho de uma de suas inúmeras cartas:

“And the reason why I did not send an answer to your last week’s letter, was, because it then found me under too great a sadness; and at present ’tis thus with me: there is not one person, but myself, well of my family: I have already lost half a child, and, with that mischance of hers, my wife is fallen into such a discomposure, as would afflict her too extremely, but that the sickness of all her other children stupifies her: of one of which, in good faith, I have not much hope: and these meet with a fortune so ill-provided for physic, and such relief, that if God should ease us with burials, I know not how to perform even that: but I flatter myself with this hope, that I am dying too; for I cannot waste faster than by such griefs. As for, —

From my Hospital at Mitcham.

Aug. 10

J. Donne (14).

Os amigos tanto insistiram que conseguiram levá-los para Londres, onde Sir Robert Drewry (ou Drury) deu-lhes um apartamento na grande mansão de Drury Lane. Esta proteção Donne obtivera porque escrevera uma enorme elegia funerária dedicada à filha de Sir Robert Drury, Elizabeth Drury, que Donne jamais conhecera (15).

14 — The Life of Dr. John Donne, Izaak Walton — London: Henry Washbourne, New Bridge Street, Blackfriars — MDCCCXLVII.

15 — Carta — To my honoured friend G. G., Esquire (a respeito da interpretação dos “Anniversaries”) Obra: “John Donne — Poetry & Prose with Izaak Walton’s Lives — Appreciations by Ben Jonson, Dryden, Coleridge and others. (Pags. 79 e 80). With an Introduction and Notes by H. W. Garrod — Oxford — at the Clarendon Press.

To my honoured friend G. G., Esquire.

.....

Of my Anniversaries, the fault that I acknowledge in my selfe, is to have descended to print any thing in verse, which though it have excuse even in our times, by men who professe, and practise much gravitie; yet I confesse I wonder how I declined to it, and do not pardon my selfe: But for the other part of the imputation of having said too much, my defence is, that my purpose was to say as well as I could: for since I never saw the Gentlewoman, I cannot be understood to have bound my self to have spoken just truths, but I would not be thought to have gone about to praise her, or any other in rime; except I took such a person, as might be capable of all that I could say. If any of those Ladies think that Mistris Drewry was not so, let that Lady make her self fit for all those praises in the book, and they shall be hers.

J. D.

.....

Paris the 14th of April, here, 1612.

Nesta altura Sir Robert (16) resolve acompanhar Lord Hay a uma embaixada junto do Rei Henrique IV, da França, por ordem de James, e leva consigo, como secretário, Donne. Sua espôsa estava grávida e com a saúde combalida, por isso não aprovou a idéia. John Donne concorda com a espôsa. Porém Sir Robert Drewry (ou Drury) conseguiu convencê-los do contrário, e poucos dias depois já se encontravam em Paris, com o consentimento de Anne. Não há dúvida que os poemas (a) *Song-Sweetest love, I do not go*.

“Sweetest love, I do not go
For weariness of thee,
Nor in hope the world can show
A fitter love for me;
.....

(b) A Valediction: forbidding mourning.

“Our two souls therefore, which are one,
Though I must go, endure not yet
A breach, but an expansion,
Like fold to airy thinness beat.
.....

(c) e a “Elegy XVI — On His Mistress”.

“I’ll go, and, by thy kind leave, leave behind
Thee, only worthy to worse in my mind
Thirst to come back; Oh if thou die before,
My soul from other lands to thee shall soar...
Augur me better chance, except dread Jove,
Think it enough for me to have had thy love”.

foram escritos na época da partida para França com Sir Robert Drewry, em 1611, e expressam claramente o que Izaak Walton revela na biografia de Donne:

“And this desire was suddenly made known to his wife, who was then with child, and otherwise under so dangerous a habit of body, as to her health, that she professed an unwill-

16 — “Célebre membro da Família de Drury, de Hawsted, no Suffolk. Em 1591, Sir Robert acompanhou o Conde de Essex ao assédio infeliz de Rouen, onde foi feito cavaleiro aos 14 anos de idade. Casou-se com Anne, filha de Sir Nicholas Bacon de Redgrave, no Suffolk. Dessa união nasceu Dorothy, que faleceu em 1610. Donne escreve à sua memória dois poemas: “An Anatomie of the World”, e “The Progresse of the Soule”.

(Izaak Walton’s Lives).

E’ interessante notar a divergência do nome: Dorothy e Elizabeth.

lingness to allow him any absence from her; saying, "*Her divining soul boded her some ill in his absence*"; and therefore desired him not to leave her" (17).

Estamos convencidos de que Donne, na Canção n.º 11 (Song 11) aludiu aos presságios da esposa:

"Let not thy divining heart
Forethink me any ill,
Destiny may take thy part,
And may thy fears fulfil;... (Song 11)

Em Paris aconteceu um fato interessantíssimo. Dois dias após a chegada, Donne se encontrava só na sala onde há pouco jantara com sir Robert e seus amigos. Meia hora depois voltava Sir Robert. Donne, entretanto, se encontrava agitado. Sir Robert não podia compreender o que lhe havia acontecido, num intervalo tão pequeno de ausência. Donne, na sua perplexidade, nada podia expressar. Com muito custo falou:

"Eu vi uma visão terrível desde que me deixou: eu vi a minha esposa querida passar duas vezes por mim nesta sala, com os cabelos soltos sobre os ombros, e uma criança morta nos braços; isto eu vi desde que me deixou".

— "Naturalmente você dormiu; e êsse foi o resultado de algum sonho melancólico, que desejo que você esqueça, pois agora está acordado".

— "Estou tão certo de que não dormi desde que V. S. me deixou quanto de estar agora vivo; e certo ainda estou de que a segunda vez em que ela apareceu parou, encarou-me e desapareceu" (18).

Tal era a convicção com que Donne falava, que Drewry enviou um mensageiro a Drury Lane a fim de obter notícias. Alguns dias depois voltava o mensageiro com a seguinte informação: encontrara a Sra. Donne muito triste e doente e que depois de parto laborioso dera à luz uma nati-morta. E que ao informar-se, o aborto verificara-se no mesmo dia e cerca da mesma hora que Donne afirmara ter visto a esposa passar por êle na sala.

De volta à Inglaterra ajudou Thomas Morton, posteriormente deão de Gloucester e bispo de Durham, nas suas controvérsias com os Católicos romanos. Embora não fosse ainda um fervoroso adepto da Igreja anglicana, detestava os jesuítas. Escreveu cartas elegantes, em verso e em prosa, à

17 — Izaak Walton's Lives, pag. 26.

18 — Idem, idem, pags. 26 e 27.

Condessa de Bedford, à Sra. Herbert e a outras grandes senhoras, bem como elegias na morte de amigos e parentes delas.

De 1601 a 1615, a vida de Donne, e, com raras exceções, a sua poesia, são uma adulação inteligente a patronos reais ou possíveis. Na pessoa de Lord Hay, que conhecera na viagem a Paris, encontrou um patrono, mas dedicava, ao mesmo tempo, a sua pena a Robert Carr, conde de Somerset (19).

Em 1610 o Rei lhe pede que escreva os argumentos das discussões religiosas que se entabulavam durante as refeições, na forma de método, dando respostas a todos êles. Dentro de seis semanas surgiu o trabalho que foi impresso sob o nome de *Pseudo-Martyr*. Daí a insistência real para que Donne ingressasse no ministério (20). Por três anos adiou a solicitação do Rei, dedicando-se, durante todo êsse tempo, ao estudo da Teologia bem como a um maior aperfeiçoamento nas línguas grega e hebraica. Em seguida declara ao Dr. King, então bispo de Londres, a sua intenção de entrar nas ordens sacras. E após ser ordenado diácono, foi ordenado pastor. (25 de janeiro de 1615). Eis porque se costuma dividir a vida de Donne em duas partes:

- 1.^a a secular ou a do "Jack Donne;
- 2.^a a religiosa ou a do Dr. Donne.

Esta divisão é tomada, digamos de passagem, da declaração, em carta, pelo próprio Donne. (Ver página n.º 26) Mas se esta divisão condiz com a distinção que fez o próprio Donne, ela, por outro lado, não revela a realidade, pois o que se verificou foi apenas a transmutação dos objetos de seus desejos e cobiças.

19 — Robert Carr, escocês, foi pagem de James I., antes do Rei vir para a Inglaterra. Tornou-se grande amigo dêle e recebeu, por isso, vários postos de destaque: Lord of the King's Bedchamber, Lord Treasurer of Scotland, Visconde Rochester, Membro do Conselho Privado, Conde de Somerset, Lorde Chamberlain, etc. Enamorando-se de Frances Howard, Condessa de Essex, conseguiu divorciá-la e casou com ela no dia 15 de Nov. de 1613.

20 — Estas são as palavras do Rei: "But the King gave a positive denial to all requests, and, having a discerning spirit, replied, 'I know Mr. Donne is a learned man, has the abilities of a learned Divine, and will prove a powerful preacher; and my desire is to prefer him that way, and in that way I will deny you nothing for him'".

Acompanhando o Rei à Universidade de Cambridge, foi recomendado por sua Majestade à Universidade para que lhe dessem o título de D.D. (Doctor of Divinity). Logo após a volta de Cambridge faleceu-lhe a espôsa, deixando-lhe sete filhos. (Agosto de 1617).

A alegria de sua vida dissipou-se, dando lugar a uma tristeza incomensurável. Sua alma tornou-se possuída de dor e por muito tempo viveu uma vida solitária, totalmente afastado dos amigos queridos. Em 1616 tornou-se lente de Teologia da Lincoln's Inn, onde pregou muitos sermões. Em 1619 e 1620 esteve na Alemanha como capelão de Lorde Hay, Conde de Doncaster, seu amigo e patrono. Lá teve oportunidade de pregar à Rainha da Bohêmia um dos mais nobres dos seus sermões.

Em 1621, com a remoção do Dr. Carey, o deado de S. Paulo tornou-se vago e o Rei James nomeou-o Deão da Catedral, com cêrca de 50 anos. Aí sua fama como pregador atraíu numerosa congregação e atingiu o auge no início do reinado de Charles. Foi mais ou menos nessa época que sofreu acusações que lhe abalaram o prestígio junto do Rei (21).

Mas essa nuvem de suspeita logo desvaneceu. Aos 54 anos, séria moléstia atacou-lhe o organismo, talvez uma neurastenia pertinaz *. Em agosto de 1630, estando em casa da filha, Sra. Harvey, em Abury Hatch, no Essex, foi atacado de febre, que aliada a insidiosa moléstia, consumia-o diàriamente. Aí passou quase todo o inverno, dando porisso motivo a um boato de que havia falecido. Uma vez desmentida essa noticia, foi designado para falar, como sempre o fez, na primeira sexta-feira da Quaresma. Assim, foi para Londres alguns dias antes. Ao subir ao púlpito, a impressão causada pela sua magreza foi tal que todos pensavam "que se apresentava não para pregar à viva voz a mortificação, mas para por em evidência a mortalidade, por meio de um corpo corrupto e um rosto cadavérico. E depois de fazer as suas orações dissertou sobre o tema "O Duelo da Morte" (22).

* Distúrbio gástrico e reumatismo, segundo outros autores.

21 — Acusaram-no de: assumir no púlpito atitude humorística; de afirmar que temia a passagem do Rei para o lado do Papa; de mostrar o seu descontentamento pelo govêrno de Charles; e particularmente o acusaram de afirmar que o Rei transformava as pregações vespertinas em Catecismo; e de comentar o Padre-nosso, e o Creio-em-Deus-Padre, e os Mandamentos.

22 — Sermão impresso em Londres, em 1633, sob o titulo de "Death's Duel, or a Consolation to the Soule against the Dying life and Living Death of the Body".

Os que lhe viram as lágrimas e lhe ouviram a voz fraca e ôca, afirmavam que profeticamente pregava o próprio sermão funerário.” Daí se retirou para a cama de onde não mais se levantou. As poucas fôrças que lhe restavam permitiram-lhe escrever os seus mais intensos e admiráveis hinos. Seis semanas mais tarde, no dia 31 de março de 1631, fechou os olhos para as coisas terrenas. O epitáfio, que se encontra na estátua de mármore (23), na catedral de S. Paulo, foi escrito por êle próprio e diz o seguinte:

JOHANNES DONNE,
 Sac. Theol. Profess.
 Post Varia Studia, Quibus Ab Annis
 Tenerrimis Fideliter, Nec Infeliciter
 Incubuit;
 Instinctu Et Impulsu Sp. Sancti, Monitu
 Et Hortatu
 Regis Jacobi, Ordines Sacros Amplexus,
 Anno Sui Jesu, MDCVIV. Et Suae Aetatis XLII.
 Decanatu Hujus Ecclesiae Indutus,
 XXVII. Novembris, MDCXXI.
 Exutus Morte Ultimo Die Martii, MDCXXXI.
 Hic Licet In Occiduo Cinere, Aspicit Eum
 Cujus Nomen Est Oriens.

23 — No livro de notas de Nicholas Stone há várias observações a respeito de monumento de Donne. “Em 1631”, observa êle, “fiz um túmulo para o Dr. Donne e fixei-o na Catedral de S. Paulo, Londres, recebendo do Dr. Mountford a soma de 120 £”. Noutra nota diz êle: “A estátua foi erigida dentro do Côro, na nave sul, contra o pilar sueste da torre central da C. de S. Paulo; e foi colocada num nicho de mármore preto, encimado por um placa presa por grinaldas de frutas e folhas, coroada com as armas do Deado, ladeando Donne”.

II — O B R A

A obra de Donne pode ser estudada considerando-se o poeta e o prosador. Vamos fazer um estudo rápido das obras em prosa, pois o que realmente nos interessa, nesta tese, é o poeta. É quasi impossível estabelecer, com precisão, as datas de tôdas as suas obras, pois suas cartas raramente traziam datas. Chega mesmo a vangloriar-se à Condessa de Bedford por não as usar: “O tempo é quasi nada”, diz ele, “nas verdadeiras amizades!” (E. Gosse, II, 42 — Apud “Les Doctrines Médiévales Chez Donne”, M. P. Ramsay).

Eis um quadro que dará uma idéia da vida de Donne como homem de letras:

Quadro tentativa das fazes da vida de Donne como homem de letras.	1. ^a fase + 1593 a 1601	a) poeta	<ol style="list-style-type: none"> 1. Canções e sonetos. 2. Sátiras e elegias. 3. Epigramas. 4. Pastorais.
	2. ^a fase + 1601 a 1614	b) prosador satírico e sardônico.	
		a) prosador sisudo b) Epistológrafo c) Poeta artificial	
	3. ^a fase + 1615 a 1631	a) Pregador sacro b) Poeta divino.	

O P R O S A D O R

Julgamos que, pelo assunto da obra, pela maneira sarcástica e perversa com que expõe os vários tópicos, embora com inteligência e audácia, “*Paradoxos e Problemas*” (Paradoxes and Problems) foi o primeiro trabalho em prosa escrito por Donne. Numa carta, que acompanhava o manuscrito enviado ao Sr. Henry Wotton, declara que “Paradoxes and Problems” foram escritos “rather to deceive time than her daughter truth, having this advantage to escape from being called ill things that they are nothings.”

Para ter uma idéia do estilo e linguagem de Donne, na primeira fase de sua vida literária, basta citar um dos tópicos de “Paradoxos”:

PARADOXES

I

A Defence of Womens Inconstancy

That Women are *Inconstant*, I with any man confess, but that *Inconstancy* is a bad quality, I against any man will maintain: For every thing as it is one better than another, so is fuller of change; The *Heavens* themselves continually turn, the *Stars* move, the *Moon* changeth; *Fire* whirlleth, *Aire* flyeth, *Water* ebbs and flowes, the face of the *Earth* altereth her looks, *time* staies not; the colour that is most light, will take most dyes: so in Men, they that have the most reason are the most inalterable in their designes, and the darkest or most ignorante, do seldome change; therefore Women changing more than Men, have also more *Reason*. They cannot be immutable like stocks, like stones, like the Earths dull Center; Gold that lyeth still, rusteth; *Water*, corrupteth; *Aire* that moveth not, poysoneth; then why should that which is the perfection of other things, be imputed to Women as greatest imperfection? Because thereby they deceive Men. Are not your wits pleased with those jests, which cozen your expectation? You can call it pleasure to be beguil'd in troubles, and in the most excellent toy in the world, you call it Treachery: I would you had your *Mistresses* so constant, that they would never change, no not so much as their *smocks*, then should you see what sluttish vertue, *Constancy* were, *Inconstancy* is a most commendable and cleanly quality, and Women in this quality are far more absolute than the *Heavens*, than the *Stars*, *Moon*, or any thing beneath it; for long observation hath picket certainly out of their mutability. The Learned are so well acquainted with the *Stars*, *Signes* and *Planets*, that they make them but *Characters*, to read the meaning of the Heaven in his own forehead. Every simple fellow can bespeak of the change of the *Moon* a great while beforehand: but I would fain have the learnedst man so skilfull, as to tell when the simplest Woman meaneth to vary. Learning affords no rules to know, much less knowledge to rule the minde of a Woman: For as Philosophy teacheth us, that *Light things do always tend upwards*, and *heavy things decline downward*; Experience teacheth us otherwise, that the disposition of a *Light* Woman, is to fall down, the nature of women being contrary to all Art and Nature...

Por aquí vemos que "Jack Donne" * é o sinete comprovando a nossa asserção. Semelhante aos "Paradoxes and Problems", em tom e temperamento, e publicado em 1610, em latim e em 1611 em inglês, é "Ignatius his Conclave": (or, His Inthronisation in a late Election in Hell".) Sátira vio-

* O cínico, o mundano.

lenta, algo grosseira, que escreve contra os Jesuítas, em forma de sonho (24).

Esta obra se caracteriza pela parte que dedica às recentes descobertas de ordem científica. O autor, cansado de ler os livros sôbre essa "filosofia" adormece. Sonha que desperta no inferno, onde, pasmado, vê chegarem os sábios nos quais acabara de pensar: Kepler, Galileu e outros. Não pode compreender o que êsses homens vinham fazer no Inferno, mas logo se lembra de que ainda vê através das lunetas de Beda e Gregório. Com tais apetrechos não é de admirar que veja no Inferno êsses sábios de uma ordem nova. Falando, em seguida, dos planetas, e das estrelas fixas, Donne insiste no seu tom sarcástico: "Sôbre êsse assunto, creio que a atitude dum homem honesto é calar-se de preferência a cometer uma injustiça para com Galileu. Pois foi êle que recentemente ordenou aos novos mundos, às estrelas, que se aproximassem de si, e que lhe prestassem conta de seus costumes. Também poder-se-ia cometer injustiça com Kepler, que (seguindo o próprio exemplo) tomou sob sua proteção, desde a morte de Tycho Brahe, todos êsses mundos, para que nada passe sem que êle tome conhecimento."

Nos anos que secretariou os trabalhos de Morton, Donne publicou, em 1610, talvez sob as ordens do Rei, um tratado de controvérsia, o "Pseudo-Martyr". Anuncia o prefácio que o trabalho será dividido em 14 partes com os títulos anunciados. O livro apenas contem doze. Ignora-se o destino das duas últimas. Contrariamente ao título "Pseudo-Martir, no qual certas proposições e gradações dão motivo a esta conclusão: — a saber, que os católicos romanos neste país podem e devem prestar juramento de obediência", o assunto da obra não é tratado do ponto de vista religioso, mas jurídico e político. E' a eterna luta entre a autoridade civil e a autoridade eclesiástica. Vejamos, sumariamente, o que contêm os capítulos:

- I. Trata do martirio e expõe a sua dignidade e glória.
- II. Faz ver que pode existir um desejo do martirio que seja corrompido e falso.

24 — No Inferno Donne assiste a uma disputa. Lúçifer aparece abraçado com o seu obsequioso Inácio Loiola; senta-se no trono e ordena às almas de se aproximarem e de se defenderem. Assim aparecem as sombras, i. e. os fantasmas de Copérnico, de Paracelso, de Maquiaveli, de Pedro Aretino. O demônio, para livrar-se de Inácio, pensa em fazê-lo arqui-diabo dum novo Inferno na Lua.

- III. São as doutrinas romanas que favorecem ou que excitam êsse desejo de um martirio falso. Os padres exaltam a doutrina do mérito e louvam sobretudo o martirio como "muito remunerador". A doutrina do Purgatório encoraja também os fanáticos, pois o martir é suposto ter escapado ao fogo do Purgatório.
- IV. Os jesuitas são citados como favorecendo especialmente êsse desejo, pela constituição de sua irmandade, bem como pelas práticas.
- V. O autor mantém que desde que haja na Inglaterra leis estabelecidas com as quais êles estão em oposição, nem os jesuitas em suas casas, não podem julgar-se mártires para a religião.
- VI. Donne considera a obediência que a igreja romana pede, e aqui, vê-se claramente um dos motivos que levaram Donne a abandoná-la. A Igreja pede: 1.º — "esta obediência cega e estúpida que os regulares (religiosos) prometem a seus superiores"; 2.º — esta obediência por parte de seus membros em geral, que a Igreja exige em razão da submissão implícita que cada um teria feito, no sacramento do batismo; 3.º — a obediência absoluta ao Papa que prometem os jesuitas...
- VII. Esforça-se para mostrar que todo o valor dêsse ato de morrer dos "pseudo-mártires" está perdido. Não morrem simplesmente por ter cumprido sua missão de padre para com os católicos do país, mas principalmente por terem recusado o juramento de obediência.
- VIII. Donne pede que lhe aponte uma única razão válida para recusar prestar o juramento. Si alguém tiver escrúpulos de consciência, teria a casuística da própria igreja, para justificar êste ato.
- IX. Mantem que a autoridade atribuída ao Papa como chefe espiritual da Igreja, não pode impor esta obrigatoriedade à consciência dos fieis ingleses. 1.º — A supremacia do Papa não é um artigo de fé; 2.º — Ela repousa somente sôbre a autoridade do Cardeal Belarmini, enquanto que outras pessoas que também possuem autoridade se opõem a esta concepção.
- X. Considera o valor das regras e dos livros de direito canônico, citados por aqueles que desejam estabelecer e defender esta jurisdição temporal do Papa.
- XI. Discute o valor dos dois breves de Paulo I, e prova que os breves do Papa não possuem autoridade bastante nesse sentido, enquanto que o n.º XII afirma que nada está compreendido no juramento, que prejudique a autoridade espiritual do Papa, se bem que os que o prestarem rejeitam a doutrina de sua autoridade temporal".

Esta obra chegou a irritar até aos Controversistas Católicos Romanos, que replicaram aos seus conceitos fantásticos.

“Biathanatos”, a mais interessante de suas obras filosóficas, reflete atitudes esquisitas, contém argumentação inteligente, ao lado de uma individualidade marcante dentro de um fundo cristalino de bom senso. É um estudo a respeito do suicídio. Querem alguns críticos atribuir importância autobiográfica a obra. Parece-nos, no entanto, que melhor seria considerar a obra como uma justificação do suicídio, muito natural em Donne, em face das enormes dificuldades por que passou ao lado de seu constante estado precário de saúde. Sofreu de uma espécie de pertinaz neurastenia. Numa carta de 1608, diz:

“Todos rejuvenescem e eu murcho; e envelheço sem melhorar. Minhas forças diminuem e as dificuldades aumentam. Tendo sido chamado a afrontar tempestades cada vez mais fortes, constato que não somente joguei fora toda a base (lastro) que dão a natureza e o tempo, i. é., a razão e a discreção... mas também verifico que ainda estou sobrecarregado de vícios”.

Noutra, do mesmo ano, o pensamento da morte o preocupa. Fala da sutileza com que o diabo nos sugere, às vezes, boas idéias e intenções. E éle se vê vítima do diabo por um desejo que tem algumas vantagens, mas que pode transformar-se num mal:

“É um desejo da vida futura, que não vem somente, eu sei, duma fadiga da vida presente, pois experimentei este mesmo desejo quando a fortuna me sorria, e quando gozava de esperanças bem mais belas que as de hoje. Mas temo que o fardo deste mundo o aumentou. Não quero que a morte me apanhe adormecido, não quero que ela me agarre, dizendo que morri; quero que me conquiste pela fôrça, e que me vença”.

Por estas cartas julga-se que a obra “Biathanatos” tenha sido escrita pelo ano de 1608. Quando, em 1619, Donne ia partir para a Alemanha, desfez-se das duas cópias manuscritas da obra, enviando uma ao Sir Edward Herbert (posteriormente Lord Herbert de Cherbury), e a outra ao Sir Robert Carr (ou Ker). A carta que os acompanhou esclarece a atitude do autor:

“Além dos poemas, dos quais V. S. tomou uma promessa, envio-lhe outro livro, cuja história passo-lhe a contar: Foi escrito por mim há muitos anos; e por que éle trata

de um assunto susceptível de ser mal compreendido, quasi o destrui e por pouco não o queimei. Ninguem dele tirou cópia, ninguem o leu, exceto alguns amigos íntimos nas duas universidades, com os quais eu fazia parte no momento de o escrever. E deram-me esta resposta, lembro-me: que certamente havia um fio falso na argumentação, mas que não era fácil descobri-lo. Guarde-o, peço-lhe, com o mesmo interêsse. Que aquêlê que a discreção de V. S. permitir examiná-lo veja a data, e que saiba que êste livro foi escrito por Jack Donne e não pelo Doutor Donne. Preserve-o para mim si eu viver, e si morrer apenas proibo a publicação ou cremação. Não o publique, mas também não o queime; e entre essas coisas faça o que quiser”.

(Life of J. Donne, p. 63 e 64, Augustus Jessopp)

“Biathanatos” permaneceu inédita até 1654, quando então o filho de Donne deu-a à publicidade. O prefácio de “Biathanatos” possui reflexões gerais a respeito do suicídio, e a justificação da escolha do assunto. Vêm depois capítulos sobre a idéia do pecado, e diferentes definições são dadas e examinadas, preferindo o autor a de Santo Tomás de Aquino. A lei canônica e civil. “A lei da Natureza, da Razão e de Deus, que são a mesma coisa.” Examina as práticas das várias nações, bem como dos índios, citando o testemunho dos jesuitas. Considera o martirio na Igreja cristã primitiva. Cita muitas pessoas da Antiguidade que se suicidaram por um ou outro motivo. Lembra os gladiadores romanos e num relance explica as teorias filosóficas desde Platão até Sir Thomas More. Passa em seguida à lei da razão e considera o direito canônico e civil. Destaca e examina as opiniões de muitos teólogos a respeito do suicídio, terminando por comentar textos da Bíblia, lembrando as concepções do Korão. Uma “conclusão” resume a idéia geral da tese, que o suicídio pode e deve às vêzes ser considerado como justificado e permitido.

Apesar do valor dessas obras e do grande e profundo conhecimento do autor, nelas revelado, a sua fama repousa como prosador, nos sermões. Na época a sua reputação como pregador era superior à de poeta. Talvez apenas cinco sermões foram publicados em vida, e após a morte três grandes in-fólios foram publicados pelo filho, contendo respectivamente 80 (1641), 50 (1649) e 25 (1660-1) sermões.

O PREGADOR

Segundo Grierson, “todas as qualidades dos poemas de Donne estão presentes nos sermões; o argumento rápido e sutil; a imagem poderosa, contudo muitas vêzes fan-

tástica; o sentimento intenso; e finalmente a música maravilhosa do estilo, que é inseparável da música do pensamento. O caráter geral do sermão do século XVII era tal que evocava todo o poder de Donne e intensificava algumas de suas fraquezas. A análise do texto, com o fim de deduzir dêle aquilo que o pregador cria ser a doutrina que ensinava ou as lições que inculcava, por dedução legítima, por analogia afetada, ou por metáfora fantástica, era uma tarefa à qual o intelecto, a imaginação e a larga extensão do saber muito variado de Donne estavam bem adaptados... A extensão e a unidade do discurso, do século XVII, eram sacrificados pela elaboração minuciosa de cada tópico, e pela engenhosa, ao invés de luminosa e convincente, interconexão. Mas a habilidade de Donne é inesgotável, e por intermédio de tôda sutileza e interpretação bizarra, o ouvinte era (e ainda é) levado pelo peso e força da fêrvida argumentação do pregador”.

“John Donne — The Cambridge History of English Literature — Vol. IV, 196).

Afirma ainda Grierson que Donne escapa às deduções extremas pela moderação, que era a norma de sua igreja, e pelo seu próprio bom senso e simpatia para com a natureza humana. Consegue tornar-se eloquente quando fugindo às minúcias dogmáticas e aos pontos de controvérsias, e quando apela diretamente para seu coração e para sua consciência.

A S C A R T A S

As cartas, enviadas a amigos e patronos, escritas com a finalidade de atingir a posteridade, bem como imitar os grandes epistológrafos, foram muito admiradas. Há cêrca de 160 (cento e sessenta). Uma delas, escrita por volta de 1604, ao sogro, após a reconciliação, faz-nos o elogio da correspondência, o prazer que tem Donne em escrever cartas, as suas leituras, bem como demonstra pelas cartas a nossa asserção anterior:

“Não há meio de comunicação que valha mais para a ciência e para a amizade (do que as cartas). Que tesouro de ciência moral não há nas cartas de Sêneca a Lucilius? E de ciência natural nas de Plínio? Quanta história do seu tempo revelam as cartas de Cícero! E nos nossos, nas cartas orientais e ocidentais dos Jesuitas! Onde encontraremos um caráter tão perfeito de Phalaris que aquêle que nos mostram as suas próprias cartas, em que cada uma é uma ordem de execução? Ou de Brutus tal qual há nos seus mandatos privados pelo dinheiro?

Os Evangelhos e os Atos nos ensinam o que se deve fazer. E os que quiseram exaltar Sêneca acima do que êle realmente merece, não encontraram melhor meio do que inventar cartas que teriam passado entre êle e S. Paulo: como êles creem ter expresso a personalidade de um homem excelente, nessa carta que êles nos impingem, como provindo de nosso Salvador ao Rei Agbare (25). Os italianos que são as pessoas mais dadas a discorrer e que creem que o mundo lhes é deverdor de todo o seu saber, abundam de tal modo nesse gênero de expressão que Michel de Montaigne afirma ter visto (como me lembro) 400 volumes de cartas italianas. Mas é noutro sentido, o melhor meio de comunicar o amor, que as minhas *devem agradar*. (O grifo é nosso). Toda a ciência já se encontra nos escritos dêsses autores. Mas há certos remédios que não fazem bem a ninguem a menos que o animal no qual êles se encontrem comunique sua atividade e vigor. Do mesmo modo, uma boa quantidade do saber que está amortalhado nos livros decai e se torna ineficaz, a menos que seja posto em ação e vivificado ao ser comunicado a um companheiro ou amigo. Muito de sua excelência é da mesma duração que a do veneno da tarantela (26); pois os médicos da Itália observaram que a sua picada faz mal somente durante o tempo em que o inseto está vivo”.

De um modo geral elas revelam o “Jack Donne”, brilhante mas insolente, cheio de erudição e espírito, perturbado e triste, buscando por seu intermédio favores e cargos palacianos. Revelam mais do que os poemas, talvez, não só a sua individualidade, como também a sua sabedoria e erudição.

Grierson firma que “o seu principal interêsse (das cartas) é revelar o homem, “o temperamento melancólico caracteristicamente renascentista, ora profundo em abatimento e meditando no problema do suicídio, ora, nas suas próprias palavras, lançando remoques a seu respeito e entregando-se ao entretenimento; elaborando cumprimentos eruditos, ou conversando com Goodere com a maior simplicida-

25 — Rei de Osrhoëna Mesopotâmia, contemporâneo de J. Cristo. Eusébio (Hist. Ecl.), onde encontramos o texto das duas cartas que teriam sido trocadas entre êle e Cristo. O texto foi traduzido segundo Eusébio e êle é a única autoridade nêsse assunto fabuloso.

26 — Crêmos que tarântula seria a palavra exata. E’ possível que a palavra fosse também usada no sentido de tarântula. Tarantela, dança de movimento circular rápido, popular aos camponeses italianos desde o sec. XV., e que se supunha curar o tarantismo. Essa era uma doença histérica, caracterizada por um desejo ardente de dançar, que prevaleceu como epidêmica em Apulia e partes adjacentes da Itália do sec. XV ao XVIII. E’ atribuída a picada da tarântula.

de e boa disposição; mundano e complacente, nobre e devoto — tôdas essas coisas e tôdas com igual sinceridade”.

A P O E S I A

(Visão de conjunto da poesia de Donne)

Embora a obra poética de J. Donne seja relativamente extensa, apenas 4 poemas vieram à luz da publicação sob os olhos do autor, a saber:

1. An Anatomy of the World. (The First Anniversary) publicado em 1611;
2. uma segunda edição, em 1612, trazia “Of The Progress of the Soul (The Second Anniversary);
3. Versos satíricos incluídos entre os panegíricos de Coryat’s Crudities” (1611), e
4. uma elegia sobre o Príncipe Henry que se encontra no “Sylvester’s Lachrimae Lachrimarum” (1613).

Parece-nos que essas poesias já obedeciam a uma ordem pré-concebida de publicação, antes de Donne entrar na ordem anglicana, pois ao escrever uma carta a Sir Henry Goodere, datada de 14 de dezembro de 1614, Donne declara:

One thing now I must tell you; but so softly that I am loth to hear myself, and so softly that if that good lady (Lady Bedford) were in the room with you and this letter, she might not hear. It is that I am brought to a necessity of printing my poems, and addressing them to my Lord Chamberlain. This I mean to do forthwith; not for much public view, but at mine own cost a few copies... I must do this as a *valediction to the world* before I take orders... and I would be just to my written words to Lord Harrington to write nothing after that” (27).

Infelizmente ainda não se encontrou um exemplar sequer dessa edição que se julga estar completamente desaparecida ou o poeta não chegou a fazer a sua “despedida do mundo”. Só em 1633 surge a 1ª edição da obra poética de Donne, e a 2.ª, em 1635, e os poemas aparecem com a ordem de publicação idêntica a ordem cronológica da composição dos gêneros literários por Donne:

Canções e Sonetos, Epigramas, Elegias, Epitalâmios, Sátiras, Cartas a Diversas Pessoas, Elegias Funerárias, O Progresso da Alma, Poemas Divinos.

Ao chegar a Londres, por volta de 1590, o ambiente respirava novo gênero poético, imitado de Juvenal, Horácio e Pérsio, — o satírico. Por isso, seguindo não só os dictames do momento, mas também de seu gênio vivo, enérgico e culto, escreve 3 (três) sátiras (1593). As duas últimas foram escritas por volta de 1597, quando trabalhava como secretário do Chanceler-mór.

Vejâmo-las:

A 1.^a, ataca principalmente os cortesãos e as pessoas da moda. Queixa-se o poeta de ter de deixar o seu gabinete de trabalho onde se encontram, entre os livros que o consolam, teólogos graves, canais de Deus; com êles o secretário da natureza, o filósofo, e estadistas que ensinam como unir os tendões do corpo místico da cidade, os cronistas e os poetas volúveis e fantásticos de todos os países”, e acompanhar, num passeio através de Londres, uma vitima volúvel da moda.

A 2.^a, talvez enraivecido pela fato de que um advogado plagiou algum poema seu ou o fez passar como seu

But hee is worst, who (beggarly) doth chaw
Others wits fruits, and in his ravenous maw
Rankly digested, doth those things out-spue,
As his owne things; and they are his owne, 'tis true
For if one eate my meate, though it be knowne
The meate was mine, th'excrement is his owne:...

critica-o severamente por se transformar em poeta, e passa depois a atacar os insaciáveis e inescrupulosos arrecadadores de multas dos católicos recusantes e os compradores de terras dos homens. Aqui também censura os que escrevem para os Lords, comparando-os aos cantores que cantam às portas a fim de ganhar o pão:

And they who write to Lords, rewards to get,
Are they not like singers at doores for meat?
And they who write, because all write, have still
That excuse for writing, and for writing ill;...

(Satire II)

Mas êle também mendigou por meio de sua Musa: cartas versificadas, elegias, obséquias, etc.

Na 3.^a, faz uma súplica pelo estudo sério da verdade religiosa. Démonstra a posição donniana em face da terrível guerra religiosa: posição de observador, expressa com bastante moderação.

A 4.^a, se relaciona com a 1.^a, por que critica a moda e a loucura da vida da Côte no fim do reino de Izabel.

A 5.^a, trata do tema familiar dos lamentos espenserianos, as misérias dos pretendentes, apresentando-nos comparações extraordinárias:

Then man is a world; in which, Officers
Are the vast ravishing seas; and Suiters,
Springs; now full, now shallow, now drye; which, to
That which drownes them, run: These selfe reasons do
Prove the world a man, in which, officers
Are the devouring stomacke, and Suiters
The excrements, which they voyd.

O que nos impressionou nas suas Sátiras é a franqueza e a naturalidade com que as críticas são lançadas. A linguagem é clara, e ao lado de surpresas, o seu pensamento original aparece numa atmosfera sempre profunda. A rapidez das idéias, numa sucessão sempre em crescendo, torna as sátiras, pela condensação aliada a um conhecimento enorme, verdadeiros enigmas. Expressam, no entanto, com felicidade o esboço de costumes e tipos em poemas revestidos de sentido e alma.

Mas se quisermos conhecer o insolente, o apaixonado, o cínico, o extasiado, o sensual, o espirituoso, o paradoxal, o platônico, o sincero, temos de abandonar a crítica séria da vida, que encontramos nas Sátiras, e voltar os olhos para as *Canções e Sonetos* e as *Elegias* (28).

As suas poesias amorosas são bem realistas e, discorrendo de Herbert J. C. Grierson, em "*John Donne*", na obra "*The Cambridge History of English Literature*", julgamos que se trata de experiência própria. Os sucessos ou insucessos

28 — Nem um sequer era soneto no sentido regular da palavra, pois nem na forma, nem no espírito foi Donne petrarquiano.

Com referência aos poemas líricos amorosos J. Dryden queixou-se de que Donne

"perplexed the mind of the fair sex with nice speculations of philosophy when he should engage their hearts and entertain them with the softness of love".

O que Donne fazia era explicar o amor para si mesmo, como reação natural da experiência, e as suas melhores poesias amorosas usam o cunho irônico para atingir, o enobrecimento. A atitude donniana natural desses poemas líricos é um choque entre a emoção em progresso com o comentário rápido que ele faz, e como paciente observador examinava as paixões naturais com ironia sobrenatural.

Qual é o resultado dessa observação? Uma variedade de ênfases, desde o cinismo de "*Womans Constaney*" até a transfiguração de "*The Extasie*".

sos de sua vida, as alegrias ou despeitos, as aquiescências ou oposições, as revoltas ou súplicas são por demais sinceras e reais e humanas nas poesias amorosas para que se julguem meras criações literárias de um cérebro imaginativo. Era preciso ter vivido o que realmente viveu a fim de poder descrever com minuciosidade, precisão e clareza convincentes, o que o torna modelo perigosamente atraente. Neste caso teríamos de por em dúvida a sua dedicação e a sua fé na religião de sua Igreja tão fervorosamente cantadas nas poesias religiosas e na prosa da fase final de sua vida. Seria um absurdo (29).

O que se verificava com Donne era real, era a transformação por que passava o seu espírito, era a transmutação, melhor diríamos, do objeto de sua devoção, a história de suas experiências. Basta comparar a canção "Twickenham Garden", escrita na 1.ª fase de sua vida com "A Hymn to Christ" (At the Author's Last Goin into Germany), na última. E' a mesma desesperada atitude do amor, porém o seu objeto está transmutado.

Podemos facilmente estabelecer três divisões para a obra poética de Donne:

1. a Amorosa;
2. a Metafísica e a
3. a Satírica.

Como exemplos da 1.ª temos os poemas da sua juventude, onde brota um misto de sensualidade e cinismo, mais tarde ressurgido em Byron. Da Metafísica podemos citar "The Progress of the Soul", "Metempsychosis", etc. A Satírica,

29 — Cremos que todos os grandes poemas de Donne são produtos de alguma profunda experiência, embora não seja necessariamente a real experiência relatada nos poemas. A invenção do creador deu-lhes um habitat; a introspecção do poeta impressionou os fatos com uma força e uma paixão que o próprio homem talvez não tenha experimentado. Mas a inspiração dominante encontrou, forçosamente, apoio na experiência da vida.

Numa carta dirigida ao bom amigo Goodere, Donne diz:

"You know I never fettered nor imprisoned the word Religion; not straitening it Frierly, ad Religiones factitias (as the Româns call well their orders of Religion), nor immersing it in a Rome or a Wittenberg or a Geneva; *they are all virtual beams of one Sun*, and wheresoever they finde clay hearts, they harden them and moulder them into dust; and they entender and mollifie waxen".

abrange a metafísica, a maior parte das suas poesias, e inúmeros são os exemplos. Segundo H. J. C. Grierson podemos sentir 3 (três) aspectos na poesia Amorosa, incluindo "tanto as elegias poderosas e enigmáticas como as esquisitas e fascinantes canções."

O 1.º aspecto encontramos naquela veia cínica, apaixonadamente insolente, característica dos líricos e elegíacos latinos, "um misto de enlêvo e ódio, por alguém que jamais está, nem por um momento sequer para o poeta, na relação ideal de Beatriz para Dante ou de Laura para Petrarca," e que surge em muitas de suas líricas como "Woman's Constancy", "The Indifferent", "Air and Angels", "The Apparition", e em canções tais como "Go, and catch a falling star", "Send home my long stray'd eyes to me."

E' o sentimento de desilusão e revolta preso, em geral, a uma idéia fixa, a mulher. Ele fala, por exemplo, a alguém que, depois de viajar 10 mil dias e noites, lhe revelasse que encontrou uma mulher fiel e bela, que faria uma peregrinação doce em sua busca, mas refletindo melhor sentença:

Yet doe not, I would not goe,
 Though at next doore wee might meet,
 Though shee were true, when you met her,
 And last, till you write your letter,
 Yet shee
 Will bee
 False, ere I come, to two, or three.



(Goe, and catche a falling starre) (30).

Na canção "Love's Alchemy" êle termina dizendo:

Hope not for minde in women; at their best
 Sweetnesse and wit, they'are but *Mummy*, possest.

Torna-se cómico sensual, até licencioso quando no "Confined Love" diz:

Some man unworthy to be possessor
 Of old or new love, himselfe being false or weake,
 Thought his paine and shame would be lesser.
 If on womankind he might his anger wreake,
 And thence a law did grow,

30 — Esse mesmo motivo da "Canção da Mandrágora" surge em "O Indiferente", culminando êsse desprezo cínico em "Comunidade", onde o poeta desenvolve o curioso silogismo que as mulheres, não sendo nem boas nem más, pertencem à categoria das coisas indiferentes, por isso não devemos nem amá-las, mas apenas servirmo-nos delas.

One might but one man know;
But are other creatures so?

Algum nome indigno de ser dono
De velho ou novo amor, sendo ele falso ou fraco
Pensou que a sua dor e vergonha seriam menores,
Si sôbre as mulheres êle pudesse desafogar a sua ira,
E daí uma lei surgiu,
Uma mulher poderia conhecer um homem só:
Mas são assim as outras creaturas?

O cínico desiludido aparece em poemas como "Woman's
Constancy;:

Você chegou a amar-me todo um dia;
Amanhã, quando você partir o que dirá você?
Fará você, porventura, algum voto recém-formulado com efeito
[to retroativo?
Ou você dirá que já não somos mais exatamente as pessoas
[que éramos?

Na canção "The Curse" vemos o cínico selvagem no esplendor e na abundância da maldição, e na "The Will" brilha o cínico crítico possuído de amargor selvagem:

Quem quer que adivinhe, pense, ou sonhe, que conhece
Quem é a minha amada, defina por esta maldição...

Voltando-nos, agora, para as Elegias, defrontamo-nos com a atitude mais cínica do poeta, ao lado de sentimentos antagônicos que a sua disposição de espírito criou. Mas como sempre, com raras exceções, faz refletir nas imagens familiares as idéias convincentes, ligadas a uma "intelectualidade e fantasias inexauríveis e impressionantes."

A Elegia XIX — TO HIS MISTRESS GOING TO BED" — é de um sensualismo minucioso buscando na descrição pormenorizada a volúpia do prazer.

TO HIS MISTRIS GOING TO BED

Come, Madam, come, all rest my powers defie,
Until I labour, I in labour lie.
The foe oft-times having the foe in sight,
Is tir'd with standing though he never fight.
Off with that girdle, like heavens Zone glistening,
But a far fairer world encompassing.
Unpin that spangled breastplate which you wear,
That th'eyes of busie fooles may be stopt there.
Unlace your self, for that harmonious chyme,
Tells me from you, that now it is bed time.

Off with that happy busk, which I envie,
 That still can be, and still can stand so nigh.
 Your gown going off, such beautious state reveals,
 As when from flowry meads th'hills shadow steales.
 Off with that wyerie Coronet and Shew
 The haiery Diademe which on you doth grow:
 Now off with those shooes, and then safely tread
 In this loves hallow'd temple, this soft bed.
 In such white robes, heaven's Angels us'd to be
 Receavd by men; Thou Angel bringst with thee
 A heaven like Mahomets Paradise; and though
 Ill spirits walk in white, we easly know,
 By this these Angels from an evil sprite,
 Those set our hairs, but these our flesh upright.

Licence my roaving hands, and let them go,
 Before, behind, between, above, below.
 O my America! my new-found-land,
 My kingdome, safeliest when with one man man'd,
 My Myne of precious stones, My Emperie,
 How blest am I in this discovering thee!
 To enter in these bonds, is to be free;
 Then where my hand is set, my seal shall be.

Full nakedness! All joyes are due to thee,
 As souls unbodied, bodies uncloth'd must be,
 To taste whole joyes. Gems which you women use
 Are like Atlanta's balls, cast in mens views,
 That when a fools eye lighteth on a Gem,
 His earthly soul may covet theirs, not them.
 Like pictures, or like books gay coverings made
 For lay-men, are all women thus array'd;
 Themselves are mystick books, which only wee
 (Whom their imputed grace will dignifie)
 Must see reveal'd. Then since that I may know;
 As liberally, as to a Midwife, shew
 Thy self: cast all, yea, this white lynnence hence,
 There is no pennance due to innocence.

To teach thee, I am naked first; why then
 What needst thou have more covering than a man (31).

Na Elegia III — "Change" — é apologista da variedade,
 da mudança, da volubilidade, da necessidade absoluta de
 conhecer outras mulheres e argumenta:

... if a man bee
 Chain'd to a galley, yet the galley'is free;
 Who hath a plow-land, casts all his seed corne there,
 And yet allows his ground more corne should beare;
 Though Danuby into the sea must flow.

31 — Observa-se nesta elegia que o poeta emprega imagens religiosas a um mistério tão profano. Havia nos poetas desta época, especialmente fora da Inglaterra, uma tendência para misturar o sacro e o profano na descrição de seus amores. Tal confusão era natural e não provocava nenhuma repugnância.

The sea receives the Rhene, Volga, and Po.
 By nature, which gave it, this liberty
 Thou lov'st, but Oh! canst thou love it and mee?

To live in one land, is captivité,
 To runne all countries, a wild roguery;
 Waters stincke soone, if in one banke, and leaving this
 And in the vast sea are more putrifi'd:
 But when they kisse one banke, and leaving this
 Never looke backe, but the next banke doe kisse,
 Then are they purest; Change'is the nursery
 Of musicke, joy, life, and eternity.

... si um homem for
 Acorrentado a uma galé, contudo a galé é livre;
 Quem tem uma terra arada, arremessa todas as suas se-
 [mentes lá,
 E contudo admite que o seu solo receberia mais semen-
 [tes;

Embora o Danúbio para o mar deva correr,
 O mar recebe o Reno, o Volga e o Pó.
 Pela natureza, que a deu, esta liberdade
 Tu amas, mas Oh! podes tu amá-la e amar-me?

Viver numa terra é cativoiro,
 Correr todos os países, palifaria selvagem;
 As águas logo fedem, si num lugar estagnam,
 E no vasto oceano são mais putrificadas:
 Mas quando beijam uma margem, e ao deixá-la
 Nunca olham para traz, sinão a margem seguinte vão
 [beijar,
 Então são elas mais puras; a mudança é o viveiro
 Da música, da alegria, da vida, e da eternidade.

Outras elegias como "The Chain", "The Perfume" fogem a esta veia de cinismo profundo e pendem para uma engenhosidade e uma argúcia chistosas. Depois de explicar o cuidado que tinha a fim de encontrar-se com a sua amada, na própria casa, diz:

I taught my silkes, their whistling to forbear,
 Even my opprest shoes, dumbe and speechlesse were,
 Onely, thou bitter sweet, whom I had laid
 Next mee, mee traiterously hast betraid,
 And unsuspected hast invisibly
 At once fled unto him, and staïd with mee.

Ensinei as minhas sedas a esquecer o seu ressoar,
 Até os meus sapatos submissos eram mudos e silentes,
 Somente, tu doçura-amarga, que coloquei
 Junto a mim, perfidamente me traiu,
 E insuspeito, invisivelmente
 Logo voou para êle, e permaneceu comigo.

Como dissemos, de início, Donne rebelou-se contra a supremacia da tradição petrarquiana e, por isso, não encontra-

mos reflexos das lamentações do bardo italiano nas suas canções e elegias, mas, por outro lado, elas estão repletas de versos verdadeiramente poéticos, de beleza impressionante, sempre acompanhados de paradoxos convincentes:

- a) No *Spring*, nor *Summer* Beauty hath such grace,
As I have seen in one *Autumnall* face.
(Elegy IX — The Autumnall)
- b) But dearest heart, and dearer image stay;
Alas, true joyes at best are *dreame* enough;
Though you stay here you passe too fast away:
For even at first lifes *Taper* is a snuffe.
(Elegy X — The Dreame)
- c) I taught my silkes, their whistlings to forbear,
Even my opprest shoes, dumbe and speechlesse
[were,...
(Elegy IV — The Perfume)
- d) I will not look upon the quickning Sun,
But straight her beauty to my sense shall run;
The ayre shall note her soft, the fire most pure;
Water suggest her clear, and the earth sure.
Time shall not lose our passages; the Spring
How fresh our love was in the beginning;...
(Elegy XII — His Parting from her —)
- e) Are vowes so cheape with women, or the matter
Where of they are made, that they are writ in
[water,
And blowne away with winde? Or doth their breath
(Both hot and cold at once) make life and death?
(Elegy XV — The Expostulation —)
- f) Feed on this flattery,
That absent Lovers one in th'other be.
Dissemble nothing, not a boy, nor change
Thy bodies habite, nor mindes; bee not strange
To thy selfe onely; All ill spie in thy face
A blushing womanly discovering grace;...
(Elegy XVI — On His Mistris —)

Os outros aspectos surgem nas suas líricas encantadoras, onde Donne, em uma delas, deixando-se influenciar pelo movimento literário contemporâneo, segue os passos dos sonetistas platonizantes. É a veia de atitude desesperançada, mas apaixonada de galanteio petrarquiano, em dose altamente platônica. É um aspecto que poderíamos classificar de artificial, pois Donne procura reprimir os seus instintos naturais e francos, para dirigir a sua Musa à Sra. Herbert e

à Condessa de Bedford. Aí notamos uma preocupação constante, a de agradar e impressionar aquelas que são protetoras dos intelectuais. É o Donne que busca galgar as posições palacianas e escreve “a saudação engenhosa e erudita de suas epístolas versificadas.” “The Relique”, “The Funeral”, “Twickenham Garden” são exemplos dessa veia:

- a) But that I may not this disgrace
 Indure, nor yet leave loving, Love let mee
 Some senslesse peece of this place bee;
 Make me a mandrake, so I may groane here,
 Or a stone fountaine weeping out my yeare.
 (Twicknam Garden)
- b) First, we lov'd well and faithfully,
 Yet knew not what wee lov'd, nor why,
 Difference of sex no more wee knew,
 Than our Guardian Angells doe;...
 (The Relique)
- c) What ere shee meant by'it, bury it with me,
 For since I am
 Loves martyr, it might breed idolatrie,
 If into others hands these Reliques came;
 As'twas humility
 To afford to it all that a Soule can doe,
 So, 'tis some bravery,
 That since you would save none of mee, I bury some
 [of you].
 (The Funerall)

O último aspecto é mais sincero e leal do que o segundo e bem mais puro do que o primeiro, revelando a alegria do amor mútuo e completo. Os poemas que o contêm devem ter sido dirigidos à esposa. Pertencem a esta classe: “Song — Sweetst Love, I do not go,” “Valediction: of Weeping”, “Valediction: forbidding Mourning”, “The Anniversary”, “The Canonization”, etc. **

A beleza poética aliada à “alegria do amor mútuo e contente” surge com esplendor e com intensidade donniana na canção “The Anniversary.” Numa simplicidade extraordinária, numa naturalidade quasi que inegalável, exorta a perpetuidade do amor verdadeiro:

All Kings, and all their favorites,
 All glory of honors, beauties, wits,
 The Sun it selfe, which makes times, as they passe,

** Damos mais adiante uma tentativa de classificação das Canções e Sonetos de Donne, segundo o critério dos três aspectos. Ver página n.º 113.

Is elder by a yeare, now, than it was
 When thou and I first one another saw:
 All other things, to their destruction draw,
 Only our love hath no decay;
 This, no to morrow hath, nor yesterday,
 Running it never runs from us away,
 But truly keepes his first, last, everlasting day.

Two graves must hide thine and my coarse,
 If one might, death were no divorce.

Exatamente por causa desses extremos poéticos, ora de verdadeiro encanto lírico, que faz vibrar as nossas cordas sentimentais, ora de irritante e inteligente cinismo, que provoca a nossa admiração e nos deixa num real dilema, por causa desses extremos Ben Jonson emitiu o seguinte parecer a respeito de Donne:

“That Dones Anniversarie was profane and full of Blasphemies. That he told Mr. Donne, if it had been written of the Virgin Marie it had been something, to which he answered that he described the Idea of a woman and not as she was. *That Done for not keeping of accent deserved hanging. He esteemeth John Donne the first poet in the world in somethings; his verses of the Lost Chaine he hath by heart and that passage of the Calme, that dust and fethers do not stir, all was so quiet. Affirmeth Done to have written all his best pieces ere he was 25 years old. That Donne himself for not being understood would perish*”.

(From notes of Ben Jonson's Conversations with William Drummond of Hawthornden, 1619, first published 1711).

Mas, a nosso ver, Ben Jonson não sentiu a real beleza da poesia donniana e foi, talvez, um dos causadores do esquecimento em que, mais tarde, caiu o poeta. Graças a essa atitude, que poderíamos denominar de inconstante, de nômade do espírito poético sentimental, Donne deu novo alento à poesia inglesa. Nas “*Songs and Sonets*” emprega, considerando apenas a forma externa, 46 estrofes diferentes, das quais 42 parecem ser de sua própria lavra.

Thomas Carew bem expressa o que Donne conseguiu para o verso inglês:

The Muses' garden, with pedantic weeds
 O'er-spread, was purged by thee: the lazy-seeds
 Of servile imitation thrown away,
 And fresh invention planted.

Donne assume uma atitude de protesto contra o convencionalismo choroso, lânguido do sentimento petrarquiano da época. "O intelecto metafísico, como o seiscentismo ou Gongorismo é, sem dúvida, um sintoma de decadência da poesia renascentista, que, com tôda a sua beleza e frescura, trazia, desde o início, sementes de degenerência em seu seio. Mas a forma que essa dissolução tomou na poesia de Donne é a expressão de uma única e intensa individualidade, um temperamento complexo e imaginador; um intelecto rápido e sutil; uma mente armazenada com as minúcias da teologia, da ciência e jurisprudência medievais. O resultado é muitas vezes bizarro, e chega até a ser repulsivo. *Não encontramos na sua poesia, ou nela não perdura por muito tempo, a simplicidade harmoniosa de beleza perfeita*; mas, nas melhores, possui sinceridade e força e estas também são causadoras de beleza... Mas é nas líricas que obteve os efeitos mais felizes e conseguiu fazer de suas estrofes compridas ou curtas, simples ou elaboradas, o éco harmonioso daquele casamento íntimo da paixão e do argumento, que é a qualidade essencial da lírica metafísica... Deve-se a Donne a cadência esplêndida, o elan das mais belas líricas do Sec. XVII e, num nível imaginativo mais baixo, a mistura da paixão com o argumento da retórica versificada ressoante de Dryden". (H. J. C. Grierson, obra citada).

O grifo é nosso. Discordamos de Grierson, pois a "simplicidade harmoniosa de beleza perfeita" se encontra na poesia de Donne: "The Bait" (32), "Twickenham Garden", etc. A nosso ver é uma questão pessoal, depende da maneira de sentir, ou de reagir.

Um outro poema, de cunho satírico, traz o mesmo título do "2.º Aniversário" dedicado a Elizabeth Drury. Começado quando Donne ainda se encontrava como secretário de Thomas Egerton, foi terminado em 1601, data que se encontra em vários manuscritos existentes ainda e que circularam de acôrdo com o costume. Eis o seu título completo:

The Progress of the Soul
 Infinitati Sacrum
 16. Augusti 1601.
 Metempsychosis
 — Poëma Satyricon —

32 — Como sabemos "The Bait" foi baseado no poema de C. Marlowe denominado "The Passionate Shepherd to his love". Há, porém, uma diferença entre o poema de Marlowe e o de Donne: o poema de Marlowe "apresenta a graça arcádica de procedência italiana; Donne, ao lado da contemplação da natureza, concentra a sua atenção sobre a creatura humana, e

Logo no 2.^o verso dêsse poema Donne fala do “Destino que Deus criou, mas que não o controla” . . . Seria temerário afirmar que o autor exprime nesse poema enigmático idéias e crenças, porém há na apostrofe ao Destino (Fate) algo autobiográfico:

Great Destiny the Commissary of God,
That hast mark'd out a path and period
For every thing; who, where wee of-spring tooke,
Our wayes and ends seest at one instant; Thou
Knot of all causes, thou whose changelesse brow
Ne'r smiles nor frownes, O vouch thou safe to looke
And shew my story, in thy eternall booke:
That (if my prayer be fit) I may understand
So much my selfe, as to know with what hand,
How scant, or liberall this my lifes race is spand.

Grande Destino, Comissário de Deus,
Que traçou um caminho e marcou um período
Para cada coisa; que, onde nós tivemos início,
Os nossos caminhos e nossos fins vês num relancear; tu
Nó de todas as causas, tu cuja fronte inalteravel
Jamais sorri nem se zanga, O permite olhar
E conhecer minha história, no teu livro eterno:
Que (si minha oração for justa) possa eu compreender
Tanto, que saiba com que mão,
Quão escassa ou liberal esta corrida de minha vida está
[medida (33)].

Como diz o sub-título, Donne parte da doutrina pitagórica da metempsicose, procurando delinear as várias migrações da alma, desde a maçã colhida no Paraíso até os corpos de todos os grandes heréticos, parando, talvez (*), no corpo de Calvino. Prolonga-se em episódios aborrecidos da vida da alma na forma vegetal e animal, e deixa o seu poema inacabado quando a alma atinge Temech. A preocupação constante de galgar posições palacianas levam-no a escrever as

se serve dos elementos naturais como dum caleidoscópico ou das partes diversamente combináveis de um jogo a fim de retirar agudeza e engenhosidade.”

Mario Praz.

- 33 — A respeito de “The Progress of the Soule” diz Gosse: “O tom e o carater compreensivo dêsse poema são completamente anticristãos: possuem o cepticismo burlesco e sensual do Renascimento. O autor tem afinidade com o Fausto de Marlowe, sem veneração e sem temor, possuido de uma curiosidade intrépida pelos campos recônditos da investigação natural.”

(*) Segundo declaração de Ben Jonson a Drummond, mas cremos que seja a própria Rainha Elizabeth, por causa da indignação pela condenação do Conde de Essex. (R. Devereux).

Cartas Versificadas (Verse Letters) e as Elegias Funerárias (Funeral Elegies), que caracterizam os anos centrais de sua existência. É o período “artificial” que se inicia, provocado não só pela ambição como também pelas dificuldades oriundas do casamento. Não fora êle um gênio, verdadeiro manancial de sentimentos poéticos, possuidor de incrível facilidade no verso, a maioria desses poemas seria apenas bajulações sórdidas, servís; mas o seu intellecto brilhante, o volteio característico do seu verso, a força impressionante de suas idéias, as comparações convincentes e o reconhecimento e a gratidão pelos favores recebidos fazem-nos esquecer a “artificialidade” do poema. Às vezes quer justificar os elogios e o faz satisfatoriamente. Por exemplo “To The Countess of Huntingdon (pag. 144 da edição seguida).

Mas não pode haver justificativa para as elegias “Elegy on the Untimely Death of the Incomparable Prince Henry” e “Obsequies to the Lord Harrington, Brother to the Lady Lucy, Countess of Bedford.”

Talvez se aplique aos seus poemas artificiais a mesma justificação que êle deu a Ben Jonson, quando êste censurou o “Aniversário”, dedicado a jovem E. Drury, que Donne nem sequer conhecia. (*) Seria mais ou menos assim o diálogo:

B. Jonson — Si você tivesse escrito a respeito da Virgem Maria seria alguma coisa.

J. Donne — Mas eu descrevi a idéia de uma mulher, e não o que realmente ela era.

Dentre os poetas que fazem exceção à coletânea dirigida às “diversas pessoas” encontramos “The Storm” e “The Calm”. Dois motivos, entre outros, podem justificar o valor desses poemas: primeiro é que êles foram escritos antes do período factício e o segundo, e talvez o principal, é que dizem respeito a duas expedições em que Donne tomou parte, e portanto, sentiu-as e viveu-as. Alguns versos confirmam a nossa asserção:

The south and West winds joyn'd, and, as they blew,
Waves like a rowling trench before them threw.
Sooner than you read this line, did the gale,
Like shot, not fear'd till felt, our sailes assaile;
And what at first was call'd a gust, the same
Hath now a stormes, anon a tempests name.

.....

(*) Herbert J. C. Grierson diz que não há dúvida que Donne julgou fazer de E. Drury um simbolo da virtude cristão feminina.

Compar'd to these stormes, death is but a qualme,
 Hell somewhat lightsome, and the' Bermuda calme.
 Darknesse, lights elder brother, his birth-right
 Claims o'er this world, and to heaven hath chas'd light.
 All things are one, and that one none can be,
 Since all formes, uniforme deformity
 Doth cover, so that wee, except Cod say
 Another *Fiat*, Shall have no more day.

(The Storme)

No use of lanthornes; and in one place lay
 Feathers and dust, to day and yesterday.

.....
 He that at sea prayes for more winde, as well
 Under the poles may begge cold, heat in hell.
 What are wee then? How little more alas
 Is man now, then before he was? he was
 Nothing; for us, wee are for nothing fit;
 Chance, or our selves still disproportion it.
 Wee have no power, no will, no sense; I lye,
 I should not then thus feele this miserie.

(The Calm)

As outras Cartas Versificadas foram escritas ou no fim do sec. XVI ou no princípio do XVII e se caracterizam pelo elogio constante e contínuo, mas sempre dentro de uma atmosfera de habilidade. Porém uma distinção é necessário fazer quanto aos destinatários. E' interessante notar que as "Cartas Versificadas" dirigidas a homens têm um caráter conselheiro e paternal, ou de elogio comedido, de amizade masculina ou então algo desiludido. Daí deduzirmos que, já nessa altura, Donne é procurado pelos amigos a fim de dar a sua opinião nas várias situações, embora o faça, em geral, com uma desculpa, nos últimos versos. As dedicadas às mulheres, patronas mais nobres, são algo exageradas, revelando o indivíduo preocupado em agradar, "ipso facto" em obter proteção, ou demonstrar gratidão pelo auxílio recebido. Vejamos alguns exemplos:

(1) To Sir Henry Wotton.

Be thou thine owne home, and in thy selfe dwell;
 Inne any where, continuance maketh hell.
 And seeing the snaile, which every where doth rome,
 Carrying his owne house still, still is at home,
 Follow (for he is easie pac'd) this snaile,
 Bee thine owne Palace, or the world's thy gaole. (pag. 130-1)

(2) To Sir Henry Goodyere.

Our soule, whose country'is heaven, and God her father,
 Into this world, corruptions sinke, is sent,

Yet, so much in her travaile she doth gather,
That she returnes home, wiser than she went;...
(pag. 132).

It payes you well, if it teach you to spare,
And make you, 'asham'd, to make your hawks praise,
[yours,
Which when herselfe she lessens in the aire,
You then first say, that high enough she toures.

However, keepe the lively tast you hold
Of God, love him as now, but feare him more,
And in your afternoones thinke what you told
And promis'd him, at morning prayer before.
(pag. 132).

(3) To Sir Edward Herbert at Julyers.

Thus man, that might be' His pleasure, is his rod,
And is his devill, that might be his God.
Since then our businesse is, to rectifie
Nature, to what she was, wee'are led awry
By them, who man to us in little show;
Greater than due, no forme we can bestow
On him; for Man into himselfe can draw
All; All his faith can swallow, 'or reason chaw.
All that is fill'd, and all that which doth fill,
All the round World, to man is but a pill,
In all it workes not, but it is in all
Poysonous, or purgative, or cordiall,
For, knowledge kindles Calentures in some,
And is to others icy *Opium*. (pag. 139-140).

(1) To the Countesse of Huntington.

You are at first hand all that's faire and right,
And others good reflects but backe your light.
You are a perfectnesse, so curious hit,
That youngest flatteries doe scandall it.
.....

We'have no next way to you, we crosse to it:
You are the straight line, thing prais'd, attribute;
Each good in you's a light; so many a shade
You make, and in them are your motions made.
(pag. 128).

(2) To the Countesse of Bedford.

Madame,
Reason is our Soules left hand, Faith her right,
By these wee reach divinity, that's you;
Their loves, who have the blessings of your light,
Grew from their reason, mine from faire faith grew.
.....

for you are here

The first good Angell, since the worlds frame stood,
That ever did in womans shape appeare.

Since you are then Gods masterpeece, and so
His factor for our loves;... (pag. 135-6).

- (3) A letter to the Lady Carey and Mrs. Essex Riche,
From Amyens.

Here where by All All Saints invoked are,
'Twere too much schisme to be singular,
And 'gainst a practise generall to warre,
Yet turning to Saincts, should my'humility
To other Sainct than you directed bee,
That were to make my chisme, heresie.

.....

That is, of you, who are a firmament
Of virtues, where no one is growne, or spent,
They'are your materials, not our ornament.

Ainda outros fatos desejamos apontar com referência as "Cartas Versificadas. Um deles diz respeito a Condessa de Bedford. Antes de emití-lo, queremos rememorar alguns eventos. Dentre as patronas de Donne, Lucy Russel (*), Condessa de Bedford, foi talvez a mais célebre de suas admiradoras. Casou-se ela, em 1594, com Edward Russel, Terceiro Conde de Bedford; estava ainda nos "teens" e o conde tinha 20 anos apenas. E. Russel, homem de constituição fraca e de hábitos solitários, tendo ficado paralítico antes dos 30 anos, "sentia-se satisfeito por a Condessa tomar parte nos divertimentos da Côrte, enquanto vivia solitário em Moor Park ou Chenies" (**).

Ora, a Condessa de Bedford era uma das damas mais encantadoras da época. Possuidora de beleza deslumbrante e de inteligência extraordinária, "sua ambição era ser considerada patrona da literatura e dos literatos. Foi cantada por poetas de primeira ordem. Os jardins de sua residência, em Twickenham, onde se prodigalizava hospitalidade em escala suntuosa, eram famosos pela assembleia de poetas e intelectuais da época." (**)

A diferença de idade entre Lucy e Donne era pequena. Talvez uns 4 ou 5 anos. Donne era solteiro quando a conhe-

(*) Filha de Sir J. Harrington de Exton, o mais importante magnata do Condado de Hutland. (**) John Donne, Augusto Jessopp.

ceu. Julgamos que tenha sido antes de 1597 ou 1598, quando passou a ser secretário de Sir Thomas Egerton, chancelermór da Inglaterra, e cuja residência era visitada pelos nobres da época. Muitos poemas foram dedicados a Lucy e a seus parentes. Não é de espantar que um grande amor surgisse entre ambos. Além das *Cartas Versificadas*, em número de 7, de 3 elegias à Cecilia Boulstred e 1 à Lady Marckam, primas da Condessa, e "*Obsequies on the Lord Harrington*", dedicado ao pai e ao irmão, e inúmeras cartas, a nosso ver, grande número das *Canções e Sonetos* lhe eram destinados. Citemos uma canção onde não perdura a menor dúvida a respeito da inspiradora:

TWICKNAM GARDEN

Blasted with sighs, and surrounded with teares,
 Hither I come to seeke the spring,
 And at mine eyes, and at mine eares,
 Receive such balmes, as else cure every thing;
 But O, selfe traytor, I do bring
 The spider love, which transubstantiates all,
 And can convert Manna to gall,
 And that this place may thoroughly be thought
 True Paradise, I have the serpent brought.

'Twere wholsomer for mee, that winter did
 Benight the glory of this place,
 And that a grave frost did forbid
 These trees to laugh, and mocke mee to my face;
 But that I may not this disgrace
 Indure, nor yet leave loving, Love let mee
 Some senslesse peece of this place bee;
 Make me a mandrake, so I may groane here,
 Or a stone fountaine weeping out my yeare.

Hither with christall vyals, lovers come,
 And take my teares, which are loves wine,
 And try your mistresse Teares at home,
 For all are false, that tast not just like mine;
 Alas, heart do not in eyes shine,
 Nor can you more judge womans thoughts by teares,
 Than by her shadow, what she weares.
 O perverse sexe, where none is true but shee,
 Who's therefore true, because her truth kills mee.

Observemos atentamente os dois últimos versos:

O perverse sexe, where none is true but shee,
 Who's therefore true, because her truth kills mee.

Não há dúvida também de que a fidelidade de Lady Bedford está aqui claramente explicada no tom característico

do revoltado (34). Ora, as “*Canções e Sonteso*” demonstram categoricamente o que já afirmamos (pag. 23): que foram escritos segundo um estado d’alma realmente vivido.

No poema “*The Undertaking*”, procura êle comunicarlhe a sua paixão, de maneira velada, mostrando o valor do silêncio, do segredo;

Em “*Goe, and catch a falling starre*” afirma, enciumado pela côrte de outros poetas e intelectuais à Condessa, que não há mulher virtuosa.

Em “*Loves Usury*” suplica ao “*Usurário Deus do Amor*” que a sua amada o ame também.

No poema “*The Indifferent*”, embora de cinismo ilimitado, termina ainda demonstrando que não é correspondido:

*Venus heard me sigh this song,
And by Loves sweetest Part, Variety, she swore,
She heard not this till now; and that it should be so no*
[more.]

*She went, examin'd, and return'd ere long,
And said, alas, Some two or three
Poore Heretiques in love there bee,
Which thinke to stablish dangerous constancie.
But I have told them, since you will be true,
You shall be true to them, who'are false to you.*

O mesmo em “*The Triple Foole*”:

*But where's that wiseman, that would not be I,
If she would not deny?*

“*The Message*” revela o desespero selvagem:

*Yet send me back my heart and eyes,
That I may know, and see thy lyes,
And may laugh and joy, when thou
Art in anguish
And dost languish
For some one
That will none,
Or prove as false as thou art now.*

Procura com “*The Flea*” convencer a Condessa de que o que deseja é pouco, muito pouco até, e em nada a desabona:

*'Tis true, then learne how false, feares bee;
Just so much honor, when thou yeeld'st to mee,
Will wast, as this flea's death tooke life from thee.*

(Poema completo, pag. 67)

34 — Interessante é notar que o mesmo poeta que escreveu talvez os mais sensuais e cínicos versos da literatura inglesa seja, também, o cantor do mais puro amor ideal.

Não é, como afirma o Prof. M. M. Arnold Shroer, na "História da Literatura Inglesa", Colección Labor, página n.º 243;

"su poema, de merecido mal renombre, a la pulga (The Flea) que ha picado al poeta y a su amada, y a la cual la amada no puede dar muerte porque ha reunido dentro de sí la sangre de los dos. Siempre imágenes y compareciones desatinadas, de mal gusto". (35)

mas antes, de um assunto simples Donne faz convincente argumento. E' o início de sua conquista, a nosso ver. Daí por diante Donne se torna o privilegiado da Sra. Bedford, mas a preocupação de poder vir a ser relegado ao esquecimento o atormenta em "Woman's Constancy";

35 — Interessante é notar que Leander também define o "ídolo da Virgindade como nada":

"This idol, which you term Virginity,
Is neither essence subject to the eye,
No, nor to any one exterior sense,
Nor hath it any place of residence,
Nor is't of earth or mould celestial,
Or capable of any form at all.
Of that which hath no being, do not boast:
Things that are not at all are never lost".

"Hero and Leander", by C. Marlowe.
Everyman's Library, versos 383 a 390,
pag. 381.

* — Parece-nos que o Prof. M. M. Arnold Shroer não percebeu, claramente, que as coisas não são poéticas "per se", e, de modo transposto, que nada pode ser considerado intrinsecamente apoético. (Veja-se página 95).

"Outro lírico y poeta piadoso, que se encuentra entre los mejores de su género y de su época, debiéndosele algun poema realmente hermoso, Robert Herrick (1591-1674), dirigese al Salvador, en sus *Noble Numbers* (1647), en los siguientes términos:

Lord, I confesse, that Thou alone art able
To purifie this my Augeon Stable:
Be the Seas water, and the Land all sope,
Yet if Thy Bloud not wash me, there's no hope.

Señor, confieso que Tú sólo puedes
Purificar este mi establo de Augias:
Aunque, los mares fuesen agua y toda la Tierra jabon,
Si Tu Sangre no me lava, no me queda esperanza alguna.

Now thou hast lov'd me one whole day,
 To morrow when thou leav'st, what wilt thou say?
 Wilt thou then Antedate some new made vow?
 Or say that now
 We are not just those persons, which we were?

Revolta-se contra o sol, quando tem de deixar o leito onde se encontra a amada, pois êste os vem separar ("The Sun Rising");

Busy old foole, unruly Sunne,
 Why dost thou thus,
 Through windowes, and through curtaines call on us?

Lady Bedford, que também era poetisa, ou escreveu êste poema ou lhe sugeriu a idéia, como protesto contra a separação, expressa no "Breake of Day":

'Tis true, 'tis day; what though it be?
 O wilt thou therefore rise from me?
 Why should we rise, because 'tis light?
 Did we lie downe, because it was night?
 Love which in spight of darknesse brought us hether,
 Should in despight of light keepe us together.

Light hath no tongue, but is all eye;
 If it could speake as well as spie,
 This were the worst, that it could say,
 That being well, I faine would stay,
 And that I lov'd my heart and honor so,
 That I would not from him, that had them, goe.

Must businesse thee from hence remove?
 Oh, that's the worst disease of love,
 The poore, the foule, the false, love can
 Admit, but not the busied man.
 He which hath businesse, and makes love, doth doe
 Such wrong, as when a maryed man doth wooe (36).

36 — Esse fato, no entanto, é algo comum entre os escritores de nomeada. Na obra "Goethe und Marianne Von Willemer" de Bernard von Bretano, Edição Werner Classen — Zürich, 1947, Goethe é apontado como tendo apresentado, em seu célebre "Divan", poesia de sua amante Marianne von Willemer.

Na Literatura Francesa, vamos encontrar Anatole France não só considerado afeiçoado de Mme. Arman de Caillavet, mas também considerado seu amante. Depois que romperam a amizade, ela é apontada pela crítica como tendo escrito entrecchos e até prefácios de livros do imortal romancista.

E' exatamente o que verificamos na "Elegy on Mrs. Boulstred" e "Death be not proud" (37).

Contra os maledicentes e as maledicências escreve Donne "The Curse", rosário incrível de maldições, brotadas de um coração realmente irritado. Refere-se, talvez, à mesma Condessa, a Elegy VIII, "The Comparison," escrita quando, naturalmente, algum amigo mais íntimo estabeleceu comparação entre as amadas de ambos, enaltecendo a sua em detrimento da amada de Donne. A revolta atinge ao auge e é difícil citar uma parte do poema, pois só a sua leitura completa dará idéia da violência da réplica, bem como da paixão que cega o poeta.

ELEGY VIII

The Comparison

As the sweat of Roses in a Still,
 As that which from chaf'd muskats pores doth trill,
 As the Almighty Balme of th'early East,
 Such are the sweat drops of my Mistris breast,
 And on her (brow) her skin such lustre sets,
 They seeme no sweat drops, but pearle coronets.
 Ranke sweaty froth thy Mistresse's brow defiles,
 Like spermatique issue of ripe menstruous boiles,
 Or like the skumme, which, by needs lawlesse law
 Enforc'd, Sanserra's starved men did draw
 From parboild shooes, and bootes, and all the rest
 Which were with any soveraigne fatnes blest,
 And like vile lying stones in saffronnd tinne,
 Or warts, or wheales, they hang upon her skinnne.
 Round as the world's her head, on every side,
 Like to the fatall Ball which fell on Ide,
 Or that whereof God had such jealousy,
 As, for the ravishing thereof we die.
 Thy *head* is like a rough-hewne statue of jeat,
 Where marks for eyes, nose, mouth, are yet scarce set;
 Like the first Chaos, or flat seeming face
 Of Cynthia, when th'earths shadowes her embrace.
 Like Proserpines white beauty-keeping chest,
 Or Joves best fortunes urne, is her faire breast.
 Thine's like worne eaten trunkes, cloth'd in seals skin,

- 37 — Numa elegia à Sra. Boulstred, que foi publicada em dois poemas separados, "Death I recant" e "Death be not proud", essas atitudes são combinadas de maneira sonora e dignificante. Diz-nos Grierson que

"In a manuscript collection made between 1619 and 1623, the two are given as one continuous poem. Further evidence, however, points to the conclusion that the two are distinct poems, the second, which replies to the first, being not by Donne but, possibly, the countess of Bedford.

Or grave, that's dust without, and stinke within.
 And like that slender stalke, at whose end stands
 The wood-bine quivering, are her armes and hands.
 Like rough bark'd elmboughes, or the russet skin
 Of men late scurg'd for madnes, or for sinne,
 Like Sun-parch'd quarters on the citie gate,
 Such is thy tann'd skins lamentable state.
 And like a bunch of ragged carrets stand
 The short swolne fingers of thy gouty hand.
 Then like the Chymicks masculine equall fire,
 Which in the Lymbecks warme wombe doth inspire
 Into th'earths worthlesse durt a soule of gold,
 Such cherishing heat her best lov'd part doth hold.
 Thine's like the dread mouth of a fired gunne,
 Or like hot liquid metallis newly runne
 Into clay moulds, or like to that Aetna
 Where round about the grasse is burnt away.
 Are not your kisses then as filthy, and more,
 As a worme sucking an invenom'd sore?
 Doth not thy fearefull hand in feeling quake,
 As one which gath'ring flowers, still feares a snake?
 Is not your last act harsh, and violent,
 As when a Plough a stony ground doth rent?
 So kisse good Turtles, so devoutly nice
 Are Priests in handling reverent sacrifice,
 And such in searching wounds the Surgeon is
 As wee, when wee embrace, or touch, or kisse.
 Leave her, and I will leave comparing thus,
 She, and comparisons are odious.

“The Anniversary” comemora, talvez, o primeiro ano do encontro de ambos estrofe citada, pag. n.º 38), e “The Broken Heart” já mostra a desilusão que se apodera de Donne:

He is starke mad, who ever sayes,
 That he hath been in love an houre,
 Yet not that love so soone decayes,
 But that it can tenne in lesse space devour;
 Who will beleeve mee, if I sweare
 That I have had the plague a yeare?
 Who would not laugh at mee, if I should say,
 I saw a flaske of *powder burne a day?*

No “Confined Love” explora o tema — variedade — que surge também em “Change” (Elegy III), e em “Variety” (Elegy XVII), e ainda em “The Indifferent” (38).

38 — No “Confined Love” ainda se nos apresenta uma espécie de revelação: as duas damas, Herbert, e Bedford, talvez, estejam subentendidas em:

Some man unworthy to be possessor
 Of old or new Love, himself being false or weake...

E assim, sucessivamente, podemos estabelecer a relação das "*Canções e Sonetos*", tendo em mente que os cínicos, os violentamente enciumados e pouquíssimos espirituais se relacionam com a Condessa de Bedford, alguns com a Sra. Herbert e outros com outras damas. Os poemas "Community", "Love's Alchemy", "A Nocturnal Upon St. Lucy's Day", nome de Lucy Bedford, revelam que já está sendo relegado ao esquecimento, preterido por ela: "The Apparition", "The Broken Heart". "Love's Deity", "Love's Diet", "The Will" claramente demonstram o nosso ponto de vista, Lady Bedford é muito requestada, e as seis estrofes do poema "The Will" terminam mostrando, pelo refrão, o desprezo:

Thou, Love, hast taught me heretofore
By making me serve her who had twenty more,
That I should give to none, but such, as had too much before.

E assim em "The Funeral", "The Blossom", "The Primrose", "The Relique", "The Damp." "The Dissolution", "A Jet Ring Sent", "The Paradox", "Farewell to Love", "Sonnet: The Token's e "Self-Love".

Por outro lado, a partir de 1598, quando, secretário de Sir Thomas Egerton, vem a conhecer a sobrinha do chanceler-mór, Anne, surgem, então, poemas mais puros, espirituais, ideais, platônicos: "The Good-morrow", "Air and Angels", "The Canonization", "Lover's Infiniteness", "The Legacy", "Sweetest Love, I do not go", "A Fever", os poemas "Valediction, como: "A Valediction: of the Book," "A Valediction: of weeping", "A Valediction: Forbidding Mourning, e mais os seguintes: "Love's Growth," "Love's Exchange", "The Dream", "Witchcraft by a Picture", "The Bait", "The Ecstasy", "Negative Love", "The Prohibition", "The Expiration", "The Computation", "A Lecture Upon the Shadow.

Outro fato se relaciona com as suas decepções palacia-nas. E' seu desejo obter algo na Côrte, mas em vão busca alcançá-lo. E a cada passo encontramos invectivas contra ela *:

Esse mesmo tema do *velho e novo amor* é cantado por Goethe. Na poesia "Wechsel" — "Inconstância" — publicada na primavera de 1768, quando o poeta ainda se encontrava no albor de sua juventude (19 anos), a 2.^a estrofe reza:

"Mas triste, no entanto, tu perdes as horas
As horas preciosas da vida fugaz,
Tão só porque a tua bem amada te esquece.
Reconquista da vida a ilusão passageira:
Pois com que ardor se beija a bôca da segunda
Como não se beijara os lábios da primeira".

(Tradução do Professor Dr. Pedro de A. Moura).

* O principal obstáculo que encontrou para a carreira de cortesão foi pertencer à família católica apostólica romana.

Life is a voyage, and in our lifes wayes
 Countries, Courts, Towns are Rockes, or Remoraes;
 They breake or stop all ships, yet, our state's such,
 That though than pitch they staine worse, wee must touch.
 If in the furnace of the even line,
 Or under th'adverse icy poles thou pine,
 Thou know'st two temperate Regions girded in,
 Dwell ther: But Oh, what refuge canst thou winne
 Parch'd in the Court, and in the country frozen?
 Shall cities, built of both extremes, be chosen?
 Can dung and garlike be'a perfume? or can
 A Scorpion and Torpedo cure a man?
 Cities are worst of all three; of all three
 (O knottie riddle) each is worst equally.
 Cities are Sepulchers; they who dwell there
 Are carcasses, as if such there were.
 And Courts are Theaters, where some men play
 Princes, some slaves, all to one end, and of one clay.
 The Country is a desert, where no good,
 Cain'd (as habits, not borne), is understood.
 There men become beasts, and prone to more evils;
 In cities blockes, and in a lewd court, devills.
 (To Sir Henry Wotton, 129-130).

Therefore at Court, which is not vertues clime,
 (Where a transcendent height, (as, lownesse mee)
 Makes her not be, or not show) all my rime
 Your virtues challenge, which there rarest bee;...
 (To the Countesse of Bedford, pag. 137).

I have beene told, that vertue'in Courtiers hearts
 Suffers an Ostracisme, and departs.

Statesmen purge vice with vice, and may corrode
 The bad with bad, a spider with a toad:
 For so, ill thralls not them, but they tame ill
 And make her do much good against her will,...
 (To the Countesse of Bedford, pag. 141-2).

And narrow man being fill'd with little shares,
 Court, Citie, Church, are all shops of small-wares,
 All having blowne to sparkes their noble fire,
 And drawne their sound gold-ingot into wyre;...
 (To the Countesse of Salisbury, pag. 162).

Nestas, êle nos dá a impressão de que não tentará mais
 obter posição na Côrte:

Beleeve mee Sir, in my youths giddiest dayes,
 When to be like the Court, was a playes praise,
 Playes were not so like Courts, as Courts' are like playes.

But now 'tis incongruity to smile,
 Therefore I end; and bid farewell a while,
 At Court; though *From Court*, were the better stile.
 (To Sir Henry Wootton, pag. 134).

Descobrimos também nas “Cartas Versificadas” a sua opinião sobre a poesia, o que segue contra a de todos os contemporâneos e que o torna original:

Though to use and love Poetry, to me,
Betrothed to no one Art, be no adultery;
Omission of good, ill, as ill deeds be.

(To Mr. Rowland Woodward, pag. 133).

Finalmente, verificamos que Donne gosta de repisar certos assuntos:

A — “Côrte”, já citado, o “Fado” ou “Destino”:

Fate grudges us all, and doth subtly lay
A scourge, 'gainst which wee all forget to pray,...

(The Calme, pag. 126).

In this worlds warfare, they whom rugged Fate,
(Gods Commissary), doth so thoroughly hate,
As in'the Courts Squadron to marshall their state:...

(To Sir Henry Wootton, pag. 134).

Lett shott, and boggs, and skeines
With bodies deale, as fate bids and restreynes;...

(Henrico Woottoni in Hibernia Belligeranti, 135).

Purge but the booke of Fate, that it admit
No sad nor guilty legends, you are it.

(To the Countesse of Bedford, pag. 138)

And with us (me thinkes) Fate deales so
As with the Jewes guide God did; he did show...

(To Mr. R(owland). W(oodward), pag. 151)

For mee, (if there be such a thing as I)
Fortune (if there be such a thing as shee)
Spies that I beare so well her tyranny,
That she thinks nothing else so fit for mee;...

(To Sir H. W. At his Going Ambassador to Venice, 155).

B — Aranha, sapo — símbolos do veneno:

But O, selfe traytor, I do bring
The spider love, which transubstantiates all,
And can covert Manna to gall,
And that this place may thoroughly be thought
True Paradïse, I have the serpent brought.

(Twicknam Garden, 18).

Statesmen purge vice with vice, and may corrode
The bad with bad, a spider with a toad...

(To the Countesse of Bedford, pag. 142).

C — e assim a “alma” (pag. 132, 158, 162), “pedra filosofal” (5, 158), “os quatro elementos” (104), “sonho” (24, 67), “a madeixa” (39, 42), “a lágrima” (25, 30), “o epitáfio” (29, 47).

Graças a essa repetição, a êsse gosto pelo tema repisado, a essa preferência por determinadas palavras aplicadas a certas qualidades de pessoas definidas, é-nos possível relacionar os poemas e descobrir a quem se destinam ou quem representam ou quem é a inspiradora dos versos.

Exemplifiquemos: A carta versificada (Verse Letter) “To Mrs. M (agdalen). H (erbert), pag. 156, na sua 5a. estrofe, diz:

Yet when her warme redeeming hand, *which is*
A *miracle*; and made such to worke more,
Doth touch thee (saples leafe) thou grow’st by this
Her creature; glorify’d more than before.

Na Canção “The Relique” encontramos:

These miracles wee did; but now alas,
All measure, and all language, I should passe.
Should I tell what a *miracle shee was*.

“The Anniversary” nos explica que —

All Kings, and all their favorites,
All glory of honors, beauties, wits,
The Sun it selfe, which makes times, as they passe,
Is elder by a yeare, now, than it was
When thou and I first one another saw

e em “The Broken Heart”, quando o nosso poeta se encontra desiludido pelo entorpecimento amoroso de Lucy, explode rancoroso e apaixonado:

He is starke mad, who ever sayes.
That he hath been in love an houre,
Yet not that love so soone decayes,
But that it can tenne in lesse space devour;
Who will beleeve mee, if I sweare
That I have had the plague a yeare?
Who would not laugh at mee, if I should say,
I saw a flaske of powder burne a day?

Em “A Valediction: of Weeping” diz:

Let me powre forth
My teares before thy face, whilést I stay here,
For *thy face coines* them, and *thy stampe they beare*,
And by this Mintage they are something worth,
For thus they be
Pregnant of thee,...

e em “Witchcraft by a Picture” revela a mesma idéia, porém a imagem refletida é a sua:

I fix *mine eye* on thine, and there
 Pity *my picture* burning in thine eye,
My picture drowned in a transparent teare,
 When I looke lower I espie;...

e em “The Extasie”

So t'entergraft our hands, as yet
 Was all the meanes to make us one,
 And pictures in our eyes to get
 Was all our propagation (39).

E AINDA EM “The Good-morrow” —

My face in thine eye, thine in mine appeares,...

todos expressam aquele amor mais puro, mais espiritual, ideal, platônico dedicado a esposa.

“A Nocturnal Upon St. Lucy's Day”, que, como já explicamos, foi dedicado à Bedford, contém êsses versos (40):

yet all these seeme to laugh,
 Compar'd with mee, *who am their Epitaph*.

e em “The Paradox”

Once I lov'd and dy'd; and am now become
Mine Epitaph and Tombe.

39. — “Extasie”. Resume essa poesia a metafísica amorosa concebida por Donne, porque trata da mútua dependência do corpo e da alma: os corpos unificados são a esfera onde as duas inteligências se encontram e governam; não são escória mas aliança; pela vereda de seus poderes ou funções — isto é, o senso — a alma percebe e concebe; como os corpos celestes, segundo uma teoria então difusa, influem na alma do homem por intermédio do *ar*, assim uma alma entra em comunicação com outra tendo o corpo como intermediário. Há uma curiosa afinidade entre o espírito desta poesia e aquela de certa lírica filosófica da Idade Média, na famosa canção italiana de Guinizelli: “Al cor gentil ripara sempre Amore”.

40 — Nêsse poema Donne expressa o senso da niquilidade que lhe invade o pensamento. É a eterna preocupação da morte, tema que êle constantemente explora. O “Nocturnal Upon St. Lucy's Day” apresenta um verdadeiro jogo do lúgubre sobre o lúgubre, atingindo no entato um resultado de grande eficácia. Poder-se-ia dizer que êle tenta dar forma ao informe sem contudo prejudicar a imagem enigmática.

Em "The Funeral" surge:

Who ever comes to shroud me, do not harme
 Nor question much
That subtile wreath of haire, which crowns my arme;...

em "The Relique" reaparece o mesma tema:

And he that digs it, spies
A bracelet of bright haire about the bone,
 Will he not let'us alone,...

ainda em "The Relique" encontramos:

Thou shalt be a Mary Magdalen, and I...
Should I tell what a miracle shee was.

o que se relaciona com a carta versificada "To Mrs. M (agdalen). H(erbert)., 156.

Bedford era, como sabemos, poetisa e Donne, no "Sonnet: The Token" lhe diz:

Nor witty Lines, which are most copious,
 Within the Writings which thou hast adrest.

Send me nor this, nor that, t'increase my store,
 But swear thou thinkst I love thee, and no more.

Outros exemplos podem ser facilmente apontados.

Herbert J. C. Grierson diz, a respeito da "Cartas Versificadas", que "Donne parece não ter escrito nenhuma depois de 1615, quando da ordenação". Discordamos ainda deste estudioso do grande bardo inglês, pois na carta à Condessa de Huntington (146), Donne conclue dizendo:

I was your Prophet in your younger dayes,
 And now your Chaplaine, God in you to praise.

Destacam-se, nessas cartas, as reflexões morais elevadas e sempre desenvolvidas com muita habilidade. Em geral elas possuem um verdadeiro manancial de saudação metafísica, mas "nem o gosto nem a arte de Donne (para não tocar no caráter) surgem na melhor condição, nos conceitos abstratos, extravagantes e frígidos dessas epístolas e dessas elegias como aquelas sobre o príncipe Henry e Lord Harrington. Nestas os elogios ultrapassam todos os limites da descência e reverência." (H. J. C. Grierson, obra citada).

Tanto em verso como em prosa Donne expressou dois sentimentos para os quais possuía susceptibilidade profunda. Com o primeiro "revela todo o senso renascentista da

pompa e o horror da morte, a niveladora de tôdas as distinções terrenas; e com o segundo, pode elevar-se, como Sir Thomas Browne, a uma arrebatada apreciação da visão cristã da morte como portal de uma vida melhor. Mas a expressão de ambos os sentimentos, quando escreve sob os ditames da necessidade, pode degenerar em uma acumulação de hipérboles grosseiras e detestáveis." (H. J. C. Grierson).

Ele sabe uní-los também num casamento sonoro e dignificante: "Elegy on Mrs. Boulstred" (207).

As acumulações de hipérboles não são "grosseiras", tão pouco "detestáveis". Há, na verdade, algum exagêro, mas entre a "grosseria" e a "detestação" apontadas por Grierson, e a intelectualidade, a inteligência e a felicidade de expressão a serviço da necessidade em pról da família, ou do reconhecimento pela caridade recebida, medeia uma grande diferença. Não podemos esquecer que 12 foram os filhos de Donne. Além disso, como no caso de "Elegy on the Untimely Death of the Incomparable Prince Henry" e "Obsequies to the Lord Harrington (Brother to the Lady Lucy, Countess of Bedford), Donne expressa nas pessoas do Principe e do Lord, o ideal do representante nobre, e os destinatários são meros inspiradores dêsse ideal. Na primeira, Donne inicia (196):

ELEGIE ON THE UNTIMELY DEATH
OF THE
INCOMPARABLE PRINCE HENRY

Look to me, Faith; and look to my Faith, God:
For, both my Centres feel This Period.
Of Waight, one Centre; one of Greatness is:
And Reason is That Centre; Faith This.
For into our Reason flowe, and there doe end,
All that this naturall World doth comprehend;
Quotidian things, and Equi-distant hence,
Shut-in for Men in one Circumference:
But, for th'enormous Greatnesses, which are
So disproportion'd and so angulare,
As is God's Essence, Place, and Providence,
Where, How, When, What, Soules do, departed hence:
These Things (Eccentrique else) on Faith do strike;
Yet neither All, nor upon all alike:
For, Reason, put t'her best Extension,
Almost meetes Faith, and makes both Centres one:
And nothing ever came so neer to This,
As Contemplation of the Prince wee misse.

Na segunda, entre outras coisas afirma:

So, in short liv'd good men, is'not undestood
Each severall vertue, but the compound good;

For, they all vertues paths in that pace tread,
 As Angells goe, and know, and as men read.
 O why should then these men, these lumps of Balme
 Sent hither, this worlds tempest to becalme,
 Before by deeds they are diffus'd and spread,
 And so make us alive, themselves be dead?

E a carta que acompanhou essas "Obsequies", título geral das elegias, às mãos da Condessa de Bedford declara:

Madame,

I have learn'd by those lawes wherein I am a little conversant, that hee which bestowes any cost upon the dead, obliges him which is dead, but not the heire; I do not therefore send this paper to your Ladyship, that you should thanke mee for it, or thinke that I thank you in it; your favours and benefits to mee are so much above my merits, that they are even above my gratitude, if that were to be judged by words which must expresse it: But, Madame, since your noble brothers fortune being yours, the evidences also concerning it are yours, so his vertue being yours, the evidences concerning it, belong also to you, of which by your acceptance this may be one peace, in which quality I humbly present it, and as a testimony how intirely your familie possesseth

Your Ladieships most humble and
 thankfull servant

John Donne.

Foi em 1610, quando da morte de Elizabeth Drury, jovem de 15 anos, filha de Sir Robert Drury, que Donne compôs uma elegia, uma das poucas publicadas durante a sua vida (1611) e que fazia parte de um grande poema denominado "The Anatomy of the World", The First Anniversary; no segundo ano comemorativo da morte da mesma jovem surge "Of The Progress of the Soul", The Second Anniversary (publicado em 1612), e assim pretendia continuar anualmente a escrever um "Anniversary". Mas não foi além do segundo.

No primeiro, o poeta diz que o mundo enlangueceu e que até já está morto, pois perdeu a pessoa que era a sua alma. Por causa dela o mundo possuía forma, nome, e agora se dirigira para o céu a fim de que os Santos não mais a esperassem. Mas o mundo retém ainda um resquício de vida, de força e, talvez, com a morte da jovem, o mundo conseguiu uma recompensa moral, pois todos os que se encontram nele serão levados a praticar o Bem, porque o único meio de revê-la, será ir para o céu. Tão pouco não se deve espantar por que ninguém se queixa, pois o corpo não sabe queixar-

se quando a alma já não mais lhe faz companhia. Resta ainda um pseudo mundo, uma espécie de mundo e dêle vai êle fazer a anatomia.

Há versos encantadores, que não podemos furtar-nos ao trabalho da citação:

A faint weake love of vertue, and of good,
Reflects from her, on them which understood
Her worth; and though she have shut in all day,
The twilight of her memory doth stay;...

A lembrança, o reflexo das virtudes da jovem criou um novo mundo, a matéria é a sua virtude, a forma, a nossa prática e espera que êsse novo mundo esteja a salvo dos perigos e males do velho, si vier a conhecê-los. Surge, em seguida, a idéia antiga de que o mundo degenera porque envelhece. A vida do homem antigo era longa e agora tornou-se curta e os homens são de porte pequeno. Aí deixa o assunto principal e numa digressão fala da grandeza e da fraqueza humanas:

So spacious and large, that every Soule
Did a faire Kingdome, and large Realme controule:
And when the very stature, thus erect,
Did that soule a good way towards heaven direct.
Where is this mankinde now? who lives to age,
Fit to be made Methusalem his page?

.....

mankinde decayes so soone,
We're scarce our Fathers shadowes cast at noone:
Onely death addes f'our length: nor are wee growne
In stature to be men, till we are none.

Uma espécie de refrão sôa de quando em quando e o verso seguinte põe em relevo, com pequenas variantes, primeiro a insignificância do homem e depois a monstruosidade dêste mundo:

Shee, shee is dead; shee's dead: when thou knowest this,
Thou knowest how poore a trifling thing man is.

Shee, shee is dead; shee's dead: when thou knowst this,
Thou knowst how lame a cripple this world is.

Shee, shee is dead, shee's dead; when thou knowst this,
Thou knowst how ugly a monster this world is

Shee, shee is dead; shee's dead; when thou knowst this,
Thou know'st how wan a Ghost this our world is.

Shee, shee is dead; shee's dead; when thou knowst this,
Thou knowst how drie a Cinder this world is.

Continua dizendo que a corrupção começou pelas coisas sublimes, em seguida sofreram os homens e “depois, os animais e as plantas amaldiçoados na maldição do homem.” Não só a natureza humana se tornou fraca, como também a primavera e o verão estão sem fecundidade. A nova Filosofia põe em dúvida tôdas as coisas, e tal é a confusão que já não mais sabemos onde encontrar o sol e a terra. A beleza do mundo ou desapareceu, isto é, a beleza que encontramos na côr e na proporção. A proporção do mundo está desfigurada, pois os dois sustentáculos, a recompensa e o castigo em que ela se apoia já não predominam. A melhor parte da beleza, a proporção, evanesceu, porque aquela que era a medida morreu. Si por ventura ela fôsse vista pelo antigo filósofo que desejava “que as almas fossem feitas de harmonia”, teria sustentado que ela era a personificação da Harmonia e que tôdas as outras almas não passavam de emanações dela. Depois de falar da criação e das estações com as suas côres mutáveis o poeta termina:

Nor could incomprehensibleness deterre
Mee, from thus trying to emprison her,
Which when I saw that a strict grave could doe,
I saw not why verse might not do so too.
Verse hath a middle nature: heaven keepes Soules,
That Grave keepes bodies, Verse the Fame enroules.

Fecha o Primeiro Aniversário uma elegia funerária com idéias mais ou menos repisadas, porém três citações seremos forçados a fazer, pela idéia interessante, bem como pela beleza da expressão:

O mundo está dividido em partes e as profissões ocupam essas partes —

The world containes
Princes for armes, and Counsellors for braines,
Lawyers for tongues, Divines for hearts, and more,
The Rich for stomackes, and for backes, the Poore;
The Officers for hands, Merchants for feet,
By which, remote and distant Countries meet.

A recordação é assim cantada:

and as aged men are glad
Being tastelesse growne, to joy in joyes they had,
So now the sick starv'd world must feed upon
This joy, that we had her, who now is gone.

Eis a maneira com que fala da virgindade e do casamento:—

But like a Lampe of Balsamum, desir'd
 Rather t'adorne, than last, she soone expir'd,
 Cloath'd in her virgin white integritie,
 For marriage, though it doe not staine, doth dye.

"The Second Anniversary" termina com uma invocação e claramente demonstra a idéia de que a mulher, por êle cantada, é o modelo do ideal feminino para a posteridade (41):

Here in a place, where mes-devotion frames
 A thousand Prayers to Saints, whose very names
 The ancient Church knew not, Heaven knows not yet:
 And where, what lawes of Poetry admit,
 Lawes of Religion have at least the same,
 Immortall Maide, I might invoke thy name.
 Could any Saint provoke that appetite,
 Thou here should'st make me a French convertite.
 But thou would'st not; nor would'st thou be content,
 To take this, for my second yeares true Rent,
 Did this Coine beare any other stampe, than his,
 That gave thee power to doe, me, to say this.
 Since his will is, that to posteritie,
 Thou should'st for life, and death, a patterne bee,
 And that the world should notice have of this,
 The purpose, and th'authoritie is his;
 Thou art the Proclamation; and I am
 The Trumpet, at whose voyce the people came.

Depois de discorrer a respeito da nossa fraqueza e do pensamento da morte, a alma ascende a Deus e à consideração consoladora da vida eterna. Diz o poeta que o mundo, desde a morte da jovem santa, não mais vive, a não ser como um corpo que se lhe cortou a cabeça e que os membros ainda se movimentam por um espécie de reflexo:

So struggles this dead world, now shee is gone;
 For there is motion in corruption.

Invoca a alma da falecida para que seja a sua Musa e metafisicamente nos dá a procriação da poesia:

my life shall bee,
 To be hereafter prais'd, for praying thee;
 Immortall Maid, who though thou would'st refuse
 The name of Mother, be unto my Muse
 A Father, since her chast Ambition is
 Yearely to bring forth such a child as this.

41 — Além dêsse excerto justificando nosso ponto de vista, há a carta "To my honoured friend G. G., Esquire, citada na nota n.º 15.

Em versos belos encarece a sua alma a deixar as vaidades dêste mundo e em compensação se fartará da contemplação de Deus. Ordena-a a pensar em inúmeras passagens da morte e do sepultamento, porém o término da vida deve ser encarado como um bálsamo bemfazejo, como um libertador. A alma é apenas a prisioneira do corpo que a faz sofrer indignidades. A morte a liberta, e ela ultrapassa as esferas e as estrélas. Num estilo poético, rico e comovente, Donne expressa as suas reflexões exaltadas:

Thinke thy shell broke, thinke thy Soule hatch'd but now

.....

But ere she can consider how she went,
At once is at, and through the Firmament.
And as these starres were but so many beads
Strung on one string, speed undistinguish'd leads
Her through those Spheares, as through the beads, a string.
Whose quick succession makes it still one thing:...

Numa digressão volta a falar, em versos de encanto delicado e raro, da beleza da jovem, voltando logo em seguida à contemplação dessa pobre alma cá na terra, numa situação tal que não chega a compreender-se a si mesma:

Thou art too narrow, wretch, to comprehend
Even thy selfe: yea though thou wouldst but bend
To know thy body.

Exorta-se a deixar os pensamentos terrestres e a entregar-se àqueles celestiais, a buscar os anjos, os santos e as alegrias eternas da presença de Deus;

Up, up, my drowsie Soule, where thy new eare
Shall in the Angels songs no discord heare;...

Depois de citar a companhia que a alma terá, os patriarcas, os profetas, os apóstolos, as Virgens, fala das alegrias acidental e essencial:

But pause, my soule; And study, ere thou fall
On accidentall joyes, th'essentiall.
Still before Accessories doe abide
A triall, must the principall be tride.
And what essentiall joy can'st thou expect
Here upon earth? what permanent effect
Of transitory causes?

Êste mundo possui alegrias essenciais porque a jovem o tornara um céu rasoável, mas as alegrias acidentais do céu de muito as ultrapassariam:

she to Heaven is gone,

Who made this world in some proportion
 A heaven, and here, became unto us all,
 Joy, (as our joyes admit) essentiall.
 But could this low world joyes essential touch,
 Heavens accidentall joyes would passe them much.

E num climax canta poeticamente e com rara felicidade a eterna ventura celestial:

Only in Heaven joyes strength is never spent;
 And accidentall things are permanent.
 Joy of a soules arrivall ne'r decaies;
 For that soule ever joyes and ever staies.
 Joy that their last great Consummation
 Approaches in the resurrection;
 When earthly bodies more celestiall
 Shall be, than Angels were, for they could fall;
 This kinde of joy doth every day admit
 Degrees of growth, but none of losing it.

E' verdade que êsse poema é mais rico do que o primeiro, não só em expressões e pensamentos, verdadeiras joias poéticas, como também porque se trata de poema mais delicado e belo.

P O E M A S D I V I N O S

Herbert J. C. Grierson diz-nos que dêsse poemas, além das elegias funerárias, o primeiro a ser escrito foi "On the Annunciation and Passion falling upon one day", que aparece em vários manuscritos de 1608. A Litanía foi escrita no mesmo ano do Pseudo-Martir, isto é, em 1610.

Como Spenser e Shakespeare, Donne também escreveu duas sequências de sonetos: "La Corona" e "Holy Sonnets".

A primeira deve ter sido escrita por volta de 1608 e a segunda pertence aos anos de seu ministério. O Soneto XVII, "Since She Whom I Lov'd Hath Paid Her Last Debt" ..., da segunda sequência, refere-se à morte da esposa, em 1617. Parece-nos que se prende ao mesmo assunto "The Lamentations of Jeremy".

Como já afirmamos, Donne sempre foi o mesmo poeta, escrevendo sempre com a mesma intensidade e sutileza, quer nos poemas da juventude, onde encontramos a veia da sensualidade sangrando hemorragicamente, quer nos poemas divinos, onde a sua alma se volta fervorosamente para Deus. A diferença de assunto é sobrepujada pela semelhança de fervor, de dedicação, de intensidade e de sutileza.

Grierson afirma que: To be didactic is never the first intention of Donne's religious poems, but, rather, to express himself, to analyse and lay bare his own moods of agitation, of aspiration and of humiliation in the quest of God, and the surrender of his soul to Him".

Mais uma vez nos vemos obrigado a discordar, em parte, de Grierson; pois essa característica não se verifica somente nos poemas religiosos, mas também nos mundanos, com uma diferença apenas, que há uma transmutação de objeto: o deus da juventude, da primeira fase de sua vida poética, é o deus do amor, o deus da sensualidade, o deus do prazer terreno. A característica não é de índole particular, antes porém de caráter geral.

E' com Donne, na sua fase final, que vamos encontrar, pela primeira vez na poesia inglesa, uma personificação do "afeto aos elementos católicos do anglicanismo que, reprimidos e negligenciados, nunca desapareceram totalmente; e, de Donne, Herbert e os discípulos herdaram o tom intensamente pessoal e introspectivo ao qual o *didático* está subordinado." (H.J.C. Grierson, obra citada).

De modo geral a obra de Donne retrata tôda a alma perturbada da Inglaterra dêsse período, revestindo tôda a poesia com metáforas e símiles doutos e abstratos. Em tôda ela as verdades universais da filosofia estão escravizadas às idéias. Quando a amada recebe o nome de "Anjo", passa êle a desenvolver a doutrina escolástica dos anjos e prova quão acertadamente o título lhe acenta.

Quando afirma que as almas dos amantes estão unidas, explica no poema as propriedades da alma e, assim, transforma o seu amor num amor imortal porque é feito de alma e a alma é sempiterna. Essa aproximação realista e altamente racionalizada do amor é parte do que Carew explicou quando fala do desprezo de Donne pelos ornamentos gastos e a necessidade de expressão pessoal e viril, máscula, características que, a nosso ver, faz de Donne o pai dos poetas modernos ingleses para não dizermos o gerador dos poetas atuais.

Desde o início de sua carreira mostrou-se em litígio com o verso isabelino de insinceridade suave e, então, como reação natural passou ao extremo oposto. Onde verificamos que os poetas do período elizabetiano subordinam a razão à música da palavra, Donne relega ao segundo plano a melodia e faz a razão empunhar o estandarte de suas idéias. Mas o gênio donniano fâcilmente se transforma em ternura e lirismo, com total abstinência de intelectualidade e rigidez, quando se volta para a amada:

SONG

Sweetest love, I do not goe,
 For wearinesse of thee,
 Nor in hope the world can show
 A fitter Love for mee;
 But since that I
 Must dye at last, 'tis best,
 To use my selfe in jest
 Thus by fain'd deaths to dye;
 Yesternight the Sunne went hence,
 And yet is here to day,
 He hath no desire nor sense,
 Nor halfe so short a way:
 Then feare not mee,
 But beleeve that I shall make
 Speedier journeyes, since I take
 More wings and spurres than hee.
 O how feeble is mans power,
 That if good fortune fall,
 Cannot adde another houre,
 Nor a lost houre recall!
 But come bad chance,
 And wee joyne to'it our strength,
 And wee teach it art and length,
 It selfe o'r us to 'advance.
 When thou sigh'st, thou sigh'st not winde,
 But sigh'st my soule away,
 When thou weep'st, unkindly kinde,
 My lifes blood doth decay.
 It cannot bee
 That thou lov'st mee, as thou say'st,
 If in thine my life thou waste,
 That art the best of mee.
 Let not thy divining heart
 Forethinke me any ill,
 Destiny may take thy part,
 And may thy feares fulfill;
 But thinke that wee
 Are but turn'd aside to sleepe;
 They who one another keepe
 Alive, ne'r parted bee.

ou combina uma devoção a Deus, profunda e indiscutível,
 com um humour delicado, como em "Hymn to God the Fa-
 ther":

HYMN TO GOD THE FATHER

I

Wilt thou forgive that sinne where I begunne,
 Which is my sin, though it were done before?
 Wilt thou forgive those sinnes, through which I runne,
 And do run still; though still I do deplore?

When thou hast done, thou hast not done,
For, I have more.

II

Wilt thou forgive that sinne by which I have wonne
Others to sinne? and, made my sinne their doore?
Wilt thou forgive that sinne which I did shunne
A yeare, or two: but wallowed in, a score?
When thou hast done, thou hast not done,
For, I have more.

III

I have a sinne of feare, that when I have spunne
My last thred, I shall perish on the shore;
Swear by thy selfe, that at my death thy sonne
Shall shine as he shines now, and heretofore;
And, having done that, Thou haste done,
I feare no more.

ou torna-se satírico e cínico como qualquer poeta da *côrte*,
quando discorre a respeito da inconstância feminina:

THE FLEA

Marke but this flea, and marke in this,
How little that which thou deny'st me is;
It suck'd me first, and now sucks thee,
And in this flea, our two bloods mingled bee;
Thou know'st that this cannot be said
A sinne, nor shame, nor losse of maidenhead,
Yet this enjoys before it woove,
And pamper'd swells with one blood made of two,
And this, alas, is more than wee would doe.

Oh stay, three lives in one flea spare,
Where wee almost, yea more than maryed are.
This flea is you and I, and this
Our mariage bed, and mariage temple is;
Though parents grudge, and you, w'are met,
And cloysterd in these living walls of Jet.

Though use make you apt to kill mee,
Let not to that, selfe murder added bee,
And sacrilege, three sinnes in killing three.

Cruell and sodaine, hast thou since
Purpled thy naile, in blood of innocence?
Wherein could this flea guilty bee,
Except in that drop which it suckt from thee?
Yet thou triumph'st, and saist that thou
Find'st not thy selfe, nor mee the weaker now;
'Tis true, then learne how false, feares bee;
Just so much honor, when thou yeeld'st to mee,
Will wast, as this flea's death tooke life from thee.

III — O MOVIMENTO LITERÁRIO METAFÍSICO

Estamos seguindo aqui a designação clássica dado ao movimento literário iniciado por Donne na Inglaterra, si bem que discordamos totalmente daquele dado à escola, por Dryden e Johnson: *Escola Metafísica*.

Ora, como sabemos, metafísica é a doutrina da essência das coisas, o conhecimento das causas primárias. A palavra metafísica é também empregada no sentido de teoria geral e abstrata, e conseqüentemente abstração e transcendência.

Outro nome que também caracteriza êsse mesmo movimento literário e que poderia ser considerado como expressão sinônima, é "Fantástica" e os "fantásticos" seriam os poetas metafísicos.

Ora, êsses poetas faziam uso de um artifício literário denominado "conceito" (conceit).

"O conceito caracteriza-se pelo uso de imagens contrastantes, que pertencem a diferentes ordens de realidade, mas que possuem alguma similaridade aparente, embora afetada ou exagerada." ("The Fantasticks", W. S. Scott.)

E', ainda, noção ou expressão imaginosa, engenhosa ou intelectual, é exagero de pensamento ou estilo (= concetto); em literatura, especialmente na literatura inglêza do século XVI e XVII, uso fantástico e exagerado de linguagem figurada. (The Winston Dictionary).

O Professor Alden deu a seguinte definição de "conceito", baseado no de Sidney e Shakespeare:

"Conceito é a elaboração de uma figura verbal ou imaginativa, ou a substituição de uma figura lógica por uma imaginativa, com um uso tão consideravel de processo intelectual a ponto de ter precedência, pelo menos no momento, do processo poético normal".

Daí ser a poesia metafísica a poesia da agudeza (wit), não só considerada como percepção aguda das analogias, mas também como viva convicção do fato de que a atitude clara para com uma dada situação não é a única atitude possível (42).

42 — "Para os seiscentistas *poesia* significava *agudeza*.

Protestando Espinosa Medrano contra Faria y Souza, por ter êste negado alma poética a Gôngora, dizia: "Chama-se alma as centelhas do ardor intelectual, assim cada um de seus versos possui mil almas, cada um dos conceitos mil argúcias."

O poeta apresenta o conflito dos opostos e funde os elementos contrastantes sempre dentro de um tódo harmonioso. E' exatamente essa característica que constitue a própria vida da poesia metafísica.

Portanto poesia metafísica é poesia de emoção intelectualizada. Em Donne, por exemplo, ela surge daquela extraordinária força que consegue harmonisar o *intelecto* com a *experiência poética e mística*.

"E", segundo Grierson, o éco harmonioso daquela íntima união da paixão e argumento, que é a qualidade essencial da lírica metafísica".

Acha Scott, na obra citada, que os poetas fantásticos e conceituosos buscavam, como todos os artistas, um fim bem claro: a perfeita integração da vida.

Ora, si não pudermos integrar nossa vida, expressar-nos e atingir de qualquer forma razoável a compreensão do fim e do objeto da vida, bem como a maneira de vivê-la, há pou-

Baltazar Gracián, no seu tratado sobre a "Agudeza y arte de ingenio" (publicado sob o nome de Lorenço Gracián, 1642, com o título de "Arte de Ingenio, tratado de Agudeza"), considera a Agudeza como a única fonte do prazer estético, qualidade compreensiva que abraça em si tóda a perfeição e a beleza do estilo: "Tóda potência tem um soberano entre os seus atos, e um outro entre seus objetos; entre aqueles da mente reina soberano o conceito, triunfa a agudeza. Aquilo que para os olhos é beleza, e para o ouvido é harmonia, para a mente é conceito."

E eis em que consiste para êle o "conceito": "*O conceito é uma relação harmoniosa entre dois ou três extremos conhecidos expressa com um ato do intelecto.*"

O conceptualismo representa um desenvolvimento do culto da metáfora o que já era professado pelos humanistas. Para *Emanuele Tesauro* (II *Cannocchiale Aristotelico*, Venezia, 1655): "A metáfora todos (os objetos) amontoa num vocábulo". Para *Sforza Pallavicino* agudeza é uma "observação admirável contada num dito breve". Os seiscentistas viam o universo sob uma espécie de agudeza. De todos os fenômenos do mundo circunstante, de todo o conhecimento humano, êles tiravam partido para dar expansão à paixão intelectual; agudezas misteriosas descobriam êles nos aspectos do ceu e da terra, obras heróicas e símbolos em todas as creaturas; aguda era a linguagem dos animais e das plantas, aguda a linguagem de Deus: o seiscentista acreditava-se um deus a sua própria imagem, palrador agudo, brincando com o homem e com os anjos, com várias obras, heróicas e símbolos figurados, usando conceitos altíssimos".

Para o seiscentista o ceu não era sinão "um vasto escudo azul, onde a engenhosa Natureza desenhava o que meditava: formando obras heróicas, e símbolos misteriosos e agudos dos seus segredos."

(Mario Praz)

cas esperanças para o futuro de nosso mundo. A felicidade do homem só pode ser atingida pela resolução do eterno conflito entre o desejado e o atingível. Geralmente o homem prefere, na juventude, a satisfação secundária do conforto material e o prazer físico à busca do prazer espiritual.

Os metafísicos sofreram êsse conflito e por isso procuraram resolvê-los por todos os meios a que podiam recorrer: tentativas, erros, experiências próprias.

Donne, Herbert e outros sofreram, durante anos, de ambição excessiva, e terminaram os seus dias em completa alegria. A razão é simples: conseguiram integrar as suas vidas. Mas essa integração não se realizou pela transformação completa dos hábitos do pensamento, nem pelo que é chamado conversão, nem pela constatação de êrro ou da estupidez da maneira de encarar a vida, antes porque constataram que o de que necessitavam não era uma alteração do modo pelo qual seus cérebros e emoções encaravam a vida, porém pela transmutação dos objetos de seus desejos.

Escrevendo os seus poemas sôbre assuntos incomuns, teriam forçosamente que, não só torná-los repletos de imagens, mas também adorná-los de "imagens incomuns, difíceis, grotescas, crípticas".

Usam paradoxos, símiles, hipérboles e metáforas, numa palavra "conceitos", esquisitos.

Donne, por exemplo, vai buscá-los no *oculto* e no conhecimento científico elementar da época. Vaughan imitou-o nesse particular. Herbert seguiu outra estrada na inspiração das imagens. Os seus símiles, por exemplo, emanam da vida doméstica, da vida, da casa e especialmente da fonte religiosa de seu ideal: a Igreja.

Donne, como os discípulos, dependia, ao escrever os poemas, unicamente de suas imagens, e embora essas imagens nem sempre estivessem explícitas, pelo menos estavam implícitas em tudo o que escrevia. Escrevia a nosso ver, não em "busca de um desejo a fim de atingir a satisfação ou realização", como afirma W. S. Scott, mas apenas impulsionado pela emoção, emoção ora alegre pela conquista do objeto amado, ora melancólica e irritada pelo fracasso ou dificuldade, ora grata e reconhecida pelos favores recebidos, ora preocupada e arrependida em face da religião.

Diz ainda W. S. Scott:

"Just as the longing of a lover for his mistress becomes at times fierce, irresistible, until it does not seem to matter what force is used so the lover has his way, and he can touch his love; to hit, to strike, to hurt, to do anything so he may

be free to caress the loved object, to touch her hair, to draw his hand slowly down the adored face, to mark the wrinkles of her smiles, to rest his head against her breast, to lie supine and happy in the immediate contact of utter trust and contentment, so is the longing of the soul for the satisfaction it knows it can find in God; an instinctive knowledge that its fierce and terrible need can be satisfied not by the touch of whatever secondary god there be — by ethical behaviour, or care for the oppressed, or desire for the betterment of others, or any other “Good”, which are but as transitory satisfaction, appeasing the lust for the ultimate but as a prostitute but satisfied only by the touch of the one, true, and perfect mistress,

Along whose side to lie,
Perfect contentment is.

This is perhaps the most important of all the thoughts which are expressed by Donne; that no matter what our immediate aim, it must be kept ever in front of the mind that it can be but illusory and transitory; that the real goal and end of life is the marging of oneself with the mistress of one's heart and soul, the very ULTIMATE”.

Discordamos ainda de W. S. Scott. O que Donne quer é **consequir** o seu desejo, a sua cobiça, a mulher por quem **“cismou”**, causadora do despertar de seus instintos sexuais **pelas** formas provocadoras.

Exatamente o mesmo fato verificamos transmutado no **sermão** que pregou diante da Rainha Ana, consorte do Rei James I, na Denmark House, no dia 14 de dezembro de 1617:

“As the Prophets, and other Secretaries of the holy Ghost in penning the books of Scriptures, do for the most part retain, and express in their writings some impressions, and some air of their former professions; those that had been bred in Courts and Cities, those that had been Shepherds and Heardsmen, those that had been Fishers, and so of the rest... so that Soul, that hath been transported upon any particular worldly pleasure, when it is entirely turn'd upon God, and the contemplation of his all-sufficiency and abundance, doth find in God fit subject, and just occasion to exercise the same affection piously, and religiously, which had before so sinfully transported, and possess it.

“So will a voluptuous man, who is turned to God, find plenty and deliciousnes enough in him, to feed his soul, as with marrow, and with fatness, as David expresses it; and so an angry and passionate man, will find zeal enough in the house of God to eat him up... And according to this Rule too, *Solomon, whose disposition was amorous, and excessive in the love of women*, when he turn'd to God; he departed not utterly from his old phrase and language, but having put a new, and a spiritual tincture, and form and habit in all his thoughts, and words, he conveys all his loving approaches and applications to God, and all God's gracious answers to his amorous soul, into songs, and Epithalamians, and medi-

tations upon contracts, and marriages between God, and his Church, and between God and his soul; as we see so evidently in all his other writings, and particularly in this text, 'I love them that love me, and they that seek me early shall find me'.

"In which love is expressed all that belongs to love, all that belongs to love, all which, is to desire, and to enjoy; for to desire without fruition, is a rage, and to enjoy without desire is a stupidity: in the first alone we think of nothing, but that which we then would have; and in the second alone, we are not for that, when we have it; in the first, we are without it; in the second, we were as good as were, for we have no pleasure in it; nothing then can give us satisfaction, but when those two concurr, *amare and frui, to love and to enjoy*".

O grifo é nosso. Salomão (Solomon, whose disposition was amorous, and excessive in the love of women...) representa a situação donniana e o "amar" e "gozar", as mesmas características de Donne, sempre mantidas por êle, com a transmutação apenas do objeto amado. A comparação, frequentemente aceita, de que Donne foi um homem que, como S. Paulo, sofreu uma *conversão* repentina e imediata, não se justifica. O mesmo entusiasmo e paixão, toda a "líbido" de que o seu espírito se revestia, passou posteriormente para outro objeto. Donne era ardoroso e o temperamento não se coadunava com o seu tempo. Até na velhice, procurando paz de espírito, ainda se mostra apaixonado, enérgico, ardoroso.

George Herbert (43) expressava o ritmo da vida de maneira igual e calma, enquanto Donne é tempestuoso e

43 — Graças a Walton's Lives é que possuímos uma excelente biografia de George Herbert (1593-1633). Walton chega até a fazer dêle quasi um dos santos da Igreja Anglicana. De família nobre e famosa, nasceu nas fronteiras do País de Gales, em Montgomery. Bem cedo sofreu êle a influência de J. Donne. Desejou o posto de Orador Público de Cambridge. Mas por esta ou aquela razão jamais conseguiu lugar de destaque, e quando James I. faleceu (1625), as suas esperanças morreram com o rei. Voltou as suas vistas para a Igreja e em 1626 já era prebendeiro de Lincoln. Em 1630 êle foi para a reitoria de Fulston St. Peter's, Wiltshire; em 19 de setembro foi ordenado. Três anos depois faleceu e se encontra enterrado sob o altar.

Seus poemas "The Temple, Sacred Poems and Private Ejaculations", enviados a seu amigo Nicholas Ferrar, de seu seu leito mortuário, foram publicados no mesmo ano. Os males do espirito e do corpo são facilmente traçados nos poemas. Como êle mesmo explicou, os poemas são um quadro de seus "muitos conflitos espirituais e a sua paz final". The Temple" é considerado uma coletânea de poesia Anglicana, ao invés de uma história de conflito espiritual. Era artista consciencioso, polindo cuidadosamente os poemas e reconstruindo-os. Alia muitas vezes o conteúdo à forma: Easter Wing.

turbulento. Para Donne a paixão corria a rédea solta, ora galgando ingrimes píncaros, ora precipitando-se pelos vales profundos; para Herbert, embora a mesma velocidade seja mantida, a estrada percorrida é uma constante planície, onde o despenhadeiro e o pico se encontram lateralmente. Há uma espécie de receio no seu cantar amoroso, uma submissão pela ordem de um superior. Falta-lhe um traço personalista:

LOVE BADE ME WELCOME.

Love bade me welcome; yet my soul drew back,
 Guilty of dust and sin.
 But quick-ey'd Love, observing me grow slack
 From my first entrance in,
 Drew nearer to me, sweetly questioning
 If I lack'd anything.

'A guest', I answer'd, 'worthy to be here'.
 Love said, 'You shall be he'.
 'I, the unkind, ungrateful? Ah, my dear,
 I cannot look on Thee'.
 Love took my hand and smiling did reply,
 "Who made the eyes but I?"

'Truth, Lord; but I have marr'd them: let my shame
 Go where it doth deserve'.
 'And know you not', says Love, 'who bore the blame?'
 'My dear, then I will serve'.
 'You must sit down', says Love, 'and taste my meat'.
 So I did sit and eat.

Em Donne a franqueza é nua, despida de todos os preconceitos:

THE INDIFFERENT.

I can love both faire and browne,
 Her whom abundance melts, and her whom want betraies,
 Her who loves lonesse best, and her who maskes and plaies,
 Her whom the country form'd, and whom the town,
 Her who beleeves, and her who tries,
 Her who still weepes with spungie eyes,
 And her who is dry corke, and never cries;
 I can love her, and her, and you and you,
 I can love any, so she be not true.

O último verso: "I can love any, so she be not true" revela-nos o sangue latino que lhe inflamava a fogueira do amor e o fazia sofrer a dor cruciante de um desejo ardente, jamais realizável, desejo insatisfeito, não correspondido e indomável. Só a morte lhe daria a paz de espírito bem como a resposta ao enigma da existência. Daí o complexo donniano da morte. E é exatamente êsse desejo que encontramos em seus poemas amorosos. Cada qual nos mostra um grau mais

intenso, mais forte, crescendo sempre, e numa ascensão constante busca a causa do descontentamento. Assim atinge a Deus. Só nêle e com êle pode haver contentamento. Surgem então os poemas de forma mais pura, os divinos.

Se compararmos os "conceitos" dos poemas de G. Herbert com os de seu mestre, verificaremos que Donne os retira da filosofia, da ciência, da astrologia e alquimia, da organização de mapas e viagens de descobertas, da história, da lenda, dos pontos cardeais, da mitologia, da credence popular e, ainda, das coisas simples da vida diária.

Foram as coisas simples da vida diária que G. Herbert abraçou. Espírito mais calmo, mais simples, vai êle buscar inspiração nas ocorrências domésticas e humildes da vida quotidiana, nos acontecimentos rústicos e nas festas populares, antes de se voltar para Deus. Mas se não conseguiu ultrapassar Donne na emoção, excedê-lo na franqueza, vencê-lo no argumento, derrotá-lo na beleza da expressão, pelo menos foi mais profundo, mais artista, mais esteta, mais terno, mais puro; preocupava-se com a forma a tal ponto que chegava a dar comprimento adequado aos versos, desenhando por meio de palavras, usando artifícios do acróstico.

EASTER WINGS.

Lord, who createdst man in wealth and store,
 Though foolishly he lost the same,
 Decaying more and more,
 Till he became
 Most poore:

 With thee
 O let me rise
 As larks, harmoniously,
 And sing this day thy victories:
 Then shall the fall further the flight in me.

My tender age in sorrow did beginne;
 And still with sicknesses and shame
 Thou didst so punish sinne,
 That I became
 Most thinne.

 With thee
 Let me combine,
 And feel this day thy victorie;
 For, if I imp my wing on thine,
 Affliction shall advance the flight in me.

Conteúdo e forma esvoaçam, ruflando as "asas".

Vejamos agora um acróstico:

My words and thoughts do both expresse this notion,
 That LIFE hath with the sun a double motion.
 The first IS straight, and our diurnall friend;
 The othe HID, and doth obliquely bend.
 One life is wrapt IN flesh, and tends to earth:
 The other winds towards HIM, whose happie birth
 Taught me to live here so, THAT still one eye
 Should aim and shoot at that which IS on high;
 Quitting with daily labour all MY pleasure,
 To gain at harvest an eternall TREASURE.

Ternura e pureza: "Love bade me Welcome".

Outro exemplo:

ANTIPHON.

Let all the world in ev'ry corner sing
 My God and King.

The heav'ns are not too high,
 His praise may thither flie;
 The earth is not too low,
 His praises there may grow.

Let all the world in ev'ry corner sing
 My God and King.

'The Church with psalms must shout,
 No door can keep them out:
 But above all, the heart
 Must bear the longest part.

Let all the world in ev'ry corner sing
 My God and King.

Outro discípulo de Donne foi Richard Crashaw (1612-1649) (44). Possuidor de natureza emotiva e sensual, faz

44 — Outro discípulo de Donne foi Ricard Crashaw, filho de pregador anti-papal. As suas críticas feitas do púlpito conduziam o ataque puritano contra o teatro.

Crashaw começou a escrever os seus primeiros versos em Cambridge e obteve a reputação de ser uma "verdadeira ave do Paraíso", por causa de sua espiritualidade. Sua habilidade para desenhar, pintar e gravar se verifica nos desenhos que preparou para "Carmen Deo Nostro". Seu temperamento religioso e ardente foi grandemente influenciado por Sta. Tereza. Depois de ser ministro anglicano passou para a Igreja Romana. Embora Crashaw estivesse em Cambridge quando "The Temple" foi publicado não recebeu influência de G. Herbert, mas foi nos modelos italianos e espanhóis que encontrou inspiração, constando a maioria de sua obra de traduções de grande interesse.

uso de imagens do amor sexual quando expressa o anelo da alma, de acôrdo com as características de Donne, mas a virilidade donniana não atingiu o discípulo, que se mantém num nível inferior, mais franco e menos enérgico, pela delicadeza de expressões. Diríamos até que, se Donne representa a virilidade máscula pela força e rudez de expressão, pelas palavras e idéias fortes, Crashaw personifica o amor feminino, pela ternura, delicadeza, melodia.

Diante de "For God's Sake Hold Your Tongue, And Let Me Love" (The Canonization) se contrapõe:

Love, brave Vertue's younger Brother,
Erst hath made my Heart a Mother,
Shee consults the conscios Spheares,
To calculate her young son's yeares.

(Love's Horoscope) R. Crashaw.

Outro fato interessante é que Donne se revoltou contra os velhos "conceitos" izabelinos, contra o prazer dos cabelos como fios de ouro, contra os versos brancos exagerados; especialmente ditava enfática revolta contra a doçura constante da maioria dos versos elizabetianos. E embora tivesse o poder de expressar sons harmoniosos e agradáveis (The Bait", "Twicknam Garden", etc.) deliberadamente se inclinou para o método rude e quasi sempre de verdadeiro "stacato" a fim de romper com a tradição contemporânea.

Mas Crashaw não o seguiu nesse particular; preferiu o modêlo dos poetas do período de Izabel.

Robert Herrick (1591-1674). Apesar de lírico, neste particular o primeiro poeta antes de Shelley, a sua poesia tem pinceladas de fantasia pensativa e, nos poemas religio-

Talvez a mais famosa lirica seja "Wishes": to his supposed Mistress". Dois são os principais volumes:

1. Steps to the Temple, Sacred Poems with other Delights of the Muses" (1646).
2. o póstumo "Carmen Deo Nostro, Te Decet Hymns, Sacred Poems Collected, corrected, augmented", publicado em Paris em 1652.

"Delights of the Muse" foi o nome dado aos poemas seculares; Steps to the Temple, aos sacros, embora este título pareça ter sido escolha dos editores.

sos, um sabor meditativo, que o torna um dos discípulos de Donne (45).

TO DAFFODILS.

Fair Daffodils, we weep to see
 You haste away so soon,
 As yet the early rising sun
 Has not attained his noon.
 Stay, stay,
 Until the hasting day
 Has run,
 But to the evensong;

And having prayed together, we
 Will go with you along.

We have as short a time to stay as you,
 We have as short a spring;
 As quick a growth to meet decay,
 As you or anything.
 We die
 As your hours do, and dry
 Away,
 Like to the summer's rain;
 Or as the pearls of morning's dew,
 Ne'er to be found again.

Sofreu influência bem maior o poeta THOMAS CAREW (1598-1638). Como lírico é inferior a Herrick, mas o ultrapassou em arte. O verso amatório é menos imaginativo, porém mais sensual do que o erotismo de Herrick. De Donne herdou a flexibilidade de estilo e certa força. Conseguiu, no entanto, evitar o enigmático e o grosseiro. Herrick possuía sensibilidade religiosa, sem ser totalmente religioso. Para Crashaw a religião era tudo, mas Carew era a personificação do cortesão com um pendor apurado pelos problemas mais sérios da vida (46).

45 — Robert Herrick (1591-1674) estudou em Cambridge, ordenando-se. Em 1629 tornou-se Reitor de Dean Prior, em Devonshire. Seus principais poemas foram publicados nos volumes "Hesperides" e "Wit's Recreation (Noble Numbers)". Estão eles divididos em poemas eróticos, religiosos e epigramas. Apesar de lírico, neste particular o primeiro poeta antes de Shelley, há pinceladas de fantasia pensativa e, nas poesias religiosas, um sabor meditativo, que o torna um dos discípulos de Donne.

46 — Sofreu influência bem maior o poeta THOMAS CAREW. Nasceu em West Wickham por volta de 1594. Viajou pela Itália com o parente chamado Sir Dudley Carleton e acompanhou Lord Herbert de Cherbury à França, em 1619. Viveu na

MEDIOCRITY IN LOVE REJECTED.

Give me more love, or more disdain!
 The Torrid, or the Frozen, Zone
 Bring equal ease unto my pain;
 The Temperate affords me none!
 Either extreme of love, or hate,
 Is sweeter than a calm estate!

Give me a storm! If it be love;
 Like Danae, in that folden shower,
 I'll swim in pleasure! If it prove
 Disdain; that torrent will devour
 My vulture hopes! and he's possessed
 Of Heaven, that's but from Hell released!
 Then crown my joys; or cure my pain!
 Give me more love, or more disdain!

Henry VAUGHAN (1622-1695) (47).

Como Crashaw, era de coração um místico. Os melhores trabalhos são sacros. Não consegue atingir as alturas de Crashaw, mas era possuidor de considerável dom de fantasia e usava-a para decorar a sua Musa. Comparado a Crashaw é apenas um riacho tranquilo ao lado de uma cascata impetuosa, mas em compensação as suas águas são sempre cristalinas. A influência que recebeu de Donne não foi direta, mas por intermédio de G. Herbert. Reconhece-a no prefácio de *SILEX SCINTILLANS*:

The first that with any effectual success attempted a diversion of this foul and overflowing stream (in which way he refused to his secular verse) was the blessed man, M. G.

côrte a vida descuidada dos "cavaleiros". Morreu em 1639. Como lírico é inferior a Herrick, mas o ultrapassa em arte. O verso amatório é menos imaginativo, porém mais sensual do que o erotismo de Herrick. De Donne herdou a flexibilidade de estilo e certa força. Conseguiu, no entanto, evitar o enigmático e o grosseiro. Herrick possuía sensibilidade religiosa, sem ser totalmente religioso. Para Crashaw a religião era tudo, mas Carew era a personificação do cortesão com um pendor apurado pelos problemas mais sérios da vida.

- 47 — Henry Vaughan (1622-1695) galês, intitulou-se "Silurista". (Nome adotado por êle na obra "Silex Scintillans" ou "Sparkling Flint", como lembrete de sua origem. Os habitantes do sul do País de Gales eram conhecidos pelos Romanos como *Siluros*. Orgulhava-se de sua ascendência e de seu sangue). Educou-se em Oxford, diplomando-se duplamente: primeiro como advogado e depois como médico. Por motivo de séria doença (em 1651) brotou nêle fervorosa fé religiosa, encontrada em seus poemas. *Silex Scintillans* é a obra mais conhecida.

Herbert, whose holy life and verse gained many pious converts, of whom I am the least”.

THE SHOWRE.

'Tis so; I saw thy birth. That drowsie Lake
From her faint bosome breath'd thee, the disease
Of her sick waters, and infectious Ease.

But now at even
Too grosse for Heaven,

Thou fall'st in teares, and weep'st for thy mistake.

Ah! it is so with me; oft have I prest
Heaven with a lazie breath; but fruitles this
Pierc'd not; Love only can with quick accesse

Unlock the way,
When all else stray,

The smoke and exhalations of the brest.

Yet if, as thou doest melt, and, with thy traine
Of drops, make soft the Earth, my eyes could weep
O're my hard heart, that's bound up and asleep,

Perhaps at last,
Some such showres past,

My God would give a Sun-shine after raine.

Em geral, a sua poesia tem um quê prosaico. Colocados os versos, um após o outro, como prosa, não percebemos a alteração.

Um exemplo:

QUICKNESS.

False life! a foil, and no more, when
Wilt thou be gone?

Thou foul deception of all men,
That would not have the true come on!

Thou art a moon-like toil; a blind

Self-posing state;

A dark contest of waves and wind;

A mere tempestuous debate.

Life is fixed, discerning light,

A knowing joy;

No chance, or fit; but ever bright

A calm and full, yet doth not cloy.

'Tis such a blissful thing, that still

Doth vivify,

And shine and smile, and hath the thrill

To please without eternity.

Thou art a toilsome mole, or less

A moving mist.

But life is, what none can express,

A quickness, which my God hath kissed.

QUICKNESS.

False! life! a foil, and no more, when wilt thou be gone? Thou found deception of all men, that would not have the true come on? Thou art a moon-like toil; a blind self-posing state; a dark contest of waves and wind; a mere tempestuous debate. Life is a fixed, discerning light, a knowing joy; no chance, or fit: but ever bright and calm and full, yet doth not cloy. 'Tis such a blissful thing, that still doth vivify, and shine and smile, and hath the skill to please without eternity. Thou art a toilsome mole, or less a moving mist. But life is, what none can express, a quickness, which my God hath kissed.

SHAKESPEARE METAFÍSICO

Para sermos sincero é preciso que convenhamos quanto a um fato: Donne, embora original, não deixa de possuir algum alicerce oriundo do movimento literário izabelino. Foi talvez ante Shakespeare, que Donne se impressionou pelos conceitos, e lhes deu um desenvolvimento como outro não lhes poderia ter dado.

Assim, conceitos elaborados vamos encontrar em "As You like It", "Twelfth Night", etc., e nos "Sonnets" surgem os mesmos conceitos, mas de caráter clássico. Várias outras distinções se nos deparam e entre elas convem citar uma: em Shakespeare os conceitos se destacam pela profunda habilidade, pelo talento, pela engenhosidade, em Donne êles se caracterizam pela grande erudição.

All the World's a stage.

All the world's a stage,
And all the men and women merely players:
They have their exits and their entrances;

And one man in his time plays many parts,
His act being seven ages. At first the infant,
Mewling and puking in nurse's arms.
And then the whining face, creeping like snail
Unwillingly to school. And then the lover,
Sighing like furnace, with a woful ballad
Made to his mistress' eyebrow. Then a soldier,
Full of strange oaths, and bearded like the pard,
Jealous in honour, sudden and quick in quarrel,
Seeking the bubble reputation
Even in the cannon's mouth. And then the justice,
In fair round belly with god capon lin'd,
With eyes severe, and beard of formal cut,
Full of wise saws and modern instances;
And so he plays his part. The sixth age shifts
Into the lean and slipper'd pantaloon,
With spectacles on nose and pouch on side,
His youthful hose well sav'd, a world too wide

For his shrunk shank; and his big manly voice,
 Turning again toward childish treble, pipes
 And whistles in his sound. Last scene of all,
 Is second childishness and mere oblivion,
 Sans teeth, sans eyes, sans taste, sans everything.

("As You Like It", act II, scene VII, l. 139 a 166).

O MISTRESS MINE

O Mistress mine, where are you roaming?
 O stay and hear! your true-love's coming
 That can sing both high and low;
 Trip no further, pretty sweeting,
 Journeys end in lovers' meeting
 Every wise man's son doth know.

What is love? 'tis not hereafter;
 Present mirth hath present laughter;
 What's to come is still unsure:
 In delay there lies no plenty.
 Then come kiss me, Sweet-and-twenty,
 Youth's a stuff will not endure.

"Twelfth Night", Act 2, Sc. 3.

SONNETS

Sonnet XVIII.

Shall I compare thee to a summer's day?
 Thou art more lovely and more temperate:
 Rough winds do shake the darling buds of May,
 And summer's lease hath all too short a date:
 Sometime too hot the eye of heaven shines,
 And often is his gold complexion dimm'd;
 And every fair from fair sometime declines,
 By chance, or nature's changing course, untrimm'd;
 But thy eternal summer shall not fade,
 Nor lose possession of that fair, thou ow'st,
 Nor shall Death brag thou wander'st in his shade,
 When in eternal lines to time thou grow'st;
 So long as men can breathe, or eyes can see,
 So long lives this, and this gives life to thee.

SONNET LXXIII.

That time of year thou mayst in me behold
 When yellow leaves, or none, or few, do hang
 Upon those boughs which shake against the cold,
 Bare ruin'd choirs, where late the sweet birds sang.
 In me thou see'st the twilight of such day
 As after sunset fadeth in the west;
 Which by and by black night doth take away,
 Death's second self, that seals up all in rest.
 In me thou see'st the glowing of such fire,
 That on the ashes of his youth doth lie,
 As the death-bed whereon it must expire
 Consum'd with that which it was nourish'd by.

This thou perceiv'st, which makes thy love more
 To love that well which thou must leave ere long. [strong,

Para que se possa compreender melhor a comparação que pretendemos fazer é mister que se faça um estudo ligeiro do estilo shakespeariano. Três fases lhe podem ser atribuídas.

Na 1.^a, Shakespeare é simplesmente um poeta izabelino, discípulo de Spenser, Marlowe e Lyly.

Na 2.^a, demonstra transição, comum aos grandes escritores, onde aprende a cancelar. E, então, uma transformação completa: surgem as tragédias. É notável nesta parte as experiências que faz em matéria de vocabulário e, especialmente, de usos peculiares de metáfora, de combinações do concreto com o abstrato, do sensual e do intelectual, o que o aproxima de Donne. As metáforas e as imagens são subservientes ao desígnio principal, ora prendendo-se à atmosfera do todo, ora à caracterização.

MACBETH'S IRRESOLUTION

If it were done when 'tis done, then 'twere well
 It were done quickly; if the assassination
 Could trammel up the consequence, and catch
 With his surcease success; that but this blow
 Might be the be-all and the end-all here,
 But here, upon this bank and shoal of time,
 We'd jump the life to come. But in these cases
 We still have judgment here; that we but teach
 Bloody instructions, which, being taught, return
 To plague the inventor; this even-handed justice
 Commends the ingredients of our poison'd chalice
 To our own lips. He's here in double trust:
 First, as I am his kinsman and his subject,
 Strong both against the deed; then, as his host,
 Who should against his murderer shut the door,
 Not bear the knife myself. Besides, this Duncan
 Hath borne his faculties so meek, hath been
 So clear in his great office, that his virtues
 Will plead like angels trumpet-tongu'd against
 The deep damnation of his taking-off;
 And pity, like a naked new-born babe,
 Striding the blast, or heaven's cherubin, hors'd
 Upon the sightless couriers of the air,
 Shall blow the horrid deed in every eye,
 That tears shall drown the wind. I have no spur
 To prick the sides of my intent, but only
 Vaulting ambition, which o'er-leaps itself
 And falls on the other.

Na 3.^a fase, isto é, nos romances e nas tragi-comédias constatamos uma como que volta às imagens e alusões mi-

tológicas dos que lhe serviram de modelo: Spenser, Marlowe, Lyly. E embora mais tarde, como em "The Tempest", apresente estilo mais simples e natural, como:

I am your wife if you will marry me,
If not, I'll die your maid; to be your fellow
You may deny me; but I'll be your servant
Whether you will or no;...

surgem na sua obra expressões que claramente demonstram o eterno discípulo de Spenser, Lyly e Marlowe:

The fringed curtain of thine eyes advance.

Ora, os poetas izabelinos possuíam enorme manancial de expressões, e se compraziam em usá-las em variações intermináveis sobre o mesmo tema. Essas expressões constituíam imagens e essas imagens emblemas do ideal. Os emblemas brotavam dos livros modelos dos poetas elizabetanos: *Os Sonetos*, de Petrarca; as *Metamorfoses*, de Ovídio; as *Odes*, de Ronsard e Du Belay; a 4ª. *Écloga*, de Virgílio; *Euphues*, de Lyly, etc.

Dêsse material é que se compunha a poesia izabelina, e algumas das imagens emblemáticas podem ser citadas:

A rosa é o emblema da juventude; o lírio, da pureza; Diana, da pureza; Helena, da beleza e da juventude; Juno é o emblema da majestade; Palas Atena (Minerva), do espírito (wit); Mercúrio, da velocidade; Hercules, da força; Faetonte, da audácia e do orgulho.

Geralmente o cabelo de uma dama dêsse período é de fios de ouro; o lírio e a rosa se degladiam em suas faces; as veias são violetas, os dentes são pérolas; seus lábios são cerejas atraindo os homens a mordê-los; a dama é branca como neve, como marfim, como alabastro, como as penungens do Cisne (48).

Shakespeare descreve as mãos unidas de Venus e Adonis:

A lily prison'd in a gaol of snow,
Or ivory in an alabasted band,
So white a friend engirts so white a foe.
This beauteous combat, wilful and unwilling,
Show'd like two silver doves that sit a-billing.

Reagindo contra o izabelismo, os "Sonetos" apresentam imagens da experiência real. Embora surja, de quando em

quando, um exemplo em contrário, Shakespeare procura lutar contra a convenção e contra os nomes mitológicos:

SONNET XVII.

Who will believe my verse in time to come,
 If it were fill'd with your most high deserts?
 Though yet, heaven knows, it is but as a tomb
 Which hides your life and shows not half your parts.
 If I could write the beauty of your eyes
 And in fresh numbers number all your graces,
 The age to come would say, "This poet lies;"
 Such heavenly touches ne'er touch'd earthly faces".
 So should my papers, yellow'd with their age,
 Be scorn'd, like old men of less truth than tongue.
 And your true rights be term'd a poet's rage
 And stretched metre of an antique song:
 But were some child of yours alive that time,
 You should live twice, — in it and in my rime.

Veja-se, também o Sonnet XVIII, anteriormente citado.

Mas Shakespeare não pode livrar-se, como já o dissemos, da influência da época, e quando dela faz uso notamos que "os artifícios da escola melíflua de Ovídio" apresentam uma nova característica: *o poder emocional*.

Para George Rylands, em "Shakespeare, the Poet"
 (pag. 100).

"A poet such as Shakespeare or Keats, who thinks in image learns to employ them not for their own sake but as contributing to the harmony of the whole; he learns to control and order and direct them; they must be his servants and not his masters. . .

The passion was, however, a youthful one. Conceit and simile give way to metaphor. Ornament ceases to be calligraphic, to be ornament for ornament's sake: it becomes functional and organic".

E como exemplo dá o soneto n.º LXXIII:

"That time of the year thou may'st in me behold
 When yellow leaves, or none, or few, do hang,
 Upon those boughs which shake against the cold

que se torna dramático em

My way of life
 Is fallen into the sere, the yellow leaf. (pag. 101).

Mas é no último período da carreira shakespeariana que o autor de "Hamlet" se torna bastante complicado, talvez por causa da "flexibilidade e resolução do metro, do vocabulário inesperado, da rapidez do pensamento e da audácia da sintaxe".

O Queen Emilia,
Fresher than May, sweeter
Than her gold buttons on the boughs, or all
Th'enamell'd knacks o' the mead or garden! Yea,
We challenge too the bank of any nymph,
That makes the stream seem flowers; thou, O jewel
O'the wood, o' the world, hast likewise blessed a place
With thy sole presence! In thy rumination
That I, poor man, might eftsoons come between,
And chop on some cold thought!

Verificamos, aquí, algo mais do que adôrno ou intenção de acumular imagens; verificamos aquele *exercício mental*, que os metafísicos tanto se compraziam em obrigar os leitores a praticar.

AS IMAGENS E OS CONCEITOS NA POESIA ISABELINA

Embora não queiramos discutir o problema já muito debatido da diferença entre “fancy” (fantasia) e “imagination” (imaginação), vemo-nos obrigados a tratar, de leve, o assunto, a fim de mencionar os processos da imaginação poética.

Entre “fancy” e “imagination”, é claro, que existe mais do que uma diferença de intensidade, existe uma diferença de finalidade. A diferença, parece-nos, está apenas entre algo empregado pelo seu uso e algo empregado com uma finalidade. Mas esta finalidade deve estar possuída dos seguintes requisitos:

de uma paixão predominante;

ou de pensamentos associados ou de imagens despertadas por essa paixão;

ou, quando as imagens conseguem reduzir complexidade em unidade ou sucessão em um instante;

ou, quando uma vida humana e intelectual passa do próprio espírito do poeta para as imagens.

E' Coleridge quem no diz:

“It has been before observed that images however beautiful, though faithfully copied from nature and as accurately represented in words, do not of themselves characterise a poet. They become proofs of original genius only as far as they are modified by a predominant passion or by associated thoughts or images awakened by that passion; or when they have the effect of reducing multitude to unity or succession to an instant, or lastly when a human and intellectual life is transferred to them from the poet's own spirit”.

Ora, se algo é empregado apenas pelo seu uso ou se algo é empregado com uma finalidade, há o que se poderia denominar a lógica das imagens. A idéia é válida pelas imagens que sugere, ou as imagens se destinam a evidenciar uma idéia.

Venus falando diz:

“Torches are made to light, jewels to wear,
 Dainties to taste, fresh beauty for the use,
 Herbs for their smell and sappy plants to bear,
 Things growing to themselves are growth's abuse.
 Seeds spring from seeds, and beauty breedeth beauty:
 Thou wast begot: to get it is thy duty.

Nos “Sonnets”:

No more be grieved at that which thou hast done.
 Roses have thorns and silver fountains mud;
 Clouds and eclipses stain both sun and moon
 And loathsome canker lives in sweetest bud.

Em “The Rape of Lucrece”;

Why should the worm intrude the maiden bud?
 Or hateful cuckoos hath in sparrows' nests?
 Or toads infect fair founts with venom mud?
 Or tyrant folly lurk in gentle breasts?
 Or kings be breakers of their own behests?
 But no perfection is so absolute,
 That some impurity doth not polute...

(Versos 848 a 854)

Das sequências de imagens mais elementares do período izabelino, Shakespeare consegue criar imagens bem mais sutis e profundas, o que o leva a expressar os mais belos conceitos dos poetas metafísicos. As suas metáforas surgiram da melifluidade do eufuismo, e segundo Aristóteles a metáfora é o maior dom do poeta, pois implica visão das semelhanças.

Shelley, porém, apresenta-nos uma interpretação mais profunda dessa faculdade: “A linguagem metafórica marca as relações das coisas anteriormente incompreendidas.” (Metaphorical language marks the before unapprehended relations of things); e ela pode ser relacionada com a definição de “espírito” (wit) de Johnson:

“A descoberta de semelhanças ocultas nas coisas aparentemente diferentes.” (“The discovery of occult resemblances in things apparently unlike”).

Shakespeare retira, de modo geral, os exemplos da vida, mas a variedade da experiência e a vivacidade do seu cérebro capacitaram-no a reduzir a multidão à unidade. Mais importantes do que a complexidade e a rapidez das associações e dos volteios e evoluções do estilo, como encontramos em *Macbeth*, *Hamlet*, etc., são aqueles momentos em que

Shakespeare apresenta a mal constatada relação entre a imagem e a idéia.

Os *Sonetos* possuem imagens artificiais e naturais mui bem combinadas, mas são as reais que predominam. Retira-as Shakespeare da medicina, da agricultura, da navegação, da côrte, da música, da pintura, da usura, da lei, do palco, da vida militar, da astronomia, da alquimia e das estações do ano.

A diversidade de imagens só encontra paralelo em Donne, que as retira, como já o dissemos, da filosofia, da ciência, da astrologia e alquimia, da organização de mapas e viagens de descobertas, da história, da lenda, dos pontos cardeais, da mitologia, da credence popular, e ainda, das coisas simples da vida diária.

Mas há algumas características diferenciadoras entre Shakespeare e Donne:

1.º Donne consegue fundir as imagens (escolásticas, químicas, geográficas, sensuais, legais, fisiológicas, astronômicas), apresentando-nos, quasi sempre, um complexo. (*The Undertaking*, poema 4, obra cit.).

Shakespeare apenas apresenta-as, evitando a fusão Donniana (*Sonnet CXXX*);

2.º Donne adorna-as com profundo saber, grande erudição (*A Valediction: of the Book*, poema 19, obra cit.);

Shakespeare adorna-as com vivacidade, talento, engenhosidade (*Sonnet CXXI, XVIII*, obra cit.);

3.º Donne modifica-as com uma paixão predominante (*Song-Go and catch a falling star*, poema 2, obra citada);

Shakespeare modifica-as com sentimentos e emoções (*Sonnet CXVI*).

4.º Donne, graças ao seu intellecto, reduz a multidão à unidade (*Love's Alchemy*, p. 36, obra cit.);

Shakespeare obtém o mesmo efeito graças à variedade de suas experiências e a vivacidade de seu cérebro (*Sonnet XXIX*);

5.º Donne transforma, hiperbolicamente, suas metáforas em símbolos (*To his Mistress; A Valediction: of Weeping*);

Shakespeare transforma-as suavemente. (Em *Othello*, quando Emília entra no quarto com a notícia do assassinato:

It is the very error of the moon;
She comes more near the earth than she was wont
And makes men mad.)

6.º) Donne apresenta-as, como fruto de experiências pessoais, com um realismo ora cínico (*Community*), ora revoltoso (*The Comparison, Elegy VIII*), ora espiritual (*A Valediction: of Weeping*), ora torturado (*Love's Exchange*);

Shakespeare apresenta-as, como fruto de experiências pessoais, com um realismo algo idealístico.

7.º) Donne introduz os conceitos de tal modo, que êles são o próprio poema (*A Valediction: Forbidding Mourning*);

Shakespeare introduz as metáforas de tal modo nos *Sonetos* que elas deixam de ser decorativas, para se tornarem o próprio poema (*Sonnet CXVI*).

8.º) Donne explora, nas *Canções e Sonetos*, dois temas principais — O Amor e a Mulher — e usa todos os artifícios de linguagem para expressar a sua consciência a respeito desses fenômenos, em todos os aspectos variados e antagônicos. Resulta daí uma qualidade dramática que encontra paralelo somente nos *Sonetos* shakespearianos;

Shakespeare consegue manter a mesma intensidade dramática, mas adiciona-lhe encanto poético mais fino.

9.º) Donne apresenta o encanto poético em muitos versos de seus poemas;

Shakespeare apresenta-o em todas as suas obras.

10.º) Donne, além da paixão sensual, da agudeza alegre e cínica, do escárnio e da raiva, apresenta uma nota de felicidade, a felicidade da paixão mútua e alegre. (*I wonder by my troth...; For God's sake hold your tongue; If yet I have not all thy love*);

Shakespeare explora o escárnio e o ódio talvez com mais intensidade, e a nota que apresenta nos sonetos é a de um coração ultrajado.

11.º) Donne apresenta outras notas, como por exemplo, de tristeza e de ternura, mas elas não são tão comumente usadas em seus poemas (*Elegy XVI e Valedictions*);

Shakespeare faz uso constante delas.

12.º) Donne consegue atitudes complexas e a poesia é metafísica não apenas do ponto de vista da erudição e da agudeza, mas também porque é meditativa e filosófica, (*The Prohibition, the Paradox, The Message*);

Shakespeare consegue atitudes simples ou complexas, mas sempre dentro de um idealismo.

13.º) Donne obriga-nos a maior velocidade cerebral, e nos faz ver além do horizonte a eterna significação do amor, amor de corações satisfeitos.

Shakespeare não nos obriga ao malabarismo mental e, por outro lado, apresenta-nos as lamúrias de um coração ofendido.

14.º) Donne apresenta-nos a paixão através dum emaranhado dialético sutil e fantástico;

Shakespeare apresenta-nos a paixão não com a mesma brilhante sutileza dialética, mas com maravilhosa sutileza poética.

15.º) Donne, após a morte da esposa, adiciona à agudeza, algo rude de seus versos, notas mais sinceras e profundas, imagens mais empolgantes, ritmos mais sonoros;

Shakespeare, encarando a dor, adiciona argumentos de revolta, de escárneo, de ódio.

16.º) Donne despede-se da vida, feliz, convicto de que ao morrer deixará neste mundo, com o corpo, os seus pecados e, por isso, verá o rosto Daquele que o faz vibrar, só em pensá-lo (Sonnet VI, Holy Sonnet);

Shakespeare, algo tristonho, despede-se da arte, pretendendo: viver no silêncio —

But this rough magic
I here abjure; and, when I have requir'd
Some heavenly music, — which even now I do —,
To work mine end upon their senses that
This airy charm is for, I'll break my staff,
Bury it certain fathoms in the earth,
And, deeper than did ever plummet sound,
I'll drown my book.

(The Tempest, Act V. Sc. I).

e além disso considera a vida um sonho e, desiludido, fala a seu respeito:

Be cheerful, sir:
Our revels now are ended. These our actors,
As I foretold you, were all spirits and
Are melted into air, into thin air:
And, like the baseless fabric of this vision
The cloud-capp'd towers, the gorgeous palaces,
The solemn temples, the great globe itself,
Yea, all which it inherit, shall dissolve
And, like this insubstantial pageant faded,
Leave not a rack behind. We are such stuff
As dreams are made on, and our little life
Is rounded with a sleep.

(The Tempest IV, Sc. I.)

17.º) Donne estabelece um absoluto equilíbrio entre a razão e a paixão, entre o raciocínio e o sentimento, entre o intelecto e a emoção;

Shakespeare não estabelece êsse equilíbrio e as cordas vibrativas da emoção, em seus poemas, enlevam-nos ao êxtase, cegando a razão.

18.º) Donne, no tratamento do amor, não é convencional, exceto quando resolve brincar, algo ironicamente, com a convenção da adoração petrarquiiana. As canções são a expressão da linguagem não convencional e aguda (*witty*) de todas as disposições de um amante cuja experiência e imaginação lhe ensinaram a compreender: sensualidade arejada pela agudeza brilhante; fascinação e raiva zombeteira mescladas inextricavelmente:

When by thy scorne, O murdresse, I am dead,
 And that thou thinkst thee free
 From all solicitation from mee,
 Then shall my ghost come to thy bed,
 And thee, fain'd vestall, in worse armes shall see...
 (The Apparition)

alegria apaixonada do amor mútuo e satisfeito:

All other things, to their destruction draw,
 Only our love hath no decay;
 This, no to morrow hath, nor yesterday,
 Running it never runs from us away,
 But truly keepes his first, last, everlasting day.
 (The Anniversarie)

tristeza da separação que é a sombra de tal alegria; o "pathos" mais delicado da separação temporária da vida conjugal:

Let not thy divining heart
 Forethinke me any ill,
 Destiny may take thy part,
 And may thy feares fulfill;
 But thinke that wee
 Are but turn'd aside to sleepe;
 They who one another keepe
 Alive, ne'r parted bee;
 (Song, Sweetest Love...)

alturas e profundidades místicas do amor:

Study me then, you who shall lovers bee
 At the next world, that is, at the next Spring:
 For I am every dead thing,
 In whom love wrought new Alchimie".
 (A Nocturnall Upon St. Lucies Day (49).

Shakespeare, na verdade, na sua grande sequência de sonetos, expressa uma nota mais profunda, revela um senso mais amplo de complexidade e contradições da devoção apaixonada.

19.º) Donne revela em sua poesia a “expressão de uma individualidade única e intensa, um temperamento complexo e imaginativo, um intelecto rápido e sutil, uma mente repleta de minúcias da teologia, da ciência e da jurisprudência medievais, mas sempre consegue o éco harmonioso daquele casamento íntimo da paixão com o argumento, que é a qualidade essencial da poesia lírica metafísica”.

Shakespeare jamais desce a pormenores teológicos, científicos ou jurídicos e a emoção, em geral, sobrepuja a razão.

20.º) “Si Donne tivesse expressado a grande extensão do intenso sentimento, com tanta perfeição quanto o fez, às vezes, acre e assustadoramente; si tivesse dado aos seus poemas a mesma impressão de sinceridade artística total que Shakespeare mantém nos melhores sonetos; si aos seus muitos outros dotes se lhe adicionasse um senso de beleza mais governado e mais profundo, seria, como quasi o é, o maior dos poetas do Amor.” Donne usa figuras de agudeza, consciência dos seus efeitos: a comparação das almas dos amantes às pernas do compasso é um exemplo frisante;

Shakespeare apresenta as figuras de maneira diferente. São comparações espontâneas, criadas no ardor da composição, e não cuidadosamente articuladas, tão pouco conceitos conscientes.

21.º) Donne não considera de grande importância para um amante a beleza pessoal da amada, e chega mesmo a não proclamar a nota renascentista da transitoriedade da beleza. Para êle o amor possui algo de misteriosa imortalidade;

Shakespeare nos *Sonetos* está totalmente obsecado pela idéia da transitoriedade das coisas do mundo.

AS IMAGENS E OS CONCEITOS DE DONNE

A. E. Housman, no "*The Name and Nature of Poetry*", declara que a metáfora e o símile são "coisas inessenciais à poesia", são "accessórios", pois o poeta as emprega "para serem úteis, para tornarem as idéias mais claras ou as concepções mais vívidas;" ou são usadas pelo poeta como "ornamento" — usadas porque a imagem contida possui um "poder independente para agradar."

E' exatamente esta função da linguagem metafórica que produz a dificuldade das comparações, na poesia dos poetas metafísicos, como Donne, Crashaw, Herbert, etc., e nos modernos, como Auden, Tate, Eliot e Yeats; pois as imagens (50) e os conceitos, ou melhor, as metáforas e os símiles, nesses poetas, não são absolutamente "inessenciais", isto é, "accessórios", tão pouco são usados para "ilustrar e enobrecer o assunto"; são parte integrante dos poemas, são o próprio poema.

Si quisermos retirá-los do poema, a fim de procurar simplificá-lo, estaremos arrancando dêle a parte vital, o coração.

Além disso, êsses conceitos e essas imagens são dispostos de tal maneira no poema que, ao lermos, não sentimos choque, não sentimos violência de contacto entre êles e as idéias, mas no tódo se apresentam de tal modo harmoniosamente, que os tomamos como o resultado de um acidente feliz. E si o sentimos é apenas o resultado de uma leitura al-

50 — Donne, como já dissemos, deu novo alento à poesia lírica inglesa, e entre outros fatos originais encontramos uma maneira peculiar de usar as imagens. Normalmente não vai buscá-las num mundo exótico, tão pouco num remoto, muito menos desconhecido ou de fértil criação imaginosa. Tira-as do campo das ciências e da vida quotidiana. É um constante jogo de contrastes: à natureza Donne contrapõe o seu mundo cerebral — matemático, filosófico, religioso ou científico; aos elementos sensuais adiciona música e colorido; em homenagem aos poetas isabelinos, a geometrização lógica e a obscuridade; à mitologia e à veneração de estilo, as imagens e os tropos tirados da experiência diária ou do conhecimento científico. É um mesclar constante do tropo moderno com o tropo antigo. Em geral, as imagens tiradas de várias fontes; história, nomenclatura eclesiástica, filologia, jurisprudência, astronomia, etc., constituem um só complexo.

go apressada ou o efeito de primeira vista. Uma segunda leitura nos dará a harmonia poética.

Ora, a crítica contrária à Escola Metafísica, bem como os críticos favoráveis a ela, não perceberam um fato que nos parece bem provável: a aplicação do vasto conhecimento de Donne na poesia pode, muito bem, ter sido espontâneo. As argumentações, as comparações na poesia, são produto da emoção e da erudição do poeta. Na comparação que Donne faz dos amantes com o compasso, por exemplo, o instrumento, algo tosco, torna-se poético, pelo simples fato de que funciona integralmente no poema. Pouco se nos dá que o instrumento, algo tosco, não seja poético para muitos, e que outro objeto mais poético poderia ter sido ali colocado, mas no poema "*The Valediction: Forbidding Mourning*" a comparação é absolutamente necessária, e faz parte integrante do efeito total do poema. O compasso torna-se, assim, para quem se despir de todos os preconceitos, uma imagem extraordinariamente poética, pois "a figura geométrica dá um sentido de inevitabilidade e finalidade lógicas a uma relação que é geralmente considerada caótica" (C. Brooks, "*Modern Poetry and the Tradition*").

Além disso, é preciso que não percamos de vista o fato de que os contrários, as antíteses, os paradoxos são a própria vida da poesia metafísica. No caso acima mencionado, por exemplo, as diferentes associações dos amantes e da matemática reforçam o paradoxo. Os contrastes, nas associações, desempenham ainda mais outra função: — através de todo o poema o amante faz as mais veementes asserções acerca do seu amor.

Parece-nos ainda que o jôgo do intellecto não é necessariamente hostil à profundidade da emoção, pois a figura pode desempenhar função negativa ou positiva, e pode representar ou reforçar a ironia ou o enobrecimento. O que temos de observar é a sua função no todo, e se o efeito contribui ou não para fixar a idéia do poeta.

E' exatamente o que verificamos nos poetas metafísicos: revelam o caráter essencialmente funcional das metáforas e essas comparações são o poema num sentido estrutural.

E se passarmos para outro movimento literário qualquer, o romântico, sêja-nos lícito mencionar, verificaremos que aí, também, a metáfora tem papel preponderante:

And then my heart with pleasure fills,
And dances with the daffodils.

Assim verificamos que a metáfora não é elemento “acessório”, “inessencial”, que o poeta pode dela fazer uso ou expressar as idéias diretamente, se preferir; ao contrário, geralmente ela é o único meio capaz de exprimir poeticamente as emoções do poeta.

E se ela vier ligada ao jogo do intelecto e ao da agudeza não apresenta, em absoluto, nenhuma incompatibilidade com a seriedade poética. Donne constantemente está a fazer uso desse “complexo” e usa o efeito da engenhosidade frívola como meio de sisuda intensidade.

T. S. Eliot é quem nos diz que

“When a poet's mind is perfectly equipped for its work, it is constantly amalgamating disparate experience; the ordinary man's experience is chaotic, irregular, fragmentary. The latter falls in love, or reads Spinoza, and these two experiences have nothing to do with each other, or with the noise of the type-writer or the smell of cooking; in the mind of the poet these experiences are always forming new wholes”.

Há como que uma habilidade especial em ser terno e, ao mesmo tempo, intelectualmente ciente, redundando daí, não atitudes contrárias, mas atitudes amadurecidas. Quanto mais complexas forem as atitudes reveladas tanto mais variam os graus de ironia.

Entre outros poemas onde vamos encontrar a agudeza (wit) intensificando a seriedade, como fator consciente por parte do poeta, citamos “*Valediction: of my name, in the Window*”.

Diz Donne que o nome gravado no vidro da janela da casa da amada servirá para fazer com que ela se lembre dêle durante a ausência, e depois de várias analogias interessantes a respeito da imagem do nome gravado, o poeta, aparentemente, abandona tudo o que disse e nos dá a idéia de que tudo não passa de tola meditação:

But glasse, and lines must bee,
No means our firme substantial love to keepe;
Neare death inflicts this lethargie,
And this murmure in my sleepe;...

mas nos dois últimos versos retoma o mesmo tema e, num poder extraordinário de síntese, conclue:

Impute this idle talke, to that I goe,
For dying men talke often so.

No poema “*Hymn To God The Father*”, na última estrofe, encontramos dois trocadilhos, no 3.º e 5.º versos:

I have a sinne of feare, that when I have spunne
 My last thred, I shall parish on the shore;
 Swear by thy self, that at my death thy sonne
 Shall shine as he shines now, and heretofore;
 And, having done that, *Thou hast done*,
 I feare no more.

O primeiro é simples: *sun*, sol, e *son*, filho; porém o segundo é realmente impressionante: "*Thou hast done*", isto é, "Vós terminastes" e "Vós me tendes", sendo esta interpretação o trocadilho com o nome Donne.

A agudeza, como vemos, é arma essencial nesta experiência. Como já dissemos, a complexidade de atitudes redundante em graus variáveis de ironia. Assim concluímos que os vários tipos de agudeza (*wit*) poderão servir para expressar:

1. — precisão;
2. — concentração;
3. — primordialmente, cunho irônico.

1. — *Precisão* — Este tipo de agudeza tem sempre como finalidade dar um sentido de inevitabilidade e finalidade lógicas a uma relação que é geralmente considerada irracional, e dar um sentido de ordem a uma relação geralmente considerada caótica.

2. — *Concentração* — Consiste êsse tipo em dar, ao mesmo tempo, duas idéias, duas acepções, sendo a nosso ver, a união da agudeza e do trocadilho, concorrendo ambos para a seriedade do poema.

3. — *Cunho Irônico* — Nêste tipo incluiremos todos os poemas que expressam atitudes complexas em graus variados de ironia.

Exemplifiquemos:

- 1.º tipo — *Valediction: Forbidding Mourning* (o compasso); *A Valediction: of the Booke* (latitudes e longitudes); *The Flea*; "*The Nocturnall on St. Lucy's Day*, etc. (51).
- 2.º tipo — *Community*; *A Hymn to God the Father*, etc.
- 3.º tipo — Encontramos em tal quantidade poemas dêsse gênero que dispensa citá-los.

51 — Outro exemplo: "*The Extasie*" — onde o poeta dará ao desejo de sua paixão a força de um corolário de demonstração geométrica:

Donne usa os três tipos, mas é principalmente o último que prepondera nos seus poemas. E este se apresenta numa infinidade de acepções: jocosa, zombeteira, alegre, amarga, revoltada, cínica, trágica, caprichosa, sensual, etc.

Além disso, o poeta procura, por meio dela (agudeza) fundir todos os elementos antagônicos num tódo harmonioso. No poema "The Good-Morrow", onde a agudeza irônica predomina, começa por perguntar o que a amante e êle fizeram antes de se conhecer:

"Não estávamos nós até então desmamados? Mas sugávamos os prazeres campestres, puerilmente? Ou roncávamos nós na caverna dos Sete Adormecidos?"

E depois de dizer que o amor domina o amor de outras visões e de ventilar a hipótese de descobertas de novos mundos, proclama:

"Possuamos nós um mundo; cada um tem um, e é um", isto é, tenhamos nós apenas um mundo; aparentemente cada um o seu mundo, mas na realidade apenas um.

E daí passa ao climax encantador da estrofe final:

My face in thine eye, thine in mine appeares,
And true plaine hearts doe in faces rest,
Where can we finde two better hemispheares
Without sharp North, without declining West?
What ever dyes, was not mixt equally;
If our two loves be one, or, thou and I
Love so alike, that none doe slacken, none can die".

Meu rosto em teus olhos e o teu nos meus reflete,
E como corações leais e puros repousam no rosto,
Onde poderemos nós encontrar dois melhores hemisférios
Sem Norte cortante, sem declinante Oeste?
Tudo o que morre, não foi misturado em partes iguais;
Si nossos dois amores forem um, ou, si tu e eu
Amaro-nos igualmente, a ponto de não enfraquecer, ninguem
[morrerá.]

Esta comparação é perfeita: a vida náutica, com o gélido vento norte, causador do frio, e o vento oeste causador de

To our bodies turne wee then, that so
Weake men on love reveal'd may looke;
Loves mysteries in soules doe grow,
But yet the body is his booke.

Um lírico diria como Shelley o disse no "Love Philosophy":

The fountains mingle with the river...
Nothing in the world is single...
See the mountains kiss high Heaven...

mudanças; no verdadeiro amor não há êstes perigos, nem o risco do esquecimento pelo arrefecimento, nem o risco da inconstância pela versatilidade.

Na comparação o poeta aproxima a nova concepção da terra com dois hemisférios, da sua concepção do verdadeiro amor, que nasce também entre dois hemisfério, que são os séres que se amam; esta imagem está de acôrdo com a sua idéia da perfeita unidade das almas que se amam, idéia expressa na estrofe anterior. A precisão dessa agudeza é simplesmente extraordinária.

Na *Canção II*, onde se afirma que não há mulher honesta, Donne inicia o poema, verdadeiramente cínico, pela citação de várias impossibilidades de cunhos diversos. Apenas sugere as impossibilidades. Essas imagens isoladamente têm como resultado serem expressões apoéticas e inharmoniosas; porém, no tódo produzem um efeito extraordinariamente reforçativo, convincente e harmonioso.

S O N G

Goe, and catche a falling starre,
 Get with child a mandrake roote,
 Tell me, where all past yeares are,
 Or who cleft the Divels foot,
 Teach me to hear Mermaides singing,
 Or to keep off envies stinging,
 And find
 What wind
 Serves to advance an honest minde.

Vá apanhar uma estrela cadente,
 Fecunde uma raiz de mandrágora,
 Diga-me onde estão todos os anos que se foram,
 Ou quem fendeu o pé do demônio,
 Ensine-me a ouvir o canto da sereia,
 Ou a evitar o aferroar da inveja,
 E descobrir
 Que vento
 Permite, a um espírito honesto, progredir.

O cunho irônico, preponderante neste poema, é o de cinismo e desilusão, e as imagens e os conceitos reforçam a idéia fundamental: não há mulher honesta (para Donne):

Though at next doore wee might meet,
 Though shee were true, when you met her,
 And last, till you write your letter,
 Yet shee
 Will bee
 False, ere I come, to two, or three.

Ainda que à porta contígua pudéssemos encontrá-la
Embora fôsse ela fiel, quando você escrever a carta,
Contudo ela
Será

Falsa, antes que lá eu chegue, a dois ou três.

E assim, as “Canções e Sonetos” revelam, pelas imagens e conceitos usados, os seguintes *cunhos*:

Ironia jocosa, cínica, selvagem: The Indifferente, The Tripple Foole, Communitie (um dos poemas mais cínicos), Loves Alchymie, The Curse, The Message, The Apparition, Loves Diet, The Will, The Blossome, The Dampe, The Paradox (inteligentemente engenhosa e com concentração em “Iye”), Selfe-Love;

Ironia cínica e desiludida: Song (Goe and catch), Woman’s Constancy, Twicknam Garden (só desiludida, desilusão dos dois amantes), A Nocturnall Upon S. Lucies Day (amor sincero), The Broken Heart, Loves Deitie (com concentração: vice-nature), Farewell to Loves (concentração em “taile”); The Canonization (com concentração na 3.^a estrofe);

Ironia moralística: The Undertaking (totalmente desprovida de cinismo);

Ironia revoltada, ciumenta; torturada: Loves Exchange, The Sunne Rising, A Valediction: of My Name in the Window;

Ironia sensual, licenciosa: Loves Usury, The Dreame, The Flea, The Baite, Confined Love, The Primrose;

Ironia espiritual, devoção sincera, sentimental: Song (Sweetest love, I do not go), The Legacie, A Valediction: of the Booke (com imagens clássicas, coisa rara em Donne), A Valediction: of Weeping (conceitos fantásticos, engenhosos e elaborados), Witchcraft by a Picture, A Valediction: Forbidding Mourning (com precisão matemática), The Extasie (precisão lógica), The Funeral, The Relique, The Dissolution (precisão — as bullets flowen before), A Jeat Ring Sent, Negative Love, The Prohibition, The Expiration, The Computation, A Lecture Upon the Shadow (com concentração), Sonnet: The Token, The Good-morrow (com precisão, Break of Day (talvez Lady Bedford o escreveu ou o inspirou), The Anniversarie, (intensamente apaixonado, com alegria do amor mútuo e satisfeito), Loves Growth;

Ironia elaborada: The Feaver, Aire and Angells (filosofando sobre o Amor).

POEMAS DIVINOS

Era de se esperar que Donne, ao se tornar membro da Igreja Anglicana, não mais fizesse uso do cunho irônico, tão preponderante nos poemas de “Canções e Sonetos”; pois a poesia religiosa apresenta, é claro, uma acusação formal da

crença, que afirma serem a agudeza e a sinceridade elementos antagonicos. Em geral se diz que a poesia mística exige do poeta uma sinceridade sem limites, e que a agudeza está ligada a um quê de leviandade, de leveza, de inconstância, contrário, portanto à poesia mística.

Julga-se que, assim como o religioso se despe das coisas e dos prazeres terrenos, também deva despojar-se da agudeza e da espirotuosidade ao tratar da mística na poesia. Era, como dizíamos, de se esperar que essa atitude não surgisse nos poemas divinos de Donne. Mas é exatamente o que vamos encontrar neles, e a agudeza aparece nos poemas mais intensamente solenes.

Graças a essa atitude do poeta metafísico sentimos muito mais a sua idéia, e essa idéia é transmitida de maneira integral, impressionante.

Exemplifiquemos: No Soneto X, a morte é engenhosamente destruída, pois embora seja julgada poderosa e por muitos temida, não passa de descanso dos ossos e da libertação da alma.

Ela não deve orgulhar-se desse temor nem desse poderío porque a papoula e os feitiços podem fazer-nos dormir de maneira bem mais agradável:

“e depois de curto sono acordamos para a eternidade
E a morte não mais existirá; morte, tu morrerás”.

SONETO X

Death be not proud, though some have called thee
Mighty and dreadfull, for, thou art not soe,
For, those, whom thou think'st, thou dost overthrow,
Die not, poore death, nor yet canst thou kill mee.
From rest and sleepe, which but thy pictures bee,
Much pleasure, then from thee, much more must flow,
And soonest our best men with thee doe goe,
Rest of their bones, and soules deliverie.
Thou art slave to Fate, Chance, kings, and desperate men,
And dost with poyson, warre, and sicknesse dwell,
And poppie, or charmes can make us sleepe as well,
And better than thy stroake; why swell'st thou then?
One short sleepe past, wee wake eternally,
And death shall be no more; death, thou shalt die. (52).

52 — O Donne do “Biathanatos” via a morte como o fim de tôdas as coisas, o término da vida, o ponto final das alegrias e tristezas, a meta do repouso. O Donne dos sonetos sacros a vê como o início de uma vida nova, como a libertação da alma, como a redentora dos sofrimentos terrenos.

No *Soneto XIV*, chega a empregar imagem sexual à idéia da castidade espiritual, *concentração* empolgante de agudeza e de trocadilho para a consecução do climax místico. Além disso os monossílabos do Soneto fazem de Deus um pugilista a desferir violentos golpes contra o seu coração de pecador.

SONETO XIV

Batter my heart, three person'd God; for, you
 As yet but knocke, breathe, shine, and seeke to mend,
 That I may rise, and stand, o'erthrow mee, 'and bend
 Your force, to breake, blowe, burn and make me new.
 I, like an usurpt towne, to 'another due,
 Labour to'admit you, but Oh, to no end,
 Reason your viceroy in mee, mee should defend,
 But is captiv'd, and proves weake or untrue.
 Yet dearly I love you, 'and would be loved faine,
 But am bethroth'd unto your enemye:
 Divorce mee, 'untie, or breake that knot againe,
 Take mee to you, imprison mee, for I
 Except you'enthral mee, never shall be free,
 Nor ever chast, except you ravish mee.

É aquele casamento extraordinário da razão com a emoção, é aquele equilíbrio constante do intelecto e do sentimento, que os poetas metafísicos sabem dar aos seus poemas.

E é exatamente essa união mística metafísica que não encontramos na literatura peninsular. Não há em Portugal e na Espanha espírito filosófico casado com o espírito religioso.

Segundo o douto Prof. Fidelino de Figueiredo, no prefácio da "Agonia do Cristianismo", de Miguel Unamuno, a diferença que há entre a heterodoxia dos espanhóis e a dos portugueses é a seguinte:

"Os primeiros trocam uma ortodoxia por outra; a mente espanhola, que desadora as complicações psicológicas, passa dum credo, que a não contenta, para outro credo, a cuja sombra descansa e dorme. Este é o caso dominante de quasi todos, se não todos os pensadores e de todas as consciências inquietas, de que se ocupa Menéndez y Pelayo em sua obra clássica. E os segundos, os portugueses, têm uma inquietação indefinida, vão disparados atravez dos sistemas e dos credos, como a fantasia de estrela em estrela, só param com a morte. É a mais angustiada forma da inquietação religiosa. Uriel da Costa, heterodoxo no catolicismo e no mosaismo, pede a paz à morte; Antero de Quental, partindo do catolicismo, percorre o materialismo agnóstico, o hegelianismo, o budismo, o espiritualismo panteista e só chega a tocar a "mão de Deus, a sua mão direita", quando vem a morte, a "dôce morte" de Bach... Outros circumdam uma doutrina, vão e vêm, mas não chegam nunca a instalar-se no coração dela. Pois esta amargura típica

do clima português na sua mais alta esfera, expressou-a fielmente o espanhol Unamuno em páginas íntimas e sangrentas de dôr e tão sequiosas de ver a Deus, como o Exemplar vitæ humanæ do português Uriel, os Sonetos do portuguezissimo Antero e os Simples de Guerra Junqueiro, não menos portugueses.”

E ainda fazendo nossas as palavras do ilustrado mestre, e com a devida vênia, desejamos citar mais um trecho seu, que se encontra na “História da Literatura Clássica”, II vol., páginas 6 e 7:

“Do misticismo já escrevemos noutra parte, quando o apresentamos como típica feição da nossa fisionomia literária. Definimos então o conteúdo que nós interpretamos não só como doutrina filosófica, que da experiência sensorial cada vez mais se desprende, não só como método mental que nas construções apriorísticas da razão se fundamenta, mas também como o conjunto moral da personalidade, em que dominam a exaltação do sentimento religioso e a construção subjectiva dum mundo extranatural, com uma lógica própria que não é da recta observação empírica, que não busca separar com incansável ansiedade o doce mel do sentimento dos rijos e geométricos favos da razão, antes abandonadamente se deleita na interpenetração desses dois domínios tão díspares. Esse misticismo ora amortece a vida interior e faz calar a razão, ora conduz ao monoideismo, ora exalta a sensibilidade e lhe dá asas, suprimindo o que de lógico e sólido lhe falte pela intuição divinatória; êsse misticismo põe na comunicação com Deus fervores apaixonados de amor terreno e sublima a paixão amorosa com devoções castas e aspirações ideais; êsse misticismo paralógico é tecido de incoerências, esforço que logo cansa, resistência heróica sobre-humana, causa que não determina efeito, resultante que parece carcer de ponto de partida; é um permanente percalço oferecido à razão humana. É a êste estado moral que nós temos como cunho muito específico da nossa evolução literária e até da nossa personalidade nacional, e que na segunda época clássica, que estudamos, com relêvo sem par se ostenta.”

O P. Augusto A. Ortega, C. M. F., na obra “Razon Teologica Y Experiencia Mistica”, regista:

“Pero la verdad es que el místico no es eso que, a las veces, plebeyamente se entiende, como un espíritu más o menos vulgar, inmerso en no sé qué mundos subterráneos de orgiásticos frenesies, expuesto al inseguro vaivén de sus propias ilusorias imaginaciones, y en quien fuerzas subconcientes actúan, por modo irracional. El místico es algo más, bastante más que todo eso. Apenas, y aun sin apenas, puede concebirse nada tan lúcido, tan fuertemente iluminado como el alma de un místico. Y el ímpetu, ese ímpetu irrefrenable y soberano que caracteriza su temple espiritual, está bien sujeto a exacta razón. Todo en él es orden de amor, de belleza y de claridad. Nadie como el místico ha escuchado siempre la alegre invitación benedictina y ha bebido, con gozo, la sobria embriaguez del espíritu.

Laeti bibamus sobriam
ebrietatem spiritus.

Lo que pasa es que la razón que pone orden y medida en el místico no es esta pobre razón humana que se ahoga en el límite y que a tantas confusiones y oscuridades está sujeta; sino la trascendente y divina, sobrenatural y misteriosa que se nos va de vuelo y es para nosotros, en su luminosidad encandecida, oscuridad inaccesible, y para el místico, *rayo de tinea*, donde, sin paradoja, todo lo ve claro y al mismo tiempo entenebrecido, en anticipaciones soberanas, de todo en todo inefable, caminando en fe que se va agudizando en visión.”

(pags. 9 e 10)

Donne, apresentando-nos a razão e a fé, procura colocar aquela algo subordinada a esta. Na carta versificada dirigida à Condessa de Bedford, êle diz:

Reason is our Soules left hand, Faith her right,
By these we reach divinity.

E em “Elegy on Prince Henry”, já citado na pag. n.º 58, êle quasi identifica as esferas da razão e da fé.

É o equilíbrio a que nos referimos.

Longo seria o trabalho se tivéssemos de escrever a respeito da mística inglesa, da portuguesa e da espanhola.

Esse estudo comparativo é, por si só, tema para uma tese, e foge ao escopo a que nos propuzemos.

IV — CONCLUSÕES

Como verificamos pelo exposto, John Donne foi sempre o mesmo homem, sempre inspirado por independência absoluta e originalidade impressionante, reveladas não só na vida como também na sua obra poética e prosística. Foi o poeta que se não conformou com a supremacia da tradição Petrarquiana, desafiou-a e com ela rompeu, dando origem a uma nova era, na história da lírica amorosa dos ingleses. É verdade que Petrarca aparece de quando em quando na sua poesia, especialmente quando dedica a sua musa a uma dama, porém Petrarca se encontra alterado na estrutura e no colorido, no tom e temperamento, na imagem e no ritmo.

Graças ao desafio lançado à escola Petrarquiana e ao rompimento com ela, tornou-se Donne a fonte de onde emanou a lírica metafísica. O espírito de suas melhores poesias amorosas se difundiu pelas elegias e pelos poemas divinos.

Ainda nêle encontramos o primeiro importante satírico, de inspiração clássica, de tão grande projeção no cenário intelectual que Dryden e Pope não puderam escapar a sua influência.

“Em certos aspectos intelectuais e práticos é êle o mais medieval dos poetas, em temperamento o mais moderno e com Jonson o principal inspirador dos contemporâneos mais jovens, e o mais potente arauto e pioneiro do movimento literário de argumento poético e de eloquência.”

De sua obra as partes mais importantes são os sermões e a poesia. De seus poemas, tirante os encomiásticos, pouco sinceros e de atitude, o mais é excelente, dentro da escola metafísica seiscentista, excelente pela inspiração, pela riqueza e novidade de imagens e conceitos; excelente quando o comparamos com o seu contemporâneo Shakespeare: as imagens e os conceitos desses poetas apresentam características interessantíssimas, distinguindo-se pela grande erudição e pelo profundo saber de um, e pela engenhosidade e pelo talento do outro.

Há na poesia Donniana as seguintes notas:

1. precisão;
2. concentração;
3. ironia.

Dessas notas é a ironia que Donne explorou sob tôdos os aspectos e nas mais variadas atitudes, mas, nos *poemas líricos*, a medida que se aproximam da unidade, essas atitudes podem ser assim resumidas:

1. cinismo dominante, algo artificial, com laivos de ternura;
2. contemplação do tempo e da morte, a partir do "Anniversarie";
3. observa-se, em seguida, uma unificação do tema, por um rebuscado sentido de mortalidade, amenizado por entreatos do estilo inicial;
4. finalmente, "The Extasie", que se encontra isolado, não como conclusão, mas como climax.

A nota dominante dos poemas líricos, *a ironia*, ainda aparece, quasi com a mesma intensidade, nos poemas divinos. Donne, por meio dêsse cunho irônico no jogo das imagens, dos conceitos, das metáforas, dos paradoxos, das hipérboles, das antíteses, procura atingir o enobrecimento, e sobrepuja-se a todos os discípulos pela inteligência conceptista e pela sinceridade da emoção (53).

53 — O motivo da contemplação da morte aparece em todas as poesias de Donne: num dos Paradoxos, expõe a teoria — "That all things kill themselves" —; no "Biathanatos" argumenta sobre a legitimidade do suicídio; nos "Songs and Sonnets" o poeta constantemente se representa defunto — "The Relique", "An Anatomy of the World", inclusive o último "Death's Duel".

— Para que se tenha uma idéia da dificuldade de interpretação dos poemas de Donne é suficiente reproduzirmos, aqui, o comentário de William Empson, em "Seven Types de Ambiguity", sobre "A Valediction, of weeping":

A Valediction, of weeping weeps for two reasons, which may not at first sight seem very different; because their love when they are together, which they must lose, is so valuable, and because they are 'nothing' when they are apart. There is none of the Platonic pretence Donne keeps up elsewhere, that their love is independent of being together; he can find no satisfaction in his hopelessness but to make as much of the actual situation of parting as possible; and the language of the poem is shot through with a suspicion which for once he is too delicate or too preoccupied to state unambiguously, that when he is gone she will be unfaithful to him. Those critics who say the poem is sincere, by the way, and therefore must have been written to poor Anne, know not what they do.

Let me powre forth
My teares before thy face, whilùst Istay here,

For thy face coins them, and thy stampe they beare,
 And by this Mintage they are something worth,
 For thus they be
 Pregnant of thee,
 Fruits of much grief they are, emblemes of more,
 When a tear falls, that thou falst which it bore,
 So thou and I are nothing then, when on a divers shore.

'Allow me this foolishness; let me cry thoroughly while I can yet see your face, because my tears will be worth nothing, may, in fact, not flow at all, when once I have lost sight of you'. 'Let me plunge, at this dramatic moment, into my despair, so that by its completeness I may be freed from it, and my tears may be coined into something more valuable'.

The metaphor of coining is suitable at first sight only 'because your worth and your beauty are both royal', but other deductions from it can be made. In that his tears will not reflect her face unless he stays here, it may imply 'because it is only when I am seeing your beauty that it matters so much to me; I only shed valuable tears about you when I am at your side'.

There is a shift of the metaphor in this, brought out by line 3, from the *tears* as molten metal which must be stamped with her value to the *tears* themselves as the completed *coin*; 'because', then, 'you are so fruitful of un)appiness'; and in either case, far in the background, in so far as she is not really such a queenly figure, 'because you are public, mercenary, and illegal'.

In each of the three verses of the poem the two short middle lines are separated only by commas from the lines before and after them; Professor Grierson on the two occasions that he has corrected this has accurately chosen the more important meaning, and unnecessarily cut off the less. In this verse, *for thus they be* may be a note to give the reasons why the tears are *something worth*, or may be parallel to *for thy face coins them*, so that it leads on to the rest of the stanza. Going backwards, 'Let me pour out at once the tears I shall have to shed sooner or later, because if I do it now they will reflect your face and become valuable because

they contain you'; going forwards, 'Let me pour forth my tears before your face, because they are epitomes of you in this way, that they are born in sorrow, and are signs that there is more sorrow to come after'. *Pregnant* because they are like her, in that they *fall* and are *emblems of grief*, and give true information about her (as in 'a pregnant sentence'), because they are round and large like a pregnancy, because they hold a reflection of her inside them, and because, if they are wept in her presence, they will carry her more completely with them, and so do him more good. It is this last obscure sense, that he is getting rid of her, or satisfying her, or getting his feeling for her into a more manageable form, by a storm of emotion in her presence, that gives energy to the metaphor of *pregnancy*, and logic to the second alternative—the idea that she normally causes sorrow.

Corresponding to these alternative meanings of *for thus, that thus* means 'the fact that you' and 'that particular case of you'. 'The tears are emblems of more grief by foreshowing, when they fall, that you will fall who were the cause of them' (if *which* refers to a person it should be the subject of *bore*), or, beginning a new sentence at *when*, 'when a tear falls, that reflection of you which it carries in it falls too' (*which* now refers to a thing and so can be the object.)

And corresponding to these again, there is a slight variation in the meaning of *so, according* as the last line stands alone or follows on from the one before. 'These tears by falling show that you will who were the cause of them. And therefore, because you will fall when we are separated, when we are separated we shall both become nothing, or 'When the reflection of you is detached from my eye and put on a separate tear it falls; in the same way we shall ourselves fall and be nothing when we are separated by water'. All these versions imply that their love was bound to lead to unhappiness; the word *fall* expects unfaithfulness, as well as negation, from her absence; *then* means both 'when you fall' and 'when we are separated', as if they were much the same thing; and *nothing* (never name her, child, if she be nought, advised Mrs. Quickly) says the same of himself also, when a channel divides them deeper, but no less salt, than their pool of tears, etc, etc.

A P Ê N D I C E

CRONOLOGIA DONNIANA

- 1571 — Nascimento em Londres, talvez no dia 16 de agosto.
- 1575 — John Donne, pai do poeta, morre no dia 16 de janeiro.
- 1584 — Matricula-se em Oxford, 23 de Outubro, deixando Hart Hall.
- 1584-87 — Anos de estudo em Oxford.
- 1587-90 — Anos de estudo em Cambridge.
- 1591 — Estudante em Thavies Inn.
- 1592 — Ingressa na Lincoln's Inn, 6 de maio.
- 1592 — Novembro de 1594 — Na Lincoln's Inn.
- 1593 — Henry Donne, irmão do poeta, é preso por ter dado abrigo a um padre seminarista, morrendo pouco tempo depois na Newgate.
23 de junho, Donne recebe a herança paterna.
- 1594 — Em abril, êle recebe, pela morte de Henry, a herança fraterna.
- 1595-6 — Viaja pela Itália e Espanha.
- 1596 — Toma parte na expedição de Essex contra Cadiz.
- 1597 — Toma parte na expedição às Ilhas.
- 1598-1602 — Secretário de Sir Thomas Egerton.
- 1601 — Em dezembro, êle se casa com Ann More. E' demittido por Sir T. Egerton.
- 1602 — Durante o mês de fevereiro permanece preso na prisão Fleet.
- 1602-4 — Vive com a esposa em Pytford, como conviva de Sir Francis Wooley.
- 1606-7 — Vive em Mitcham, tendo ao mesmo tempo cômodos em Strand, em Londres, enquanto trabalha para Thomas Morton.
- 1607 — Morton é designado Deão de Gloucester no dia 22 de junho. Insiste para que Donne entre para a ordem religiosa. Contribue Donne com versos prefatórios para a obra Volpone de B. Jonson.

- 1608 — Dedicase a obra *Biatanatos*.
- 1610 — Publicase “*Pseudo-Martyr*”. Donne recebe o M. A. da Univ. de Oxford.
- 1611 — Publicase “*Ignatius his Conclave*”; e “*The Anatomie of the World*”.
- 1611 (nov.) — 1612 (set.) Com Sir Robert Drury vai à França e aos Países Baixos.
- 1615 — No dia 23 de janeiro ordenase. Em abril do mesmo ano, recebe o título de D.D. da Universidade de Cambridge.
- 1616 — Designado Reader In Divinity na Lincoln’s Inn (out.)
- 1619 (maio) — 1620 — Missão do Visconde de Doncaster na Alemanha.
- 1621 — Designado Deão da Cathedral de S. Paulc, no dia 19 de nov.
- 1624 — Designado vigário de St. Dunstan’s.
- 1631 — Prega diante do Rei o sermão conhecido como *Death’s Duel*, no dia 12 de fev. Morre em Londres no dia 31 de março.

OS ASPECTOS DE "CANÇÕES E SONETOS"

<i>1.º aspecto.</i>	<i>2.º aspecto</i>	<i>3.º aspecto</i>
cinismo, insolência apaixonada. Não há lamentações Petrarquianas.	desesperança e adoração típicas do petrarquismo platônico, artificialismo.	menos artificialismo (do que no 2.º) mais pureza (do que no 1.º). Sinceridade, lealdade, alegria do amor mútuo.
2. Song (Go, and catch a falling star.	1. The Good-Morrow 12. The Legacy 18. Twickenham Garden.	4. The Undertaking 5. The Sun-rising 8. The Canonization
3. Woman's Constancy.	22. Love's Exchange.	10. Lover's Infiniteness 11. Song (Sweetest Love.
6. The Indifferent.	40. The Funeral.	13. The Fever
7. Love's Usury.	43. The Relique.	15. The Break of Day
9. The Triple Fool.	46. A Jet ring sent.	14. Air and Angels
20. Community.	50. The Computation	16. The Anniversary
24. The Dream.	54. Sonnet. The Token	17. Val. of my name
26. Love's Alchemy.	41. The Blossom	19. Val. of the Book
27. The Flea.	42. The Primrose.	21. Love's Growth
28. The Curse.		24. The Dream
29. The Message.		25. Val. of weeping.
32. The Bait.		30. Nocturnal upon St. Lucy's Day.
33. The Apparition.		31. Witchcraft by a Picture.
34. The Broken Heart		32. The Bait.
37. Love's Deity		35. Val. forbidding Mourning.
38. Love's Diet		36. The Ecstasy.
39. The Will.		43. The Relique.
41. The Blossom.		45. The Dissolution
42. The Primrose.		48. The Prohibition
44. The Damp.		49. The Expiration
47. Negative Love.		53. A Lecture Upon the Shadow.
51. The Paradox.		47. Negative Love.
52. Farewell to Love		
55. Self-Love.		
14. Air and Angels.		

Os números se referem à ordem dos poemas na edição seguida.

BIBLIOGRAFIA

1. The Complete Poetry and Selected Prose of John Donne and The Complete Poetry of William Blake. A Random House Book. New York, 1941.
2. John Donne — Poetry & Prose, With an Introduction and Notes by H. W. Garrod, Oxford, At the Clarendon Press.
3. Studies in Shakespeare, Milton and Donne. N. York, Macmillan Co.
4. Modern Poetry and the Tradition, Cleanth Brooks, 1939.
5. Izaak Walton's Lives, Henry Washbourne, MDCCCXLVII.
6. Les Doctrines Médiévales Chez Donne Le Poète Métaphysicien de L'Angleterre, Mary Paton Ramsay, M. A. Oxford U. Press.
7. Shakespeare's Works, Oxford.
8. John Donne, Augustus Jessopp, Leaders of Religion.
9. Metaphysical Lyrics & Poems of the Seventeenth Century — Donne to Butler — Selected and Edited, with an Essay by Herbert J. C. Grierson. Oxford — At the Clarendon Press.
10. The Cambridge History of English Literature — Vol. IV, Chapter XI — John Donne — página 196.
11. Razon Teologica Y Experiencia Mistica, P. Augusto A. Ortega, C.M.F., Editora Nacional, MCMXLIV, Madrid.
12. História da Literatura, Fidelino Figueiredo, Editora Anchieta S. A.
13. Elizabethan & Metaphysical Imagery, Rosemond Tuve, The Univ. of Chicago. Illinois, 1947.
14. Seven Types of Ambiguity, William Empson, Rev. Edition, New Dir.
15. Poems of John Donne, Vol. I, The Muses' Library, E. K. Chambers, George Saintsbury.
16. A Companion to Shakespeare Studies, MacMillan.

Para mais completa bibliografia consulte-se a obra de Mary Paton Ramsay, M. A.

Infelizmente, a magnífica bibliografia por ela citada, não nos foi possível obter por estarem as obras esgotadas.

DEFESA DA TESE APRESENTADA AO DOUTORAMENTO NA CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA INGLÊSA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PELO LICENCIADO HIGINO ALIANDRO

O Lic. Higinio Aliandro, que desde 1945 vem exercendo a função de primeiro assistente da Cadeira de Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana, apresentou-se ao doutoramento no dia 9 de junho de 1950, com a tese intitulada "John Donne no movimento literário metafísico". A atividade docente do dr. Aliandro como professor de língua inglesa começou em 1931. Posteriormente dedicou-se também ao ensino das literaturas inglesa e americana. Foi secretário-executivo da União Cultural Brasil-Estados Unidos de 1945 a 1947. Em 1946, com bolsa de estudos, freqüentou a Universidade de Michigan em Ann Arbor, nos Estados Unidos da América do Norte. No começo do corrente ano foi encarregado da direção da Cadeira de sua especialidade na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Conhecedor dos claros existentes neste ramo do ensino, quis contribuir com seu trabalho ao preenchimento de um dêles: a divulgação da obra e do pensamento de John Donne, pouco conhecido entre nós, e de muita importância para os autores modernos. A meta foi alcançada plenamente. Aceitando o plano de trabalho que lhe sugeriu o prof. Kenneth J. Swann, titular da cadeira em questão até 1947, e enfrentando a grande responsabilidade de tratar tão intrincado tema, em vista da impossibilidade de obter tôda bibliografia atinente a tal estudo (grande parte das obras indicadas não as pode obter, ou por estarem exgotadas, ou por estarem inacessíveis nas bibliotecas inglesas), procurou o dr. Aliandro pôr em evidencia os seguintes temas: a) John Donne, sua biografia nos fatos elucidativos de sua obra; b) os aspectos gerais dessa obra, quer em prosa, quer em verso; c) o movimento metafísico seiscentista, onde especialmente focaliza Donne, seus principais discípulos e Shakespeare; d) as imagens, os conceitos e as atitudes mais caracterizadoras da poesia de Donne.

A intenção da tese, as dificuldades bibliográficas, os quatro temas acima relacionados, nos são referidos em um prefácio onde, também, nos apresenta John Donne, autor inglês. A tese contém 106 páginas datilografadas, assim distribuídas: 1) Prefácio; 2) Índice; 3) Biografia; 4) Obra; 5) O movimento literário metafísico; 6) Conclusões; 7) Notas; 8) Cronologia donniana; 9) Os aspectos de "Canções e Sonetos; 10) Bibliografia.

Na pormenorizada biografia destacam-se, principalmente, os seguintes fatos elucidativos da obra donniana: a) segundo afirmação de Donne, a Jonson, as canções, as elegias e as principais sátiras já se encontram escritas antes dos 25 anos; nos poemas desta fase notam-se abundantes metáforas de cunho jurídico, o que demonstra a influência do Direito sobre o espírito do poeta; b) de 1601 a 1615 a poesia e a vida de Donne são uma adulação inteligente a patronos reais ou prováveis; c) os fatos determinantes da conversão de Don-

ne, de católico para anglicano, e a conseqüente ordenação como pastor, conversão esta de grande importância porque sugeriu ao próprio poeta a divisão de sua vida em duas partes, a secular ou a de Jack Donne e a religiosa ou a do Dr. Donne; mesmo condizendo com a distinção apontada pelo poeta, esta divisão não revela a realidade, pois Donne permanece o mesmo homem nestas diferentes fases, tendo-se operado em seu espirito apenas uma transmutação do objeto de seus desejos; d) 1616 a 1630 escreveu os famosos sermões e os poemas sacros, vindo a falecer em 1631.

Ao estudo da obra de Donne dedica 46 páginas, nas quais examina as fases literárias da vida do poeta, com base nos textos e na biografia, sugerindo para as mesmas o seguinte quadro-tentativa:

1. ^a fase (± 1593-1601)	{ a) poeta b) prosador	{ 1. Canções e sonetos 2. Sátiras e elegias 3. Epigramas 4. Pastorais
2. ^a fase (± 1601-1614)	{ a) prosador austero b) epistológrafo c) poeta artificial	
3. ^a fase (± 1615-1631)	{ a) pregador sacro b) poeta divino	

Apoiando-se na correspondência do poeta, estabelece os elos psicológicos entre a vida de Donne e suas obras. As obras em prosa, o pregador e as cartas são sucessivamente apresentadas antes de uma visão de conjunto da poesia donniana, pois o que realmente interessa à tese é o poeta. Em "Paradoxes and Problems" e "Ignatius his Conclave ou "His Inthronisation in a late Election in Hell", destaca o prosador satírico e violento que na segunda obra citada se mostra contrário aos jesuítas. No "Pseudo-Martir" salienta o controversista, concluindo, contrariamente ao título, tratar a obra do ponto de vista político e jurídico, da luta entre a autoridade civil e a eclesiástica. "Biathanatos", um estudo a respeito do suicídio, a que alguns críticos dão importância autobiográfica, seria melhor interpretado como uma justificação da idéia do suicídio, interpretação esta apoiada em cartas de Donne que revelam o pensamento da morte e permitem fixar a época em que a obra foi escrita.

Apesar do valor dessas obras e do grande e profundo conhecimento nelas revelado, a fama do autor, como prosador, repousa nos sermões. Após breve notícia sobre o pregador, o epistológrafo é apresentado através de uma de suas próprias cartas, em que faz o elogio da correspondência. São conhecidas cerca de 160 cartas. Enviadas a amigos e patronos, escritas com a finalidade de atingir a posteridade, revela não só a personalidade brilhante e insolente de Donne, como também sua sabedoria e erudição. As cartas são utilizadas e interpretadas através de toda a tese.

A visão de conjunto da poesia donniana segue de perto o critério cronológico de composição dos gêneros literários pelo poeta. Este critério, que aparece adotado nas duas primeiras edições (1633-1635) da obra poética de Donne, é o seguinte: Canções e Sonetos, Epigramas, Elegias, Epitalâmios, Sátiras, Cartas a Diversas Pessoas, Elegias funerárias, O Progresso da Alma e Poemas Divinos.

Três divisões são estabelecidas para a poesia de Donne: a) amorosa; b) metafísica; c) satírica.

"Canções e Sonetos" e as elegias exemplificam a poesia amorosa, bastante realista. Do estudo dos pormenores desses poemas resultou uma tentativa de classificação das "Canções e sonetos" segundo o critério de três aspectos nelas notado: 1º) cinismo e insolência apaixonada, isento de lamen-

ções petrarquianas; 2.º) desesperança e adoração, típicas do petrarquismo platônico da época; artificialismo; 3.º) menos artificialismo do que no segundo aspecto, mais pureza do que no primeiro, sinceridade, lealdade e alegria do amor correspondido.

Os poemas satíricos e metafísicos constituem a maior parte da obra poética de Donne e inúmeros deles são examinados nos seus pormenores. As cartas versificadas e as elegias funerárias, que caracterizam os anos centrais da existência do poeta, refletem um período artificial. Para provar esta conclusão, muitas delas são, também, estudadas nos seus pormenores.

Juntamente com o exame dos aspectos característicos dos poemas, ocorre uma exame dos temas. "The First Anniversary" e "The Second Anniversary", elegias funerárias que fazem parte de dois poemas longos, "The Anatomy of the World" e "Of the Progress of the Soul", são examinadas minuciosamente do ponto de vista do tema: a contemplação do tempo e da morte. Os poemas sacros "On the Annunciation and Passion falling upon one day", "The Litany", "La Corona" e "Holy Sonnets" são citados e comentados de um ponto de vista psicológico; neles o objeto da afeição do poeta mundano encontra-se transmutado.

Uma análise acurada dos poemas de Donne pôs em relevo: a) os seus extremos poéticos: lírico-amoroso, ora cínico, ora satírico, quase sempre irônico; satírico; místico, aqui aparecendo também o cunho irônico; b) seu rompimento com a tradição petrarquiana na forma e no tom suave convencional de expressão; sua necessidade de expressão pessoal e viril dá novo impulso à poesia inglesa; c) a transformação que se passava em seu espírito quanto ao objeto da afeição; d) gosto por temas repetidos e preferência por determinadas palavras aplicadas a certas qualidades de pessoas definidas. Um estudo comparado desses temas e dessas palavras ocorrentes em textos diversos, permitiu relacionar os poemas e descobrir a quem se destinavam, ou quem é a inspiradora dos versos.

A situação de Donne no movimento literário metafísico foi desenvolvida em 37 páginas, abrangendo os seguintes tópicos: a) definição do movimento; b) Shakespeare metafísico; c) as imagens e os conceitos na poesia isabelina; Donne e Shakespeare como poetas metafísicos; d) as imagens e os conceitos de Donne; e) Poemas divinos.

No desenvolvimento destes tópicos salientam-se:

a) 1. A poesia metafísica é a poesia da agudeza (**wit**), considerada não só como percepção aguda das analogias, mas também como viva convicção do fato de que a atitude clara para com uma dada situação não é a única possível. Escrevendo seus poemas sobre assuntos comuns, teria forçosamente os poetas metafísicos de torná-los repletos de imagens, mas imagens incomuns, portanto difíceis. Usam paradoxos, símiles, hipóboles e metáforas, numa palavra "conceitos" esquisitos. Realizam o equilíbrio perfeito entre o intelecto e a emoção. 2. Os conceitos de Donne comparados aos de seus discípulos G. Herbert, Richard Grashaw, Robert Herrick, Thomas Carew e Henry Vaughan.

b) 1. Aproximação entre o desenvolvimento do estilo de Shakespeare e o de Donne. 2. A crescente complexidade do estilo shakespeariano revela o mesmo exercício mental que os metafísicos tanto se compraziam em obrigar os leitores a praticar. 3. Os conceitos de Shakespeare em "As you like it", "Twelfth Night" e nos "Sonnets". Os conceitos de Shakespeare profundamente engenhosos; os de Donne repletos de erudição.

c) 1. Os processos de imaginação poética. 2. Shakespeare e Donne, poetas metafísicos, através de uma comparação entre as características diferenciadoras de suas imagens e conceitos.

d) 1. O caráter essencialmente funcional das metáforas e conceitos nos poemas metafísicos. 2. A aplicação do vasto conhecimento de Donne na poesia pode ter sido espontânea. As argumentações, as comparações na poesia como produto da emoção e da erudição do poeta. 3. A metáfora ligada à

agudeza do intellecto (*wit*); os vários tipos de agudeza servindo para exprimir: a) precisão, b) concentração, c) cunho irônico. 4. Enumeração dos diferentes cunhos irônicos revelados pelas imagens e conceitos das "Canções e sonetos".

e) 1. O cunho irônico incompatível com a poesia religiosa. 2. A agudeza e o cunho irônico aparecem nos poemas mais solenes de Donne. 3. Os sonetos X e XIV examinados deste ponto de vista. 4. A união mística-metafísica; equilíbrio entre intellecto e emoção. 5. Diferença entre a mística inglesa, a espanhola e a portuguesa.

Terminado o acurado estudo e a avaliação da obra poética de Donne, nas "Conclusões" insiste o dr. Aliandro nos pontos de vista apresentados no prefácio e no decorrer da tese: 1) originalidade impressionante do poeta; 2) seu rompimento com a tradição petrarquiana em fundo e forma, dando origem à lírica metafísica; 3) Petrarca ainda aparece na poesia donniana, especialmente quando dedicada a uma dama, mas sempre alterado; 4) foi o primeiro satírico da inspiração clássica; 5) os sermões e a poesia são as partes mais importantes da obra donniana; dentro da escola metafísica seiscentista destacam-se pela inspiração e pela riqueza e novidade das imagens e dos conceitos. 6) os conceitos e as imagens de Donne distinguem-se pela erudição; 7) há na poesia donniana as seguintes notas: precisão, concentração, ironia; 8) a nota de ironia aparece sob os mais variados aspectos e atitudes; 9) nos poemas líricos observa-se uma tendência para a unidade das seguintes atitudes: cinismo artificial com laivos de ternura, contemplação do tempo e da morte, unificação destas atitudes e climax no poema "The Extase"; 10) a nota dominante dos poemas líricos, a ironia, salienta-se nos poemas divinos quase com a mesma intensidade; 11) por meio do cunho irônico no jogo das imagens, dos conceitos, das metáforas, dos paradoxos, das hipérboles, das antíteses, Donne procura atingir o enobrecimento e excede a todos os discípulos pela inteligência conceptualista e sinceridade da emoção.

A comissão examinadora constituída pelos professores Pedro de Almeida Moura, Fidelino de Figueiredo, Émile G. Léonard, Leonard S. Downes e Geoffrey Wile foi unânime em ressaltar a oportunidade e o valor informativo da tese para o público não especializado, a probidade crítica revelada na sua realização e o espirito de cooperação do homem que recebe sugestões. As observações dos examinadores referiram-se, principalmente, a certos pormenores biográficos, aos pontos originaes e à forma da tese.

Iniciando a arguição, o prof. Fidelino de Figueiredo apresentou as seguintes objeções: 1. Para a grande crítica inglesa o interesse da tese não é o de uma especialização de assunto. 2. A aproximação original de Donne e Shakespeare mais desenvolvida teria dado ao trabalho toda originalidade de uma tese. 3. A aproximação da mística inglesa e da mística ibérica (Frei Tomé de Jesus, Samuel Usque e San Juan de la Cruz) destacando: a) diferença entre filosofia e poesia; b) diferença entre a mística inglesa, portuguesa e espanhola; c) estudo mais profundo da mística de Shakespeare, teria levado o candidato a uma tese do mais alto valor comparativo e crítico. 4. Ausência da recapitulação da crítica inglesa quanto ao assunto destas duas últimas observações. 5. O estudo original das imagens e conceitos da poesia inglesa não é mais importante do que o desenvolvimento das duas aproximações apontadas na tese. Humberto de Campos já realizou este trabalho em "O conceito e a imagem na poesia brasileira". 6. Como valores positivos da tese destacou: a) as qualidades de uma Memória, realizada com tamanha sinceridade crítica, que atrai a atenção; b) apresenta muitas notícias de interesse.

Respondendo ao prof. Fidelino de Figueiredo, pôs o candidato em evidência os seguintes pontos: 1. Se tese é um estudo comparativo, a defesa de uma idéa, uma monografia, tese também é o trabalho que apresenta originalidade. São originaes o capítulo "Imagens e conceitos da poesia isabelina" e a classificação apresentada para melhor compreensão deles. Na literatura inglesa autor nenhum ainda, tratou deste assunto. 2. Uma aproximação tão íntima

entre Shakespeare e Donne foi feita, que permitiu destacar pormenorizada-mente as características shakespeareanas e donnianas. 3. Não existe em Portugal uma mística poética, mas sim a prosa mística de Frei Tomé de Jesus e Samuel Usque; a mística espanhola com San Juan de la Cruz é um estado de exaltação muito diferente da serenidade contemplativa inglesa, proveniente do equilíbrio absoluto entre o intelecto e a emoção. O estudo comparativo profundo da mística inglesa e ibérica não foi feito por constituir assunto para a tese. 4. As obras críticas não são possíveis de se obterem fora da Inglaterra. 5. Humberto de Campos não apresenta uma classificação elucidativa em "O conceito e a imagem na poesia brasileira", mas, sim, uma compilação de poemas que ilustram títulos genéricos, tais como a Rosa, o Amor, a Morte, etc.

Com a palavra, o prof. Émile Léonard apresentou as seguintes objeções: 1. Pequena a proporção da história geral e eclesiástica em relação à importância histórica e religiosa do poeta; Donne, poeta e pastor anglicano, exerceu influência sobre outros ministros, como, por exemplo, os irmãos Wesley. 2. A obra "O Pseudo-Martir" como chave para compreensão da conversão religiosa de Donne é mais valiosa do que como exposição dos conceitos não condizentes com o martírio, ou, como sátira violenta contra os jesuítas. 3. A falta de sinceridade na conversão de Donne, provada pelo fato de descender o poeta de mártires católicos, é argumento fraco, pois naquele tempo era comum a passagem de membros da Igreja Romana para o Anglicanismo. 4. Um estudo dos poemas isolados dos sermões não é completo, porque o pregador e o poeta são inseparáveis; as características dos sermões são as mesmas dos poemas. 5. O estudo dos poemas divinos, feito em quatro páginas apenas (50-54) é insuficiente. 6. O conceitualismo aparece em todas as místicas dos países protestantes, não sendo uma característica extraordinária da poesia donniana. 7. Os poemas religiosos e conceitualistas da primeira metade do século XVII em França deveriam ser incluídos; a obra de Albert Schmidt impõe-se neste assunto.

A tais objeções respondeu o dr. Aliandro: 1. Um estudo mais profundo da história geral e eclesiástica teria conduzido a outra tese. "O Pseudo-Martir" visto por um católico-romano tem significação diferente de quando visto por um protestante. 3. Entre os parentes de Donne sacrificados pela perseguição anglicana, conforme relação constante da própria tese (nota 9), figuram sua mãe, falecida no exílio, e o irmão que morreu na prisão, apenas por ter dado abrigo a dois jesuítas; estes acontecimentos, de tanta significação para o poeta, não o levariam, na certa, a entrar por convicção na Igreja Anglicana. 4. Que as características dos sermões são as mesmas dos poemas, isto está revelado na tese; esta, porém, foi baseada sobre a poesia e não sobre a prosa. 5. O estudo dos poemas divinos compreendido entre as páginas 50 (inclusive) e 54, portanto 5 páginas, é acrescido, na parte final da tese, de outras 5 páginas (86-89.^a); além disto, toda a parte final, desde o "Movimento Literário Metafísico", trata do assunto. 6. O conceitualismo na poesia de Donne é ressaltado por ser um dos pontos originais da tese, uma tentativa de classificação das imagens e conceitos donnianos. 7. Os poemas religiosos conceitualistas franceses não foram incluídos, porque não era finalidade da tese um estudo comparativo profundo, o que daria assunto para outro trabalho.

Foram as seguintes as objeções do prof. Leonard S. Downes: 1. Maior interesse compensador teria resultado do esforço da tese orientado no sentido da influência da mística espanhola sobre a inglesa. 2. Estudo insuficiente do fundo histórico-religioso do tempo. 3. A viagem de Donne à Espanha, o contacto com a Inquisição, contribuíram para que mudasse de igreja. 4. A sinceridade da conversão provada pelo que Donne chamou de religião corrupta, após o contacto com a Inquisição. 5. "O Pseudo-Martir" deve ser interpretado à luz dos acontecimentos contemporâneos. 6. Certos aspectos literários deveriam ser ressaltados com o devido valor dentro da época e não como extraordinários. As comparações eram um divertimento da época. 7. É uma

característica típica do anglicanismo o equilíbrio entre a fé e a razão, ressaltado como extraordinário na poesia donniana. 8. A pesquisa das expressões que levaram à descoberta das pessoas inspiradoras dos versos não tem base sólida, pois estas expressões eram parte do vocabulário geral da época, como as palavras bomba atômica, avião, locomotiva, fazem parte do vocabulário de hoje.

Com os seguintes argumentos se defendeu o Lic. Higinio Aliandro: 1. e 2. Orientar o esforço da tese no sentido da influência da mística espanhola sobre a inglesa, bem como ampliar o fundo histórico-religioso, seria fugir ao plano pré-fixado e desenvolver outras teses. 3. e 4. O contacto com a Inquisição, como fator determinado da maior ou menor sinceridade da conversão, não prevalece sobre o fato dos parentes mais próximos de Donne terem sido sacrificados pela perseguição anglicana. 5. Não era intenção da tese uma interpretação do "Pseudo-Martir". 6. Os aspectos literários ressaltados como extraordinários, como as comparações, o foram em função do estudo das imagens e conceitos. 7. Donne introduziu o equilíbrio entre a fé e a razão, ou melhor, entre o intelecto e a emoção, ou, ainda, entre a razão e a sensibilidade, na lírica inglesa; este equilíbrio não é característica típica da fé anglicana. 8. A intenção foi levantar uma estatística das expressões ocorridas nos poemas de Donne e não nos de outros poetas do tempo; tal estatística não tem valor para os outros poetas.

Arguiu, a seguir, o prof. Geoffrey Wile: 1. Os motivos da mudança de igreja precisam ser mais esclarecidos. 2. O sentido dado ao verso "Be the Seas Water, and the Land all sope" ("Fôssem toda a água do mar e toda a terra sabão") não é admissível em virtude da posição da vírgula. 3. "A certain modern intimate quality" é uma frase de Pierce Smith sobre as características da poesia donniana, que o candidato poderá comentar, embora fugindo ao assunto da tese.

Foram estas as respostas do candidato: 1. A passagem do catolicismo para o anglicanismo não foi repentina; um período de estudos teológicos a precedeu; os interesses e as ambições de Donne, em grande parte, justificaram a resolução. Não houve, porém, uma conversão verdadeira, uma transmutação completa de natureza, mas apenas uma transmutação do objeto de seus desejos. 2. O verso citado ("Be the Seas Water, and the Land all sope"), apesar da posição da vírgula, só admite o sentido dado, pois o outro sentido plausível, isto é "fôssem os mares de água" seria um pleonasma ridículo; a vírgula deve estar errada e não o sentido atribuído ao verso. 3. Os poetas modernos, como Yeates, T. S. Elliot são donnianos, metafísicos pelos seus processos intelectuais. Nisto consiste a qualidade moderna de Donne.

Finalizando, o prof. Pedro de Almeida Moura dividiu suas observações em externas e internas. **Externas:** 1. O título da tese não condiz com ela. "Redescobrimto de Donne" seria melhor denominação para um trabalho que pretende divulgar um autor importante do passado. 2. A forma está sacrificada na língua portuguesa; a estrutura externa prejudicou a interna; deficiência de sinonímia. 3. A rudeza de certas expressões nas traduções apóéticas; o lado estético foi negligenciado; traduções poéticas teriam evitado o obscuro na Arte, como fez Baudelaire que, traduzindo um poema inspirado na reputação duvidosa de uma mulher, usou expressões tão suaves que a reputação se tornou boa. **Internas:** 1. O poeta deveria ter sido destacado dentro de um quadro geral da Literatura Inglesa e não isoladamente. 2. O aspecto mais ressaltado do poeta, o mundano, não tem interesse vital. 3. O vocabulário específico de Donne, apenas referido em partes diferentes da tese, deveria ser objeto de estudo mais desenvolvido.

Respondendo ao seu último arguidor, firmou-se o dr. Aliandro nos seguintes pontos: **Considerações externas** — 1. A importância da divulgação de Donne justifica-se não só pelo valor intrínseco do poeta, como também pela escola a que deu origem; daí o título da tese. 2. A forma na língua portuguesa foi sacrificada a uma tradução honesta dos textos ingleses; a sinonímia en-

volve uma questão pessoal, o estilo. 3. As traduções dos poemas foram feitas segundo o critério do tradutor e não do traditori; traduções apóéticas, mas fiéis às imagens e conceitos do poeta foram preferidas às trações poéticas, que afastariam desta finalidade; a rudeza de certas expressões são explicáveis tendo-se em vista a fidelidade ao texto inglês, à idéia do poeta; Donne era muito sincero nos seus poemas e não recuava com eufemismos; a mesma atitude foi adotada na interpretação e tradução dos poemas. Além disto, as teorias sobre o obsceno na Arte são muito discutíveis. **Considerações internas** — 1. A intenção da tese foi focalizar Donne no movimento literário metafísico. O aspecto mundano foi ressaltado em consequência da pesquisa sobre as inspiradoras dos poemas. 3. Sem dúvida alguma a tese poderia ser ampliada com um estudo desenvolvido do vocabulário de Donne, mas este trabalho pela sua natureza filológica, não faz parte dos objetivos de uma tese literária.

Como se pode aduzir das observações dos examinadores e da satisfatória defesa do candidato, a tese é muito oportuna e foi plenamente aprovada. Além de contribuir para o enriquecimento do patrimônio literário universitário, veio, especialmente, facilitar aos estudiosos da Literatura Inglesa a compreensão de uma das suas figuras mais complexas, de tanta significação para os problemas literários modernos.

EDNA CHAGAS CRUZ.

("Revista de História", (São Paulo), n.
4, outubro-dezembro de 1950, pgs.
587-593).

Í N D I C E

Duas Palavras	5
Prefácio	7
I — BIOGRAFIA	9
II — OBRA	
O Prosador	21
O Pregador	26
As Cartas	27
A Poesia	29
III — O MOVIMENTO LITERÁRIO METAFÍSICO	
Definição	68
Shakespeare Metafísico	80
As Imagens e os Conceitos na Poesia Isabelina ...	87
As Imagens e os Conceitos de Donne	95
Poemas Divinos	101
IV — CONCLUSÕES	107
APENDICE	
Cronologia Donniana	111
Os Aspectos de “Canções e Sonetos”	113
Bibliografia	114
Nota de Edna Chagas Cruz sôbre a defesa da tese “John Donne no Movimento Literário Metafísico”	115

PEDE-SE PERMUTA

Pidese canje
As demande l'échange
We ask for esexchange
Man bittet um Austausch
Si richiede lo scambio

LINGUA E LITERATURA INGLESA

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
da Universidade de São Paulo
Rua Maria Antônia, 294
Caixa Postal, 8105
SÃO PAULO

Composto e impresso
na
Indústria Gráfica José Magalhães Ltda.
Rua Spartaco, 215
São Paulo — Brasil
11-IX-1951

CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA INGLESA.

pede e agradece a remessa de suas publicações.
vous prie de lui envoyer vos publications.
shall be glad to receive your publications,
le agradecerá el envío de sus publicaciones.

Endereço:

CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA INGLESA.

Departamento de Geologia
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Caixa Postal 8.105 —
S. Paulo (Brasil).

Rua Maria Antonia, 194 - C.